

AGOSTINHO BOTH

**PEQUENOS
SERES DA
TERRA**

— COLEÇÃO —
SONHOS E RESISTÊNCIA

O livro é exuberante, tanto nas histórias fantásticas de Ludi Taglieber, quanto em seu cotidiano. A ficção e a realidade se reúnem para refazerem o sonho imigrante e analisar as dificuldades em questões religiosas, econômicas e culturais. Se Ulisses atravessou mares tenebrosos, não menores foram as lutas e as perversidades superadas pelos imigrantes. O mundo da vida vibra em todos os sentidos nessa travessia temporal vivida pela família Taglieber. Posteriormente, uma guinada radical vem confrontar os antigos costumes diante dos apelos da modernidade, protagonizados pela velha senhora Ludi e seu filho Fritz. A ficção não perde para a realidade e vice-versa. Em tudo há uma luta constante para se ter o meio termo de uma ética honesta. Os tempos e os costumes mudam para os habitantes de Linha Divisa. Para os homens e mulheres de um tempo que transcende aos

Agostinho Both

Pequenos seres da terra



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Agostinho Both

Pequenos seres da terra

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.
Do livro: Romance. -Passo Fundo: Ed. IMED, 2009. 151p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.
O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.
Para ver uma cópia desta licença, visite:
creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 25/11/2014

B749p Both, Agostinho

Pequenos seres da terra [recurso eletrônico] / Agostinho
Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.
1243 Kb ; PDF – (Sonhos e resistência).
ISBN 978-85-8326-102-5

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura gaúcha.
3. Ficção brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Apresentação

Li Pequenos Seres da Terra por duas vezes. Na vez primeira, como um leitor comum, deixei-me levar pelo destino desconhecido da nova viagem, onde tudo era desconhecido: histórias, personagens, paisagem, tempo, enfim, fruição; na segunda leitura, procurei ser mais depurador, filtrando pequenos ruídos, observando detalhes, como a presença de figurações, ficcionalidade, linguagem e outras, de forma a buscar elementos que sustentam ser o texto de cunho literário.

Drummond, nosso poeta maior, em seu livro de poemas erótico e póstumo *Corpo*, escreveu que “O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente”, pois mudamos o tempo todo como o rio muda de águas.

A saga da migração alemão no Rio Grande do Sul, a história do casal Tachlieber e do vigário Lassberg, remete, em parte, à *Odisseia*, de Homero; à mulher Cristo, Jacobina Maurer, de *Os Mucker*; ao casal Catarina e Daniel Abrahão, personagens do romance *A Ferro e Fogo: tempo de solidão*, de Josué Guimarães, com a diferença de que a história de Agostinho Both é centrada no microcosmo ficcional denominado *Linha Divisa* (fronteira noroeste do RS e divisa com a Argentina) nas novas colônias, ao passo que as outras se desenrolam nas colônias velhas, região de São Leopoldo.

O que se percebe no texto de Both é o mais alto grau de intertextualidade implícita e explícita, o que denota que o autor, em primeiro lugar, é um profundo leitor dos textos clássicos religiosos e literários gregos, latinos e, sobretudo, do brasileiro Machado de Assis. Falei da intertextualidade explícita quando cita o livro *As*



melhores histórias da mitologia nórdica, onde o autor foi buscar a matéria-prima para composição de sua obra. Quanto à intertextualidade implícita, o leitor perceberá que no texto, com nova roupagem, é fácil perceber a lenda de Caim de Abel, os romances Esaú e Jacó, Brás Cubas (emplastro) e Memorial de Aires, de Machado de Assis, dentre outros tantos, além de traços da Psicologia, Economia, Administração, Mitologia, Filosofia. Ciências e Religião que se transfiguram especialmente nas personagens Ludi, Pe Lassberg e Fritz em seus diálogos antitéticos.

A narrativa de Both é construída sob o pilar da família e de suas eternas contradições. Na linha dos tempos – 1912, 1937, 1970, 1990... – e dos lugares – entre Tannerwald e Divisa –, o narrador apresenta as múltiplas narrativas que vão desde as histórias contadas pelo avô, carta, diálogos questionadores entre Ludi e Fritz, até as experiências oníricas de Ludi com elfos, anões, faunos e deuses antigos.

Com certeza, o autor, a exemplo de Machado de Assis, sabe muito bem que a literatura nasce da literatura. Nada há inocência. Que no diálogo entre o antigo e o novo é que se poderão encontrar alguns “testemunhos, vagas lembranças e de que a ausência é apenas material”. Nesta perspectiva, Machado de Assis escreveu: “Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e de outros é que se enriquece o pecúlio comum”. Quanto às ideias, o bruxo do Cosme Velho, também ensinou: “As próprias ideias nem sempre conservam o nome do pai: muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm como suas”.

Tudo tem seu tempo, como diria Carlos Drummond de Andrade, “tempo de absoluta depuração”, sendo que “lutar com as palavras é a luta mais vã, entanto lutamos mal rompe a manhã. Ludi



batalhava e não estava cega, vivendo intensamente seus três tempos: tempo da geração dos filhos, tempo dos delírios e tempo de poesia. Passando pela experiência da dor, a matriarca trazia tudo em seu peito, sendo que a ausência de Godofredo era apenas física. O sino sonoro se metamorfoseou em palavras e nada havia se perdido. Como Sherazade, Ludi conta histórias, salvando a si, a Godofredo, a Fritz, a comunidade e a memória. Ludi sabe “de todas as coisas, a mais bonita é o homem e a mulher” na medida das histórias que vivenciam e narram.

Eládio Vilmar Weschenfelder,



PEQUENOS SERES DA TERRA

Do casal Taglieber e do vigário

Amanhecia no lugar desconhecido, mas já se anunciava a Divisa. Sabia-se: bem aí se fazia a fronteira entre terras de governo e aquelas da *Volkssverein* para negócios de colônias. Haviam passado os guaranis, caingangues, os animais livres dos tiros, dos latidos em perseguição e dos gritos sobre seus corpos abatidos. Mas, precipitadamente, clareiras faziam-se e as crianças dos colonos começavam a aparecer. O vento das chuvas que vinha do rio Uruguai já encontrava seu espaço para dançar. Na parede rude entre painéis do feijão e da carne abatida, um pano pedia a bênção divina para que as lágrimas fossem abençoadas e o suor do rosto não corresse em vão. *Got sei dank*, dizia o colono quando a chuva molhava a negra terra da coivara com o milho verde que brotava. *Hier und in die Ewigkeit*, resmungava com sua dor de dente a senhora Taglieber. Mais forte vinha-lhe a dor que a devoção da palavra. Os filhos vinham-lhe robustos e cada parto parecia que seu ventre se romperia: grandes eram os ombros da piaçada. Em 20 anos, onze no total. As meninas, desde os seis anos, tinham de se haver com o alimento dos meninos, que comiam mais que o necessário.

Uma pequena capela de madeira era o suficiente para que homens e mulheres rezassem, solicitando que seus sacrifícios não fossem em vão. Mas a fé da senhora Taglieber não era das maiores no meio da floresta grande e verde. Mais lhe interessava os tucanos e os papagaios. Por causa de sua pouca fé, foi se confessar de seu pecado de não querer mais ter relações com seu marido Godofredo, mais



forte que o touro malhado e mais desejoso que a terra da água. Não agüentava mais o ventre a rebentar-se e o choro quase interminável da piaçada. Não tinha jeito de sustar aquela invasão de vida.

O Pe Vinibaldo Lassberg, ao ouvi-la, dizia-lhe que visse a melhor forma de se alegrar no Senhor, sem ter filhos. Tudo que tinha já era suficiente para agradar a Deus. Que o marido retirasse a fera antes de esgotar o prazer.

Pe Vinibaldo já havia recebido uma admoestação do senhor bispo em razão de suas deliberações pouco tradicionais. A autoridade eclesial falou-lhe: Pe Lassberg, suas convenções não são as convenções de Deus. Pe Vinibaldo respondeu ao bispo: por certo, nem o Senhor está confortado com o choro de tantas bocas.

No caso da senhora Taglieber a história, era mais séria ainda, na interpretação do vigário. A pobre senhora já começara a ter sonhos estranhos, o que levava o Pe Vinibaldo a concebê-los como insatisfações de uma mulher em face das suas tribulações. Quando o seu Godofredo veio inquiri-lo se estaria certo sobre o controle que estavam fazendo, o vigário disse-lhe que estavam matematicamente certos, pois se dez eram os mandamentos, dez filhos também deveriam ser o suficiente. Mesmo assim, Godofredo, assentado sobre sua consciência, obrigou-se a ter mais um filho. A senhora Taglieber, então, teve mais um, o suficiente para acabar com sua sã razão. As dores por serem tantas abalaram o senso de sua humanidade. Após o parto, assustava-se com seu próprio filho. Quando Godofredo, através do Pe, foi buscar auxílio divino, levou a pior lição que poderia levar. Ficou o pobre homem entre o padre e sua bendita tradição. Amaldiçoou a decisão tomada por querer servir a vontade divina. Sua esposa olhava-o sem incriminação, mas com um olhar perdido. Seus pensamentos surgiam desvanecidos e em nada mais punha seu coração durante o dia. Seus filhos andavam em seu redor



e a todos servia com palavras, como se sua boca aí estivesse, mas sua alma viajasse em qualquer outro lugar. Seus sonhos começaram a ser povoados de seres estranhos, o que mais tarde seria comprovado, fixavam-se em histórias de seu avô, as quais amava. Davam-lhe consolo nas horas vagas e saudosas. Começou, então, a registrá-las na memória de seus filhos. Suas histórias eram ditas à noite, que de dia movia-se em torno do trabalho estafante quando não se retirava silenciosa entre as árvores. Esses momentos de histórias eram os únicos que a tornavam animada. Seus registros de memórias moviam-se entre histórias cheias de mitos e de realidade.

DO PROFESSOR

A senhora Taglieber, tendo um lampião por claridade, narrava a seus filhos: era uma vez um professor, sério como um poste e inteligente como o anjo da guarda, mas pobre como São José em Belém. Tinha muitos filhos porque acreditava que Deus abençoa as casas pelo número de filhos. Ganhava pouco, muito pouco, e era obediente a um padre que mandava em toda a paróquia. O professor falava muito bem e cantava melhor ainda. Vivia pensando o melhor para todos de sua comunidade. Mandava tocar o sino quando alguém falecia, o qual tocava muito triste, mas tocava alegre nas festas. Escolhia os cantos da Alemanha e até os passarinhos se comoviam quando o coral cantava. Nos enterros, o professor, com seu pequeno coral, aumentava a saudade em vozes diferentes, e tanta era a tristeza, que até Deus ficava com dó daquele que havia morrido, deixando sua alma entrar no céu. Quando tocava no seu harmônio, o som na capela pequena ficava lindo e todos tinham certeza de que Deus estava ouvindo tudo. Ensinava os filhos dos colonos e não havia quem não aprendesse. Todos respeitavam o professor. Um dia, meio cansado de tanto ensinar, por pedido da comunidade, inven-



tou de ser prefeito. O Pe que mandava nele e mandava em toda a paróquia, falou, na igreja paroquial e nas pequenas capelas das linhas estendidas ao redor, que ele era um bom professor, mas ser prefeito era muito milho para sua pequena carroça. Deitou uma prosa ruim, e o professor não se elegeu. Na casa do professor todos ficaram tristes, porque entendiam que ele sabia muito e sabia mesmo. Então, ele voltou a ensinar os meninos, com paciência e bondade, entendendo que mandar não era tão importante como ajudar a sua gente.

Os filhos que ainda restavam acordados faziam algumas perguntas, que eram respondidas com certa ousadia. A senhora mãe Taglieber falava com coragem em razão dos ousados sonhos que tinha quando dormia. O lampião aceso iluminava desde os suspensórios de pano até os olhos dos meninos acordados e as pálpebras daqueles que dormiam. Quando Hermeto, o mais alto e mais forte, perguntou se o Pe havia agido certo para com o professor, ouviu uma resposta cheia de ameaças: o Pe errou mais feio que um tobo e ficou mais sujo que pau de galinheiro. Ele errou, meu filho, porque o professor sabia de tudo a respeito do lugar. O Pe não tinha nada que se meter do que não entendia. O professor havia atendido todos os colonos e sabia o que cada um necessitava para ser feliz. Sabia das sementes, da saúde, do ensino, das estradas, dos pobres mais pobres e dos animais mais magros e mais gordos, sabia do preço justo e injusto e de tudo que era preciso para governar. Tinha aprendido com os santos e sabia onde moravam as maiores dificuldades. O pecado do padre foi grande e nem o bispo poderia perdoar. O perdão só poderia chegar do arcebispo mais próximo, que morava em Porto Alegre. O Edgar perguntou se o professor continuava rezando depois do que o Pe aprontara. Claro que sim, falou a mãe, a bondade do professor tinha a vontade de Deus, que pode mais que os homens. O professor era um homem de Deus e Deus tinha o tamanho do professor. Edgar duvidou: mas Deus não é o puro e



perfeito ser, foi o que aprendi na catequese; então, de que maneira vai ter o tamanho de um homem? Pode ser disse a mãe, mas Ele se apresenta com o tamanho das pessoas. Mas de que jeito fica Deus no Pe? Pois é, disse a mãe, às vezes, ele não se apresenta muito bem. Assim é quando ficamos doentes e temos muita raiva. O melhor de tudo, então, é ajudar a Deus para que se apresente melhor. E foi para a cama quem dormia e quem não dormia.

A senhora Taglieber encontrou seu homem dormindo. Na verdade, pouco se aproximava dela depois da loucura que fora ter seu último filho. Nem Godofredo conseguia erguer seu membro só de pensar na confusão em que estava sua casa. De dia, aquela mulher impenetrável e urdida, mais distante que o gavião das alturas; à noite, mistérios saíam da boca da mulher ao dizer coisas admiráveis. Contudo Godofredo não tinha coragem de contar para o Pe vigário. Depois da esfrega que levava, achava melhor se calar para não levar outra carraspana. Mas que a mulher andava diferente, ah se andava! De dia, um silêncio a cercava, mas, à noite, as conversas que levava com os filhos não mostravam retidão e lógica de uma pessoa humilde, embora muito lida. Às vezes, Godofredo a surpreendia confabulando.

Godofredo passou por tais vilanias em torno de cinco anos. O pequeno Fritz Sigmund, de olhar esperto, parecia ter nascido com alguma culpa, por se comportar com tanta agilidade e perfeição. Quando chegava a noite, ela o tinha com todos os respeitos e abraços, mas quando chegava a aurora com seus dedos de sol, ela mudava de jeito. Sua mente e coração generosos alteravam-se, tornando-se pesarosa e difícil. Mal se punha o lusco fusco sobre a mata, e ela se tornava mais alegre que o sabiá, o pintassilgo, o tico-tico. Por isso, seus filhos aprenderam muito cedo a amar a tarde e as estrelas. Ele somente orava a Deus que velasse sobre sua mulher. Afinal, que



culpa tinha ele se aprendera a ter prazer pensando em filhos e tudo devia parar por aí mesmo. Cinco anos se passaram e ele enfrentava os dias com cuidado e trabalho intenso, e era tanto que, chegada a noite, não tinha muito mais o que fazer, a não ser dormir. Aos domingos ia para a caça e matava desde urus a veados. Nada passava ileso ao chumbo. Corria tanto quanto seus cães velozes. Chorou sobre um dos seus cães no dia em que o acertou e a caça ia longe. Não sabia se doía mais o seu grande cachorro farejador ou a situação de sua esposa. Mas, em pouco tempo, na metade dos cinco anos de loucura diurna, achou que a coisa ia longe demais. A senhora Taglieber começou a olhar o horizonte e pôs-se a falar mal, muito mal, de um lugar na direção de uma linha que parecia apavorá-la. Ali é que mora o diabo, dizia ela. Ele se veste como aqueles miseráveis colonos se vestem. O mal vem trazido pelo vento e nunca vi uma coisa boa vir de lá. Nunca vi lugar mais feio que aquele e o rio que por lá passa não dá nem sequer um lambari. Lá mora a tristeza e o diabo anda solto, dançando no murmúrio das águas. As pedras que lá existem são tão feias que, se fosse construída uma casa, Deus estaria longe dela. As mulheres de lá não sabem gerar filhos bonitos e os homens não sabem amar suas mulheres e acreditam que da mulher só presta o que tem no meio das pernas. São brutos esses homens de lá. As crianças, o que mais fazem é chorar.

Depois deste discurso pesado, o Godofredo viu que tinha que fazer alguma coisa, pois lhe cansavam os sonhos da mulher, que faziam com que ela risse e chorasse a maior parte do tempo. Mais ria que chorava. Ao perguntar-lhe sobre o que sonhava, ela dizia que estava bem e que ficasse na sua. Essa raiva incontida e tenebrosa em pleno sol serviu para alertar completamente o Godofredo. Naquele dia não parava de falar e dizia para si que a sua fala lavava sua alma e não ofendia ninguém. Repetia tudo como se tivesse decorado. Os cabelos daquela gente fedem. O sovaco deles fede mais que fede-fe-



de. Não sei como se beijam, se são tão nojentos assim. A igreja deles treme toda quando cantam. Mais gritam que cantam. O sino deles não leva o som a mais de duzentos metros. Ainda vai ventar tanto sobre a casa deles que não vai sobrar um telhado inteiro. E se rezarem, Deus vai mandar granizo também e ficarão doentes de tanta tristeza. Falou mais e mais. Eles não receberão visita de ninguém e sobrarão para seus filhos apenas um mingau de milho cheio de carunchos. Os cupins comerão, numa noite só, a metade do assoalho e as tábuas não serão boas nem para os chiqueiros. Quero que a alma deles vá para um lugar tão ruim que nem ao menos tenham os diabos para conversar. Que eles tenham somente pequenas idéias. O fogo que eles têm não serve para aquecer. Foi aí, então, que Godofredo chorou sobre as palavras, por entendê-las e saber o quanto eram pesadas, e sobre outras, por não entendê-las. A alma de sua mulher estava muito mal. Se morresse desse jeito, teria, ao menos, uma centena de diabos para levá-la ao fogo que não termina. Por tudo isso, chegou-se a ela no milharal e pediu perdão por forçá-la a ter o último filho. Não fizera por mal, mas apenas porque pensava que estaria fazendo a vontade de Deus. Não sabia se o Pe tinha razão, ou se aquilo que sempre soubera, seria o melhor. Chorou sob os pendões de milhos. A senhora Taglieber acordou de seus sonhos e de seus dias aziagos.

Godofredo tem de volta sua Ludi

Sete dias após Godofredo ter se ajoelhado no meio do mihlaral, caindo-lhe sobre os ombros as flores de muitos pendões, enquanto gravitavam andorinhas no céu e um sol dourava ainda mais as flores e o vestido de brim pesado, achatando os seios de sua senhora, começou a acontecer o milagre da boa nova. Ela sorriu de um riso certo, avisando que dias melhores estavam voltando. A primavera, que já ia alta, mostrava sua pedagogia capaz de avançar para o fogo do verão e alcançar, mais tarde, as sementes para os viventes do pequeno lugar e, também, daqueles que haviam sido amaldiçoados. A felicidade se fazia mais plena que a caixa do mel de mirim que havia colhido dois dias antes. Bem que Godofredo pensara, ao colher o enxame de uma grápia: o mel vai devolver a alegria em minha casa. Não vou mais andar feito louco pelas roças arrancando milhã e guaxuma, deixando-as mais limpas que o chão da casa nem aos domingos correrei tanto quanto meus cães. Poderei volver meus olhos alegres para os olhos solenes e alegres dela. Por certo o pequeno Fritz poderá abraçá-la à luz do dia, sem medo dela não reconhecê-lo. Não olhará de soslaio a lágrima do Hermeto nem deixará de ouvir o soluço desamparado da filha Helga.

E nunca pensara que seria tão bom ter uma pessoa normal dentro de casa. O que havia se perdido voltou. Sua mulher não falou mais pela vizinhança que seu marido havia retirado de sua barriega a alegria de viver. Interessante, interessante, dizia ela, nos dias do destempero, parece que me tiraram Deus pela minha greta. Isso causava tanto horror a Godofredo que pouco saía de casa, a não ser para rezar na capelinha, ou quando ia a cavalo até a paróquia para a missa do galo, ou para chorar, quando anunciavam a morte de



Deus na sexta-feira santa. Então, contemplava, em seu recordante pensamento, o quanto fora bom a primeira vez que, com cuidado, penetrara sua Ludi fazendo-a gemer.

Muitos anos se passariam até surgir os meios que impediam a vinda de filhos e filhas, podendo se cumprir a natureza sem os medos de outrora. Mais tarde, ele comentaria, quando afastados os temores divinos sobre seus desejos: seria bom voltar atrás e retirar o medo de Deus e o medo de ter filhos nos momentos cheios de prazer. Desonrávamos a vida com tanto medo. Andávamos sem autoridade sobre a nossa carne. Tínhamos grandes respeitos e sabíamos muito pouco sobre as alegrias do nosso corpo. Consolava-se, porém, de ver seus filhos enchendo a mesa.



Recordações dos seres imaginários

Causava encantos as narrativas da senhora Ludmila Taglieber, a Ludi, sobre as alucinações diurnas e sobre as histórias noturnas com seus amados filhos.

Os transtornos foram revelados ao Pe Lassberg, em sua casa paroquial. Temia este bendito padre que, se a comunidade tivesse em ódio àquela mulher, poderia tomá-la como possuída pelo demônio, em razão de fatos que dela eram contados. O cura estava atento às intempéries humanas. Já fazia tempo que atribuía às causas naturais os infortúnios humanos e, fazia muito tempo, já havia abandonado as idéias sobre as coisas ruins serem de origem diabólica. Brincava com seus fiéis dizendo: os azares deveriam ser tomados com tal naturalidade assim como o vento e a chuva. Praticava sua filosofia colonial, dizendo: qualquer sofrimento deve ser levado com amor. Deus não se retira no mal e no sofrimento. O andar das estrelas, dizia ele, não é moleza. Basta ver a pequena imitação humana de andar. É uma loucura, repetia. Na morte de Jesus, revela-se apenas a demência humana. Que coisa aquela de rasgarem seu corpo como se fossem cães doidos a lhe estraçalharem os ombros. Deus não pediu a morte de seu filho, para ficar de bem com os homens. Os lençóis brancos nas pedras da Páscoa dão conta da esperança e de um pouco de paz. As oliveiras ao lado brincavam ao vento quando Deus despertou e viu sua amada Madalena buscando-o. Queria ver a cara de Madalena diante de seu Senhor transformado num espírito que passeava no horto. Estava radiante. De suas chagas nada mais aparecia. Três dias foram suficientes para aparecer uma pele nova e uma alma esvoejante. Falava mais ou menos assim, e os colonos estavam estupefatos, extasiantes diante da fé de seu pastor. Pe. Vinivaldo Lassberg chegava a chorar de alegria quando confessava



que Deus atravessava o corpo e alma, assim como atravessava os céus, a lua e as estrelas. Nada poderia se perder. Estava possuído de tais sentimentos quando recebeu a senhora Taglieber. Mais tarde confessaria que estava muito curioso a respeito do que dela contavam e nada mais instigante do que matar a curiosidade diante de coisas extraordinárias. Uma alma e um olho podem fazer sucesso, dizia também. E seus ouvidos estavam atentos, buscando descobrir mais um pouco sobre a alma de sua gente. Também afirmava que dá para tirar maravilhas mesmo de seres pequenos como ele. Da alma de uma colona extraordinária poderia oferecer elementos para alegria de todos. Aprendera com Heráclito que a morada do homem é o extraordinário e que o bom mesmo é comungar com os outros desta imensa coisa chamada mulher. E o que dizer quando atravessada pelos raios do pensamento encantador? De fato, o Pe comungava também com santo Agostinho, que comungava com Deus através de todas as coisas, e comungavam ambos com o palácio da memória, onde todas as coisas ganham significado muito especial; ambos buscavam o diálogo alegre com Deus. Foi assim pensando, amando e prudenciando que recebeu a senhora de peitos já caídos, entretanto, não falecidos.

A sala, de pé-direito alto, transcendia. A grande janela dava para uma paineira robusta de flores alvas, espalhando o algodão com suas sementes para todos horizontes. Alegria branca por todos os lados. Ave Gratia Plena et circum eam gratia Dei! Quando o tempo mostrava-se tão claro, o Pe rezava para a Virgem e a graça de Deus em seu redor, olhando para o quadro da parede. Alvos panos cobriam a parte íntima de dois anjinhos. Tudo ajudava a pedir a graça de voar sobre as misérias humanas que se instalavam perto do rio Uruguai. Pe Vinibaldo se prostrava pedindo que também pudesse dominar a serpente do mal que lhe circunscrevia os rins. Havia um labirinto na alma humana o qual precisava ser dominado,



superando os espinhos que feriam os incautos. Desejava de todo o coração o que lhe revelara a sua oração: Gott hilfe uns alles! . Rezar era seu grande recurso, mas, objetivamente, a capacidade de ouvir e ajudar a avaliar gerava grandes resultados. Ou seria a mesma coisa? Deus estava nele e por ele punha seu socorro? Teria uma eternidade para responder. A senhora ia entrando em sua ampla sala. Já não havia tanto sol nem a paineira podia ser tão bem divisada, uma vez que o Pe Vinibaldo soltava de seu grande cachimbo uma fumaça agradável. Havia um braseiro em seu cachimbo e o senhor Pe bafurava. Fez-se um longo diálogo antes de ela pôr em dia sua alucinante narrativa.

– *Gelobt sei Jesus Christus!*

– *Im unsere Hause und im Ewigkeit!! Was is dan passiert, Godfred sein Frau?*

– Já não sei o que anda solto dentro de mim!

– Vamos ver se juntos podemos segurar melhor!

– Que assim seja!

– O Godofredo me contou que depois de teu perdão debaixo dos pendões a vida melhorou.

– Antes parecia que havia apenas pesadelos.

– Isto mostra que tudo pode acontecer,

– Assim sempre foi, mas quem é que segura o diabo!

– Deus em nós, *und alle zusammen!*

– Isso é verdade! Espero que nossa conversa seja boa e deixe minha alma ainda mais leve! Quero andar sem necessidade de me



ocultar na mata e me esconder do rosto de meus filhos sob a luz do sol. Quero que minha cabeça não veja mais os fantasmas que eu via. Quero conversar alegremente também à luz do dia!

– Assim é que se fala!

– Havia uma dor dentro de mim e uma loucura! Meu corpo não tinha mais apetites. Somente quando entrava no mato do senhor Holz é que tudo em mim gritava, querendo mais e mais prazer. Parecia que minha alegria estava escondida. Depois do nascimento do pequeno Fritz, tinha nojo do Godofredo! Ele não me consultou para deixar sua semente dentro de mim! Não era o ventre dele que se esvaia em sangue! Quis morrer tantas e tantas vezes. E agora tenho vergonha de ter preferido encontrar tantos seres entre as árvores e sentir prazer com anões que carregavam facões e raiva com bruxas jovens que me perseguiram. Deitava com muito prazer nas folhas, deixando que outros seres, narrados por meu avô, viessem tomar minha fenda molhada! E sentia um prazer quando os faunos me devoravam. Sabia que o prazer não resultaria em filhos! Tinha uma fada velha, muito velha! Ela me dizia coisas belas sobre a vida e me alcançava ervas para não precisar chorar quando me sentia angustiada. Me fazia dormir nos melhores tufos durante horas. Era por isso que achavam que eu estava com o diabo no corpo. Estava bem e a velha senhora me ajudava a ter paciência. Me visitavam, também, uma velha de apelido Gudheit, bondosa, e outra mais velha ainda, que se chamava Freundheit, muito amiga. A principal delas era a von Sprach a que tinha uma boa palavra. Voltava para casa com todas elas no coração e à noite falava alegremente com meus filhos, como se nenhum deles tivesse ferido meu ventre e mordido meus seios. Buscava com essas fadas o que ninguém podia me dar.

– Mein Gott! Por onde você andou mulher!



– Não contei a metade dos meus sonhos, quando passeava entre os quatro riozinhos nas florestas da Divisa.

– Conte tuas loucuras, que é para se livrar delas.

– Carreguei cordas fortes e vi galhos fortes, mas as fadas me diziam para conversar com a Dona Lamsam. Ela saberia dizer a palavra certa. Mandaria meus pensamentos das cordas irem embora.

– Fale mais de tuas fadas e faunos!

– Pe, segura os teus fantasmas. Eles queriam ter comigo!

Houve, então, um grande silêncio e Pe Lassberg reconheceu que estava mais para um fauno que para um sacerdote. Estava despertando nele sentimentos nunca dantes navegados. Conseguiu, ainda, expressar seus sentimentos.

– Assim é. A gente descobre melhor quem a gente é, dividindo com alguém o que ainda não se teve. Tenho também desejos de que essas velhas senhoras e os faunos saindo de você, cheguem até mim.

– Pe, não esqueça que estamos querendo habitar uma casa em ordem!

– *Das ist Wirklich!*

– Não posso andar com estes seres perdidos dentro de mim.

– Fale mais da fada velha, a que sabia usar a palavra!

– *Naia dan! von Sprach*, assim era seu nome, no primeiro dia de nosso encontro, me disse que eu teria cinco anos de aprendizagem. Falou: o exercício é que faz o mestre. Era o tempo de minhas lições. Quando ia até a mata, durante o dia, é que me apareciam ela e suas companheiras. Os faunos e os anões de facões sumiam,



não gostando quando vinha, como a maioria das vezes acontecia, com meus filhos, ou, tendo por companhia as fadas velhas. Muitas vezes adormecia enquanto meus filhos brincavam com os cipós ou examinavam as arapucas. Depois de meus sono e sonhos, quando já anoitecia, íamos para casa. Era, então, que conversava com Deus e todo o mundo, mas de modo especial com meus filhos. Parecia que luzes se acendiam em mim. As idéias vinham alegres e pequenos fatos tornavam-se grandes. É como se pequenas casas se transformassem em castelos. Temia que de tantas histórias cheias de graça pudessem perder, como eu, a ordem das idéias. Meu coração se inflamava de amor e mais ainda com o pequeno Fritz. Não podia perdoar, entretanto, o Godofredo. A minha fenda estava toda torta. Lembrava as lições de von Sprach, que me assistia. Vinham com ela conversas antigas e poesias tão leves que pareciam pequenos pássaros que voavam dentro de mim. Numa noite iluminada, consegui dizer apenas uma palavra de amor para o Godofredo, mas insuficiente para poder deixar que me tocasse. Somente os faunos e os anões com facões podiam me tocar. Era justamete aí que me comovia toda. Tremia de prazer e nada estava triste em meu corpo. Havia uma falsidade, porém. *Das war alles falsch!* Consultei numa tarde a minha sábia fada e ela me disse que grandes palavras e grandes sofrimentos deixam seus estragos, mas o tempo poderia pôr remédio e, passados os cinco anos, estaria pronta. Justamente findo o tempo, pude perdoar o Godofredo. Agora já não preciso mais buscar os faunos. Me basta o que Gofredo busca em mim.

– E não conseguia afastar os faunos e os anões, perguntou o Pe?

– E quem poderia, sem vontade, resistir a esses danados! E deixa eu contar mais. Estando eu deitada sobre o melhor tufo de baixo de grande paineira, veio o fauno Tao Pelewski e envolveu-me



toda. Senti que me molhava, pronta para receber tudo o que viesse de grande e bom. Falou em meu ouvido, sussurrando, ao deslizar suas duas mãos sobre cada um dos meus seios: teus seios merecem toda ternura; serviram tanto à vida! Suaves mãos te circundem e docemente deslizem por debaixo de tuas roupas. Aí, meu Deus, o Pelewski me possuiu. Desejo que um dia possa renovar tantas vezes o mesmo sentimento para provar a mim mesma que Deus existe e que tudo seja com Godofredo.

Neste momento a fumaça do cachimbo se extinguiu. Cinzas foram depositadas e a tarde desfalecia. Ao verem o quanto as horas avançavam, apressaram as despedidas. Combinaram, ainda, sobre a chaminé da senhora Taglieber. Que pudesse limpar-se totalmente e expelir, de um fogo caseiro, realidades sem alucinações. Ficaram para a próxima semana outras confissões de antigas lembranças e memoráveis desejos.

Pe Lassberg levou Ludi até o Godofredo que estava *mit seine Schessie*. Havia alegria na expressão de Godofredo e os cavalos estavam nervosos. Alegria estava por dentro e por fora daquela festiva carroça de muitas cores. Por certo, pensou o Pe, se Deus retornasse em Santo Cristo também ia querer uma carrocinha assim para produzir seus divinos pensamentos. Depois foi até a Igreja e rezou: que as águas possam correr murmurantes em suas fontes e, da mesma maneira, as mulheres da Divisa possam ter seus recursos livres de angústias. Riu-se da fada von Sprach e sua querida revelação. Era o mesmo que se dizia de Jesus Cristo, que mandou amar antes de se apresentar a Deus. À noite, acendeu novamente seu cachimbo, enquanto olhava a Vésper que despontava sobre as árvores. Via diversos animais desenhados nas fimbrias e louvou a Deus por existir a senhora Taglieber. Pôs em ordem seus pensamentos para que os momentos não fossem perdidos. Percebeu que a alma humana tem



alguns mistérios, mas nem tanto podem estar ocultos a ponto de não se ter domínio e proveito. Corria-lhe no peito uma inusitada satisfação e avaliou que fosse a tocante graça de Deus, e ria sozinho, sentindo falta de confessar tudo a uma mulher. Mas o que faria sua esposa se soubesse que estava tão satisfeito por receber esta alegria de outra. Possivelmente teria dissabores. Ficou, então, satisfeito consigo mesmo. Poderia entender mais um pouco, mas, com certeza, não poderia avaliar tudo o que se passa no coração de uma mulher. Aí, sem dúvida, Deus põe boa parte de seus segredos e o que nos homens se mostra, nas mulheres se oculta, mas provocam mais nuances que as coisas de muita nitidez. Só Deus sabe tudo o que quer, por mais que se olhe com respeito e inteligência. Foi dormir a ver se tiraria de seus sonhos algo semelhante ao que acontecia com sua penitente e que lhe aparecesse uma fada, mesmo que não fosse tão velha quanto as fadas conselheiras da senhora Taglieber. Desse jeito não sentiria culpa e sem a maledicência de seus fiéis. Riu-se ainda de manhã quando, em sonhos, apareceu-lhe Nossa Senhora pondo sob seus pés uma serpente, mandando que ele se comportasse e que tivesse mais puros seus pensamentos. Enquanto comia seu pão com *keeschmia*, ria ainda mais por entender seus sonhos.

Aguardou com boa ansiedade a quarta-feira, dia em que viria a sonhadora e doce senhora. Pois chegou e foi entrando com serenidade de quem está em paz consigo e com Deus. Saiu mais natural seu *gelobt sei Jesus Christus*, como se fosse natural contar a um Pe as transas com espíritos e seus sopros eróticos. Ele sentiu o calor de seu corpo aconchegante e adivinhou seus seios debaixo de sua roupa de brim, e tudo se aromatizava com o chimarrão já pronto. Ali estava uma loucura de pobreza, muito sofrimento e alegrias retiradas entre sonhos. Quando os olhos brilham, pensou, pouco importa o tamanho da casa ou a beleza do jardim. Ali estava ela, embora com seu sexo torto, mas feliz. A vida com os pés no chão



tinha também uma bela expressão de amor. Poderia, então, fazer uma canção gloriosa em nome da Virgem Maria, que tendo Deus na barriga nunca se achou mais que os outros, ao contrário, visitava parentes escondidos nas montanhas. A inspiração era propícia para uma boa conversa, no qual o verbo divino poderia pôr em ordem pedaços perdidos do coração da mulher que vinha conversar. Daria tudo de si para ouvir a Deus pela boca da Ludi que andava dia e noite ao redor de sua casa, não mais se deitando em montes de folhas para esperar seus faunos e anões, arrastando seus facões pelo chão.

A conversa iniciou-se tranqüila em torno do tempo que estava ameno. As enchentes de São Miguel não estavam tão violentas e as terras das roças, quase todas lavradas, neste ano, não estavam sendo levadas pelas águas na direção dos riachos do lugar. As gramas estavam verdes e o leite era abundante. Os filhos cresciam movidos pelo vento e pelo pão, se não farto, mas suficiente. Não faltavam panos comprados em fardos, transformados em roupas que iam passando de irmão para irmão.

Pe Lassberg aprofundou, então, a comezinha conversa ao dizer: da última vez ouvi que seu avô contava muitas histórias! O Pe conseguiu provocar na senhora Taglieber muito mais que o esperado. Da boca de Ludi jorraram palavras e mais palavras. É verdade Pe, ouvi muitas histórias. Gostava mais do meu avô que de meu pai. Meu pai era baixinho e fraco e meu avô era velho, mas forte. Tinha um bigode grande e voz grave. Possuía todas as palavras do mundo e aprendi com ele o gosto pela leitura e pela escrita. Eu não gostava de minha avó. Ela não gostava que me grudasse no colo dele. Ele sempre contava sobre faunos, fadas, anões e gigantes. Havia muita aventura, muita luta, muito mistério em tudo que narrava. Nas quintas-feiras ele me levava para o mato em Tannenwald e rezava por um deus que ele dizia ser dono dos trovões e, por isso, tinha um



dia só para ele, o Donnerstag . Ele me erguia sobre os ombros, pedindo que seu deus me abençoasse. Eu cansava de dormir nos seus braços ouvindo que Odin também era um Senhor e que na Alemanha havia duendes, faunos e fadas que se divertiam entre enormes árvores e cogumelos coloridos, tão grandes que poderiam servir de casa. Havia nas histórias dele tanta alegria que as casas ficavam cheias de música e muitas delas eram feitas de pão-de-ló, açúcar e chocolate. Os anões cantavam com vozes bonitas entre as árvores, enquanto fabricavam jóias.

Pe Lassberg convenceu a senhora Taglieber de que os seres de sua imaginação, quando fugia para o mato, eram de pura fantasia e que ela ainda não havia se despedido de seu avô. Você está ainda presa nas falas dele. Teu avô era um cristão praticante?

A resposta não foi muito convincente. Pois olha, Pe, ele não era muito de nossa Igreja. Até minha avó não cansava de criticar o velho homem todo-poderoso. Amava mais a história das matas da Alemanha que a história sagrada. E eu amava mais quando ele falava do que quando o Pe Biensfeld falava em Tannenwald. Padre Vinibaldo, por que o fauno, que me teve na mata, tinha o bigode de meu avô?

Pe Lassberg ao acender solenemente seu cachimbo, empertigou-se ao falar. Baforou, enchendo o ambiente de um doce perfume. Agora sim, senhora Taglieber, você, de fato, ainda carrega um sentimento muito forte que se reacende nos teus sonhos. É como uma fonte antiga que brota e alimenta a tua alma, que sonha com tua infância, e o fauno não é outro que não teu próprio avô.

- Meu Deus, Pe, não diga tanta bobagem!
- Eu era uma criança e nunca tive desejo nenhum de meu avô.



– Pois é, senhora Taglieber, a vida tem desejos atuais que se reúnem com os antigos. Não pense que as crianças são tão santas. Por que você tinha raiva de tua avó?

– Porque era mais chata e mais feia que a bruxa jovem que em sonhos me apareceu. Engraçado, uma delas parecia-se com ela... queria que um dia pudesse encontrá-la enforcada numa árvore. Era como uma cobra que sempre estava me espiando para dizer que não acreditasse no meu avô e que era melhor estar longe dele. Quando toma umas que outras, ele nem sabe o que está fazendo, dizia ela. Fica longe do velho. Ele tem outro por dentro. Dizia tudo isso com uma cara cheia de raiva. Aí eu queria que ela morresse. Um dia ela saiu correndo atrás de mim. Sorte que ela caiu antes de me pegar. Ri muito porque ela resvalou erguendo as pernas magras para o alto. Ela nem usava calcinhas e a cena ficou muito feia. Aquelas pernas brancas e tudo mais aparecendo no meio do vestido negro todo encolhido, coisa bem feia. Era tão desajeitada aquela mulher de pernas para o ar! Eu ainda disse: não sei como meu avô dorme com ela. Vai ver que porque é noite e de lampião apagado. Apanhei de minha mãe e de meu pai. Foi um dia muito ruim, porque desejei que todos morressem no fundo do rio. Queria que a terra de Tannenwald os engolissem. Chorei, chorei e chorei. Parecia que meu avô tinha culpa de tudo, mas eu via que ele era meu melhor amigo. Fui dizer a ele o que tinha ouvido da avó e que eu gostava muito dele. Olhou-me aflito o velho avô. Encolheu-se todo e apenas disse: mas é tua avó, e teus pais são teus pais, eles sabem o que é melhor para você. Daquele dia em diante não falou mais dos seres que costumavam freqüentar as florestas. O deus Thor das quintas-feiras, as bruxas, e as casas doces nunca mais apareceram na boca de meu avô. Chorei muitas noites e não falava mais com ninguém. Meu silêncio era como um velório, porque queria que todos os seres das matas fossem enterrados com respeito e minha tristeza era justa para com eles. Por muitas



semanas fui cercada de atenção, mas nada mais era como antes. Fui crescendo entre meus irmãos, sem grande alegria. Sabia que era bonita e que poderia, um dia, ter um príncipe. Apareceu Godofredo e nem tinha completado 16 anos quando comecei a ter filhos e mais filhos. Minha barriga só tinha peso e, quando saía um, vinha outro, rasgando meu ventre. Mas não havia alívio, lá vinha Godofredo e os padres dizendo que tudo isso era feito para se cumprir a vontade de Deus. Até que veio o Fritz e eu desabei. Parecia que caía em poço profundo.

Depois da confissão da senhora Taglieber, se fez silêncio e a mulher começou a verter lágrimas e mais lágrimas. Pe Lassberg alcançou uma toalha depois outra, mas não foram suficientes. As lágrimas eram copiosas. Mais pareciam duas fontes derramando água ao longo da pedra úmida. O rosto estava brilhando de emoção e de liberdade por dizer o que sentia. Parecia que tudo se iluminara com as palavras.

O Pe apenas disse que suas palavras eram verdadeiras e que ele sabia que as dores estavam saindo dela como se fossem ferverdas em sabão; postas ao sol para secar; ela estaria branca como um lençol lavado. Disse mais: os sofrimentos que a tinham trespassado poderiam ser motivo de orgulho para ela. Os seus filhos estavam inteiros e bons. O Fritz, com certeza, iria dar-lhe alegrias, porque o jeito dele é de um menino que promete. O que ele diz revela uma cabeça mais viva que a dos faunos.

Ao retirar as cinzas do cachimbo foi falando: senhora Taglieber, quando estudava filosofia, aprendi a gostar de um filósofo que ninguém amava. Ele dizia que, quando temos uma paixão que nos incomoda e quando formamos dela uma idéia clara e distinta, ela deixa de ser uma paixão para ficar de nosso lado, como uma amiga transformada em força. Agora que as lágrimas secaram pode nascer



uma outra senhora. Mesmo a roça que castiga as mãos não fará mal. E o sexo será bom. Também o perdão que você ofereceu ao Godofredo te fará muito bem. Senhora, a vida dentro da alma pede passagem e, quando apenas fica presa dentro de nossas imaginações, sem ter uma saída, ela fica fazendo mal. Agora você está livre como um pequeno pássaro que canta na primavera e pode se ligar aos filhos. Não tenha vergonha de ter tido ódio por terem rasgado as tuas fontes. Já passou! Que fique a vida deles como razoável recompensa. À medida que você conhece as coisas como necessárias, não como castigo ou culpa de alguém, você tira maior proveito. Deus fala por leis, que, às vezes, parecem tortas. E quem diz que podemos entender tudo que acontece? Jesus também não sabia o que estava acontecendo quando o peito lhe apertou e não conseguia mais respirar. Por que será que gritou: *Pai, por que me abandonaste?* Também, *Godfrid Dame*, também eu ando vagando muitas vezes debaixo deste céu e peço clemência porque me sinto abandonado. Ainda bem que tenho amigos que riem comigo e dizem que a vida é assim. Ela se apresenta do jeito que se apresenta. Então, o que tem solução, solucionado está; o que não tem solução, também solucionado está, pois não se põe a mão sobre ela como se tivesse solução. Quando nossa alma flutua meio perdida, é bom pôr nossa cabeça em Deus e deixar o barco correr. Se ele não sabe o que fazer, como saberemos nós de todo o caminho? Mas, Pe, não eram bobagens as idéias de meu avô sobre o deus da tempestade, os faunos e outros seres da nossa imaginação? Todos eles fazem parte de nossa realidade, respondeu o Pe. O Deus de nossa antiga terra, era um Deus que morria, assim como o nosso morreu. Thor era posto como o guia das tempestades. Era quem controlava as águas do céu. E isso não é brincadeira, já que tanto delas precisavam. Celebravam nas matas com toda a compenetração. Será que as orações e os sacrifícios que erguiam eram menos importantes do que as nossas orações que se repetem como



crístãos distraídos. Os faunos também eram verdades, mesmo que imaginárias e revelavam a importância do amor com seu sexo e sua indizível capacidade de carícias. É disso que precisamos nestes tempos bicudos. Nossos pássaros ainda podem transmitir o canto que anuncia coisas boas, antes que derrubem todas as árvores. O pássaro de cujo bico sai fogo: a araponga estridente, de cuja bigorna saem sons metálicos, também pode inspirar a que sejamos cada vez mais agradáveis. Agora algo mais prático.

Senhora Taglieber, pensa bem com o Godofredo se podem batizar o sino da Divisa, assim todos saberão das horas certas. Que ninguém esqueça de perder a hora quando Deus passa. Dessa maneira, a nossa imortalidade será cada vez mais enfeitada com momentos bem vividos. É isso, senhora mãe de tantos filhos, que teve seu ventre ferido e tantas vidas fez, tantas outras vão encher casas com seus netos; Cada um trazendo uma comitiva de sustos e assombros, amores e ódios, medos e virtudes casadas com a história da avó de cujo seio saiu tanta luz. É verdade: nasce mais brilho de uma mulher que dos raios de sol. Senhora Taglieber, os seus faunos, bruxas e deuses menores só fazem alegrar a vida e, sem ela, ficamos menores que um rato. A verdade é uma só: não existe uma só verdade. As nossas cabeças, tanto fazem maravilhas como marcas de doer. Como rasgaram o corpo de Deus numa só noite, assim podemos viver fazendo coisas extraordinárias em poucas horas. O que mais devemos pensar é gerar alegria. Quando a febre faz latejar a testa, nada melhor que a paciência de pôr a cada instante um pano fresco. Assim, na situação que dói é bom ver uma coisa extraordinária, nem que seja pedindo a um pequeno deus para respirar. Peça também para a fada velha Nossa Senhora que, mesmo que não resolva tudo, eu a invoco e me ajude sobre como trazer no coração um pouco de salvação. *Und Ietz, frau, zu Hause!* Um abraço no Godofredo, que também é uma coisa que Deus pôs para não se perder.



A vida humana sempre pode ser aumentada. *Auf Wiedersehen! Und dankeschön für ihnen wörten!*

Lá se foi uma senhora montada em seu cavalo, à moda do selim para senhoras. Entendiam que fechando as pernas de uma mulher havia mais dignidade. Nenhum olhar indiscreto se faria sobre as coxas! Mas o que mais importava para ela não eram suas pernas nem seu cavalo: eram seus pensamentos. Intrigava-lhe o passado, e o presente preocupava. O passado, por descobrir que havia nela um avô que ainda estava inteiro, carregando o caminho das matas da Alemanha. Tornara-se uma mulher cheia de graça e comparava-se a Nossa Senhora, que tinha por princípio não ficar no mesmo lugar. Do alto de seu cavalo, ia em seus mágicos sentimentos, que a faziam agora uma grande mulher. Tinha tantos filhos e cada qual um destino que frutificaria e, como o Pe lhe dera grande vitalidade e fazia parte de sua imortalidade, concederia a seus filhos o mesmo. Não pouparia nenhuma palavra e encheria de histórias as suas almas para que elas estivessem carregadas de suas vontades. Não somente escreveriam em seus anais particulares uma escritura cotidiana e verdadeira, mas enfeitaria a todos com uma história que todos deveriam lembrar com grande satisfação. De fato, dizia, como meu avô me deixou vida e imaginação diante de cada objeto, do mesmo jeito arrumarei a casa íntima dos meus. Se me rasgaram o ventre, abrirei, agora, a alma da gurizada. Também mostrarei ao Godofredo que sua oculta ternura necessitava de um folclore.

Em seus devaneios sobreveio-lhe muita esperança. Poderia arrumá-la em muitas carroças. Jurou que o mais velho, **Edgar**, seria um bom marido: sua nora seria uma sortuda de marca maior por tê-lo como marido. A **Cecília** seria perfeita nas conversas. Conquistaria quem quer que fosse pela expressão leve das palavras. Trabalharia sobre a pedra de escrever muitas e muitas horas, a ponto de



saber descrever com muita facilidade a velocidade do raio e o fragor soturno do trovão. O **Alberto** seria cordato e bom na argumentação e seria o futuro prefeito porque mostraria a ele tantas vezes quantas fossem necessárias como é importante organizar um município. A **Victória** amaria tanto as roupas e os estilos que não pouparia sacrifício para levá-la a Santa Rosa e lá aprender a vestir as pessoas. Afinal, dizia a mulher do alto de seu cavalo, não tem quem não precisa de um enfeite para se glorificar um pouco. Não é à toa que os papas se vestem com tanto luxo! O **Aléxis** aprenderia tanto sobre as plantas que nominaria a todas elas com ternura e, se aparecesse a menor ocasião, dominaria todas as leis da produção. Como vinha observando, **Hermeto** tinha jeito de negociar e, por isso, faria de tudo para que fosse negociante. Compraria bem e venderia melhor. Teria fardos e mais fardos de roupas e tudo que fosse agradável aos olhos. Os alemães-russos que vinham chegando de longe com seus cavalos fogosos iriam comprar todas as novidades. O Frederico e o **Antônio**, como já haviam falado, continuariam na roça, vendo as plantas crescer e serem colhidas. A **Helga**, ela ficaria em casa, tendo toda proteção, em razão de sua cabeça frágil. O Adolfo levava jeito para ser professor, sempre sonhador e com os livros na mão. Levaria o rapazinho para Cerro Largo, onde lá poderia aprender a ser professor com os irmãos lassalistas. **Fritz** merecia outra reflexão. Teria oportunidade melhor, pois se diferenciava demais dos outros. Não ficaria para ser pensado do alto de seu cavalo, que arrastava seus passos na estrada. Sentia agora prazer em pensá-lo, ele que a deixara louca por inteiros cinco anos. Ao final de sua fala interior, estava cansada, não sabendo sequer ao certo se seus filhos tomariam as decisões que ela estava pensando para eles. Apesar de até os lábios do sexo terem ficado daquele jeito, sentia um certo prazer, não sabendo se pelo movimento do cavalo ou se de lembrar seu piazinho, que era uma graça. E naqueles dias e em outros não pensou sobre a melhor



vocação para o seu pequeno. Estava mais para pensar coisas pequenas. Se fosse entendida em história da Igreja, pensaria nos milagres feitos pelos ossos de Santo Estêvão ou sobre as homéricas brigas de Agostinho e Osório, ambos contra os Donatos e o herético Pelágio. Mas chegaria a hora na qual não se furtaria a sonhar sobre seu menino. É assim que as mães são felizes. Mesmo que se equivocasse, não perderia o prazer de pensar bem, porque a imaginação também corresponde a uma realidade.

Começou a registrar histórias que lembravam dos tempos de seus cinco anos de loucura e outras trazendo movimentos da Divisa, bem como de lendas de seus antepassados. Os filhos e as filhas insistiam cada vez mais a que contasse ainda mais delas. Retomou-as de suas parcas lembranças, registrou-as em sua lousa de pedra nos dias de chuva e contava-as à noite. Pe Lassberg foi o primeiro que ouviu uma delas e, ao emitir sua opinião, falou que eram um tanto extravagantes e o que elas sugeriam era a criação de uma verdadeira arte da imaginação. Algumas ideias são esclarecedoras da condição humana e outras da realidade, opinou. Ele próprio, entretanto, altercava consigo: mas quem é que sabe da realidade, que venha me explicar. Conte senhora Taglieber e depois venha me dizer sobre os resultados das histórias. Assim se fez.

O CAÇADOR DE PASSARINHOS

Não sei se vão gostar. Sonhei com um menino que gostava de caçar passarinhos. Depenava os pequenos voadores, largando pena azul, marron, amarela e todas as outras cores. Não tinha piedade o danado do menino. Perseguia todo animalzinho que voasse, não poupando nem a corruíra. Depois que morriam, as penas estavam aí sem saber o que fazer. Antes elas suspendiam os voadores e eles



tomavam as direções que julgavam necessárias para fazer seus ninhos, ou para buscar um bocado de alimento. Mas vamos seguir o nosso menino caçador de passarinhos. Ele, além de matar passarinhos, sabia mentir como ninguém. Mentia que conversava com os tico-ticos e eles respondiam. Falava grosso com a fala grossa dos tucanos. E todos os meninos acreditavam na conversa do guri. Um certo dia aumentou ainda mais as suas histórias porque agradava a todos. Assim é, meus filhos, alguns fazem de tudo e, até as coisas erradas, só para serem agradados. Isso não vale. O menino, que vamos chamar de Anselmo, ria depois deitado na grama por lembrar a cara dos crentes. Batia sobre a barriga deitado na grama, rindo cada vez mais e ria dos bobos que nele acreditavam. Um dia um dos colegas perguntou a Anselmo porque usava um chapéu tão grande. Sério como um poste, respondeu que era para pegar os passarinhos. Os outros ficaram admirados e encantados de como ele com um chapéu poderia apanhar os passarinhos. Foi falando...que esperava debaixo de uma árvore, e quando ela se enchesse das aves, ele estourava uma bombinha e os pássaros, de susto, caíam todos da árvore e ele enchia o grande chapéu com passarinhos de todas as cores. Admiravam-se mais e mais de um amigo tão poderoso. Depois ia se deitar na grama, rindo porque acreditavam em tudo que dizia. Um dos meninos, o mais velho, preparou uma brincadeira para mostrar que nem todos eram tão bobos assim. O menino mais velho falou que depois de suas histórias, ficavam rindo dele porque ele acreditava que todos eram bobos. Disse mais para o menino caçador: poucos dias atrás vi um bando de papagaios e me pus a conversar com eles. Mais ou menos 30 deles. Pedi que entrassem em minha gaiola e, em fila, eles foram entrando. O menino caçador gritou que tudo era mentira. O menino mais velho disse: eu paro de conversar e fiar papagaios na gaiola se você parar de pegar passarinhos com o teu chapéu.



Meus filhos, vejam o que aconteceu. Alguns não gostaram que o menino mais velho tivesse desmascarado o menino dos passarinhos. Alguns disseram que sabiam que não era verdade, mas o jeito da mentira causava prazer. Outros concordaram com o menino mais velho, dizendo que estavam cansados de ouvir lorotas.

Agora, o que me dizem da pequena história? Disse Edgar: bem feito para o menino dos passarinhos. A mentira não leva a nada. A Cecília disse que o mais velho não tinha nada de estragar a festa da conversa do menino caçador e, de certo, outras aventuras sairiam da boca do caçador, mas não, ele agora saberia que sua imaginação teria de se calar. Que deixassem caçar quantos passarinhos quisesse e do jeito mais interessante possível! Quando crescesse, ele saberia que não se pega passarinhos jogando um chapéu sobre eles. O Fritz ainda perguntou quantos passarinhos cabiam no chapéu. Os outros irmãos riram. O Frederico e a Helga começaram a bocejar. A mãe ficou observando as reações e acabou dizendo que as nossas histórias servem para brincar e que a mentira pode fazer com que os outros percam a confiança em nós. Ainda filosofou: se pode mentir quando a mentira evita um grande mal.

As crianças estavam dormindo, todas quietas na casa quieta, chegou-se a mulher ao ouvido de seu homem dizendo-lhe que agradecia muito as flores dos pendões sobre seus ombros e que já não tinha o que perdoar, apenas amar. Que ele era um homem forte e que lhe dava muito prazer. Quando ele a penetrava, as pontas dos seios ficavam cheias e ela sabia que aí morava o melhor homem daquela região. Se fossem olhar o mapa da Volgsverein, não achariam melhor intimidade que a dele. Assim foi possuída, já ninguém pondo medos sobre a alegria de estarem soltando suas umidades como quisessem, cada qual sabendo que a melhor graça de Deus é a alegria. Depois ela repetiu a história do menino caçador, concluindo



que ela não precisava andar caçando pássaros. O dela era mais que o necessário e cantava muito bem em sua gaiola. Ao acordar, havia um sorriso cúmplice em ambos, mas já vinham os filhos e as filhas, afinal, eles faziam parte da casa, e esta tinha tudo para ser uma boa casa. Desde o porão até o sótão havia impressões de uma passagem humana que poderia servir de um bem-estar depois de mais de cinco anos de tensões. O Pe havia ajudado muito a ver que Deus abençoa os desejos humanos. A sua lei era que cada um usasse da melhor maneira, contanto que não se ferissem mutuamente. O romance daquela casa continha uma história que revelava a presença de Santo Agostinho. Trazia um mito antigo da alma como prioridade e de maior grandeza que o corpo. Então, uma alma valia tudo e, quantas almas a mais houvesse, melhor Deus estaria agradado. Que se danassem os corpos que representavam a frivolidade e a mortalidade, coisa de pouca valia. Não era este o ponto de vista de Pe Lassberg: o corpo de um ser humano fala muito bem pelos sentidos e por aí passa o caminho de sua perfeição. A palavra não pode esquecer seus próprios encantos. Assim sendo, pensava: pode-se gerar insuspeitados assombros, mas não sem a licença do bem-estar que esta alma irracional solicita. É verdade que a senhora Tachlieber tinha no corpo encantos frenéticos, mas eles tinham vez em razão da imaginação com seus seres imaginários, mediados por seu avô. Os temores imaginários do cristianismo tinham sido afastados, graças à coragem do vigário. A concepção do homem de Deus a respeito da conduta humana havia sido retirada de poesias e da essência do evangelho, que mais não era que a caridade. Dizia, sem meias palavras, que a caridade vale mais que a fé. Não sei o tamanho do Senhor nem suas infinitas virtudes, que, por certo, não são poucas pelo tamanho dos céus. Me sinto feliz não tanto por acreditar num Deus que está acima de mim, mas muito mais porque está em mim e nos outros e ambos conversam melhor nesta reciprocidade. Tenho



o meu bem suficiente na demonstração de Jesus que andava de cima para baixo tentando fazer o bem, mas nem ele conseguiu todo o bem, tanto que a violência não se afastou dele nenhum minuto. E sua intenção era poderosa, tanto que fez um homem e uma mulher que buscam entre estas árvores e picadas celebrar a virtude humana da benevolência e da compaixão. Em tudo nestas bandas existe uma poesia larga entre as folhas e as fontes: mais exata que a matemática.



Do Godofredo e seus temores

Chovia muito quando Godofredo veio falar com Pe Lassberg. Era nesses dias de chuva que a piazzada ia pescar nos arroios e as mulheres, em casa, faziam doces e refaziam roupas velhas. Era bem como dizia a senhora mãe de tantos meninos: pobre não pode perder nada, assim como não dá para perder as boas histórias contadas desde sempre e as novas, que também são engraçadas. Mas o que motiva agora é a conversa de dois homens que iam vivendo a vida dentro de comportamentos em mutação: o Pe que olhava o mundo sob o olhar da caridade, o que o fazia pregar engraçadamente, diferente dos sermões históricos de outros curas, e, um pouco menos mutante, o Godofredo, que de olhos arregalados admirava o Pe e a Ludi que era doce e de cuja boca brotavam palavras que mexiam todo seu corpo.

Como sempre, prevalecia de início o *gelobt sei Jesus Christus*. E de tanto repetir o Pe respondia o mesmo *Im Ewigkeit*. E pela eternidade afora! Ele no cachimbo e Godofredo no silêncio. Era o que convinha, pois o saber, tido como maior, se impunha e os humildes que respeitassem. Diriam mais tarde: as classes populares submissas aos estereótipos culturais impostos. Por mais que o Pe tentasse imprimir uma nova confissão sobre a vida, os velhos costumes andavam como sangue nas veias. O vigário sabia o quanto lhe valeria romper com o ciclo do medo. Sabia que certas superstições, como uma palminha benta e um machado preso ao chão contra a tempestade, pouco adiantaria. Tampouco comungava como se Deus se movesse, passo a passo, diante dos homens e mulheres, tendo ciúmes de beijos e de amores mais fortes. Sabia lá ele como seriam o purgatório, o limbo, o céu e o inferno. Apenas sabia que



certos pesos da ignorância e da culpa, que os rancores e os medos afastavam a alegria, única referência que tinha para avaliar o bem. Para facilitar a lida dos pecados humanos e de suas conseqüências, começou a brincar com Godofredo. Falou que, conforme antigos escritos de jesuítas, os índios entendiam que entre a fumaça de sementes queimadas em cachimbos havia espíritos bons que assistiam às conversas. Passavam, então, o cachimbo, de mão em mão, com muito prazer. Entendiam que, enquanto cachimbavam, limpavam a alma de toda ameaça. Brincou, concluindo que a Santa Madre Igreja deveria seguir esse costume durante as confissões, purificando no meio da fumaça os descontroles e a concupiscência da carne e do ódio. Afinal, ninguém precisava ter vergonha um do outro, porque o maior pecado que se faz é o que de mais íntimo existe em todo o mundo. O bom Godofredo vinha ouvir o Pe porque as coisas de Deus eram muito grandes e das coisas humanas era muito ignorante. Não sabia bem por que, mas gostava do Pe. Ele explicava de maneira alegre as coisas de Deus e das coisas dos homens e mulheres sabia ainda mais. Assim, bem no meio da conversa, manifestou seu arrependimento por ter exigido da mulher mais um filho. Foi, também, pedir ao Pe que lhe explicasse o que se passava com sua mulher. As comunidades de toda a região, maldosamente, já começavam a falar dela como a santarrona que andava na mata. Ouviu da vizinha uma pergunta maldosa: o que faz tua mulher dormindo no mato? Havia uma alegria sádica nas perguntas que se faziam. Agora andava mais serena e não vagava no meio das árvores, ao contrário dos últimos cinco anos; estava tão quente na cama que ele passava um sufoco para atender seus apelos. Pediu conselho a ver se não era pecado ele ficar tão animado com a eroticidade poética que havia nas narrativas da mulher. Pe, fico enlouquecido de paixão quando ela me conta de como ficava quando via os faunos com os bigodes do avô que há muito faleceu em Tannenwald. Ela me diz que havia



um canto das fadas velhas que a rodeavam em sonhos.

*Enquanto aqui estiver não fique insensível teu coração
Tire de tudo uma paixão ardente. O momento é passageiro.
Der Mann is gut : é bom de se comer a raiz que dele nasce.
Ai! Ai! Ai! Vamos rir e dar ao homem o que é do homem!*

Fico envergonhado de contar coisas tão vulgares. A Ludi fala que as fadas da Alegria e da Poesia cantavam juntas e a da Palavra ria-se com tudo que acontecia. Acho que a vida deve ser levada mais a sério que ouvir esses cantos que velhas cantam no meio do mato da Divisa. Eu sou um homem rude e essas bobagens não deveriam passar pela cabeça de um homem com onze filhos e um deles ainda bem pequeno. Um homem, para ser homem, deveria pôr sua cabeça a serviço do trabalho e de conversas inspiradas na escritura. Tenho vergonha porque faz tempo que não leio nenhuma vírgula da Bíblia. Deus anda quieto lá em casa.

Pe. Lassberg fez uma pergunta: estas falas da Ludmila fazem mal a alguém? Não, só me fazem alegre quase todos os dias, respondeu Godofredo. E com minha alegria, a alegria de minha casa, acrescentou.

O vigário pediu que puxasse de seu palheiro e baforasse com ele. Foi a vez do Pe dizer sua palavra por entre a fumaça sagrada. Havia bem-estar na sala toda. Acho, Godofredo, que com onze filhos já se cumpriu a inteira vontade de Deus e da natureza. Não existe nada de vergonha do que se tem, do que se é. Tudo foi bem feito. Nada de vergonha das obras de Deus. As fadas que falaram nos sonhos de Ludmila não devem ser desprezadas. Ressurreição em Cristo é ter de volta a alegria de viver com peixes e com pão,



com sonhos e com caridade. Se Deus tiver o prazer de ver seus filhos crescendo em sabedoria e idade, senhor Godofredo, não tenha dúvida, a terra toda estará muito honrada. O tamanho da alma de seus filhos é que vai espalhar a bondade e não haverá lugar que não tenha o benefício da educação deles. Bons hábitos e boa cabeça é que fazem os homens bons. De nada vai adiantar ter uma fé inabalável se não houver exercícios de amor. Já é o suficiente o que, na Idade Média, tanto se matou por causa da fé. Ninguém pode duvidar do que a alma das pessoas é capaz de fazer. A tua Ludmila, por causa dos partos difíceis, sofreu e sua alma se perdeu por um bom tempo. Mas não vejo mal nenhum se os fantasmas bons das florestas da Alemanha tomaram conta dela. O teu pedido de perdão debaixo do sol fez retornar o bom pensamento. Se você foi severo em querer ter mais um filho, foi bom o resultado; um filho está aí crescendo cheio de esperança. Senhor Godofredo, não tenha mais preocupação. Como não ter mais preocupação, Pe? Todos os dias, os onze são motivo de grande preocupação, quer seja do que viverão e também como serão como pessoas. Uns são mais revoltados, outros de coração mais ameno, outros mais decididos. E o que pensar da Helga, com sua cabeça tão fraca? Organizar uma casa não é tarefa fácil. Também eu, continuei o PE, tenho uma paróquia com pecados e virtudes tão diferentes. Aqui falta escola. Lá falta saúde. Acolá falta alegria. Ali adiante falta prudência. Aqui se gera a morte. De vez em quando, um enforcado. Mas como disse, não é motivo de muita preocupação. *Não vos preocupeis com o dia de amanhã.* Se custa fazer o bem, faça-o com alegria, para que cause boa impressão e a alma possa sorrir um pouco, mesmo quando a casa estiver caindo. Não adianta puxar os cabelos e rasgar a roupa. O diabo adora pessoas nervosas. Conto uma pequena piada para terminar nossa conversa. Havia um homem muito agitado e bravo com tudo que lhe acontecia. Acabava ficando nervoso até quando uma galinha passava mal no seu terrei-



ro. O seu vizinho vendo toda aquela agitação, falou-lhe: *herr Emmanuel, lass das leben gehen!* Não fique aí amarrado nos transtornos. Veja, dizia o vizinho, se você ficar muito doente, também não há motivo de preocupação. Se você ficar bom, só haverá motivos de alegria. Se você morrer, também não há motivo de preocupação. Se morrer, ou você vai para o céu, ou para o inferno. Se for para o céu, não há motivo de preocupação. Se for para o inferno, também não há motivo de preocupação, porque você vai encontrar tantos amigos que se sentirá como se estivesse em sua casa. Riram os dois. Pois bem, senhor Godofredo, se a morte é a maior preocupação e tem solução, o que pensar de nossas pequenas ou grandes faltas. As grandes pedem um grande perdão e as pequenas, um pequeno. Como o senhor vigário me deu esta história, vou lhe dizer uma que vai ao encontro de sua maneira de ser, Pe Lassberg. Havia uma gralha e um papagaio. Ambos disputavam quem era o melhor. O papagaio se orgulhava de falar como os homens falam e voava mais alto que as árvores altas. A gralha respondeu que não se orgulharia muito se falasse como falam os homens e as mulheres, porque não adianta falar sem pensar ou, também, andar por sobre as árvores. Falou mais: demonstrar grande visão nada resolve se nada se faz. Prefiro voar por entre as árvores colhendo e plantando sementes. Já era quase noite e a coruja já se punha a pensar: pois é, gente da mata, mais vale uma pequena ação entre as árvores, que palavras ditas do alto. Riram novamente os dois.

Terminadas as brincadeiras, Pe Lassberg falou: convidei a senhora Taglieber para ser a madrinha do sino. Godofredo tastaviou um pouco, mas aceitou. As despedidas foram alegres, mas não sem Godofredo brincar. A conversa me aliviou muito e saio com coragem para admirar e educar meus filhos. Só não sabia que valiam o batismo de um sino. E é para despertar todos os agricultores, finalizou o Pe.



O caminho da casa tem lá seu prazer. Sempre que Godofredo voltava para rever os seus, sentia um prazer que não sabia descrever. Era como se um movimento alegre se fizesse em seu peito. Sentia, em relação à Ludmila, uma espécie de fé poética por lembrar que ela era um bom lugar para lançar sua vida. Sorria consigo pelas façanhas com os faunos e os anões com seus facões. Queria produzir os efeitos daqueles seres que habitaram os sonhos dela. Iria a qualquer hora do dia levá-la por entre as árvores e a deitaria também sobre as folhas da floresta, e aí mostraria quem era o melhor: se o fauno ou ele. Assim ia em frente do alto de seu Rocinante e algo apontava a felicidade do corpo na direção de sua casa. Teria quase uma hora de liberdade para pensar: era esse o tempo que tinha para ir da casa do Pe até a sua. Desde criança apreciava contar os animais que encontrava no caminho e, ao passar pela picada, atravessou-se um veado pardo que o olhava, enfrentando-o. Age assim porque estou desarmado. Logo a seguir o animal, silenciosamente, sem mover folhas, entrou na mata. Vejo os animais que se escondem, outros voam e se prendem no alto dos galhos, cada qual buscando seu próprio refúgio. Lembrou-se, então, de uma história que o Pe contara num de seus sermões. E ia um homem de sua casa até o lugar onde receberia o julgamento final. O pobre era acusado por dizer que Deus falava melhor com ideias que se expandem dentro da gente do que das falas dos esculápios. E o que fazia o homem durante esse percurso? Auscultava o Deus de sua alma. O Pe afirmara que aquele sábio fizera o propósito de não chorar caso fosse condenado e pedia que cuidassem de seus filhos que ainda não tinham condições de levar sozinhos suas vidas. Que examinassem com seus filhos qual seria o melhor caminho. Que dissessem a eles que seu pai não teve medo de morrer e que soubessem viver olhando bem para seus próprios pensamentos. Assim ia aquele grego, por vezes tropeçando nas pedras das ruas, porque tinha o direito de andar meio distraído. Ora,



ora, não é fácil morrer precocemente. Mas ele, Godofredo, estava vivo em seu cavalo. Ainda bem que tinha um só Deus para acreditar e muitos filhos para cuidar. Essas ideias entre uma baforada e outra, fazia com que risse, fosse das do Pe, fosse daquelas de levar sua mulher para o mato e competir com os sonhos dela. Pensou ainda mais pelo caminho: vou chegar e olhar bem de perto como meus filhos estão, pois crescem tão ligeiro e já se tornam adultos e a gente nem curtiu a criança e o jovem que foram. Ao aproximar-se da casa viu uma agitação. Viera seu irmão mais novo de Tannewald e, com certeza, havia muita novidade. Pensou, então, que as idéias novas fazem bem ao coração. Teria desculpas também de matar um leitão e saborear a visita com todos da casa. Que tem os animais de morrerem quando nos alegamos... Mas, cumpriu, primeiro, a tarefa de olhar para cada um de seus filhos. Viu o quanto estavam crescidos. Meu Deus, pensou, a Cecília e a Victória estão ficando mulheres. Não são mais minhas crianças.

A visita do tio Guilherme

A vida tem de suas exuberâncias. O cotidiano, às vezes, rompe-se de forma dramática e, outras vezes, de forma tão festiva que nem o deus Momo poderia acreditar. Guilherme chegou de maneira inesperada e todos por aqueles dias foram batizados na alegria. Não havia razão extraordinária para haver nele tanta vitalidade. A natureza o tinha predisposto para a felicidade, se é que, pelo prazer de viver, se pode medi-la. Viera, dizia, para se despedir da vida de solteiro porque já andava cansado de dormir sozinho. Mostrava já uma razoável pança e precisava de uma mulher bem brava para fazer com que tivesse outras preocupações além das suas. Os pais velhos, bem velhos, já estavam cansados de sustentá-lo. Todos os dias, com brincadeiras, ele ouvia formas diferentes de dizerem: quando você vai embora? Ele, mais que rápido, respondia: mãe, não quero que você sinta saudades de mim. Um filho tão querido como eu, não se encontra em qualquer casa!

Até que um dia, movido por uma tardia fonte do amor, encontrou uma mulher que, todos sabiam, não era mansa. A ternura dela era poupada e a ordem poderia servir como bandeira.

Quando encontrou seu irmão e a Ludmila com onze filhos, quase desmaiou. A pergunta foi imediata: como conseguiu fazer tudo isso? Deus é que quis assim, falou Godofredo. Engraçado, disse ele, Deus falou diferente comigo. Ele me disse: dois é o suficiente. E foi falando, mesmo na presença de Cecília, Hermeto, Edgar, Victória e Alberto, palavras muito novas. *Also dann, mein Bruder!* A gente já sabe pelos dias da mulher, quais aqueles que trazem filhos e aqueles que não trazem! Não vou ficar com a casa cheia! Não



tenho a bondade de ter tantos. Se soubesse que seriam tão bonitos como os teus, até arriscaria, mas com minha cara, tenho medo do que venha atrás de mim. Riu-se tanto que sua pança não tinha mais controle. Ludmila estava envergonhada de ouvir o tio Guilherme falar daquele jeito. As palavras sobre os dias que trazem e os que não trazem filhos, renderam perguntas e mais perguntas. As respostas vinham acanhadas, mas vinham. De modo especial Ludmila, explicava tudo para que suas filhas e filhos tivessem mais liberdade sobre os filhos que quisessem ter.

Aqueles dias da longa visita renderam muitas brincadeiras e histórias. Contou, em noite escura, aquela em que prenderam o diabo, mas depois o homem, dono do diabo, ficou tão sério que todos pensaram em retirar o diabo preso na garrafa. Só não encontraram quem abriria a garrafa, porque o diabo seria capaz de apanhar qualquer um. Ninguém está livre de ter um diabinho! Dias depois, ergueu com barbante, num galho, bem no meio da picada, um porongo enorme com boca e olhos. Dentro brilhava uma vela. A brincadeira foi feita para assustar o seu Reckziegel, que vinha de Santo Cristo cheio de canha. Ao ver que a cabeça em fogo se movia para cima e para baixo, ouviram-se orações e promessas de nunca mais pôr um liso no bico. Guilherme e os dois sobrinhos mais velhos se revolviam nas folhas e riam tanto, a ponto de sentir dor de barriga. Nunca viram, em Santo Cristo, bêbado algum andar tão firme sobre um cavalo veloz. Todos se perguntavam o que dera no seu Reckziegel de andar sóbrio por mais de um ano. Tio e sobrinhos não tiveram coragem de contar a brincadeira. Mas o aprendizado de não levar tudo na ponta da faca foi acontecendo. Podia-se dizer que a virtude do humor começava a ser uma prática constante naquela casa. Quando veio a falecer o senhor Kray, todos choravam em seu velório. Pois bem, o seu Guilherme teve de tirar do sério aqueles austeros colonos. Contou piada de bêbados, veados e portugueses.



Riram da piada da velha que morria. Aconteceu o seguinte, dizia: todos ao redor em orações e mais orações, acreditando que seu vôo eterno seria melhor mediante as múrmuras vozes. A velha que morria conversava e conversava. Ao pedir-lhe que também rezasse e parasse de conversar, respondeu: se não conversar agora, vou conversar quando?

Lá pela meia-noite, riam tanto que até as árvores perto da casa do falecido se movimentavam alegres com a brisa. Somente, bem tarde da noite, descobriram que estavam velando um morto. Foi quando um dos filhos falou que não estavam respeitando a sorte do morto. O silêncio se fez aos poucos, já quando rutilavam as copas. Não sem antes Guilherme soprar no ouvido do irmão: mas o morto é o Kray!

Toda a pequena comunidade foi aprendendo a rir de si e dos outros, sem ofensa. A única coisa que movia, por rápidos momentos, a seriedade do tio era quando se apresentava uma dor no corpo ou na alma de alguém. Quando pegou Edgar concentrado e com a testa enrugada, perguntou o que fazia sua cabeça para deixar a cara daquele jeito. Edgar disse que já ia para os vinte anos. Não sabia se teria dinheiro para fazer a sua vida. Guilherme olhou para ele e disse: vejo teu pai tão atento em vocês e a tua mãe tão bem, por certo não vai faltar apoio. Então, não fique envelhecendo o teu rosto antes do tempo. A seguir contou a história de um menino que andava tão despreocupado que seu pai disse: desse jeito você vai ter que arrancar pedra para sobreviver. O menino respondeu: que as pedras tenham um bom valor! E saiu assoviando e respirando alegremente. *Mein jung*, não te esforce antes do tempo. Disse, então, que, às vezes, é preciso largar um peido sobre as preocupações. Elas assim fogem, concluiu.



O casamento

Ludmila e Godofredo retornaram às colônias velhas de Tannenwald. Em 1912 de lá haviam saído e, somente agora, 1937, voltavam a ver as terras de suas origens. Iriam confirmar se, de fato, o Wilhelm casaria. Não dava para acreditar que um rapaz, de quase quarenta anos, fosse resolver juntar sua sorte com uma mulher severa. Mas antes de chegar o dia das núpcias do irmão mais incomum, foram ver os lugares de suas antigas casas. Da antiga floresta de Ludi, para onde seu avô a levava, nada mais sobrou. Nenhuma árvore sequer para dizer: olha, foi aqui que ele contou sobre fadas e sobre faunos. Da casa sobraram algumas paredes, que deixavam desprender as pedras e as madeiras que apodreciam. Do quarto onde dormira com sonhos de todos os fantasmas, deuses e gigantes, nada mais sobrara. Apenas uma perna de sua cama tosca se terminava no tempo, roedor de presenças e de imagens. Ludmila retirou dos escombros a perna tosca, dizendo que o pedaço de lenha sustentou seu sono por quase quinze anos. Merecia a consideração que agora estava tendo para com ela. Não podia desprezar o lugar nem as coisas das poesias soltas, mesmo que distantes e sem valia. Não mais contavam os dias azuis, nem os trovões conversavam com o horizonte tenebroso. Ludi, como a chamavam na infância, chorou com soluços quando recolhia a madeira carcomida de sua cama. *Wass hast du?* – perguntou Godofredo. Em resposta apenas um silêncio de meia hora. Nela acorriam vivas as árvores, os pássaros, os grilos e as vozes. Nenhum fantasma ficou abandonado, nem ao menos os bigodes de seu avô. Os sonhos de menina aí guardados retornaram cobrando sobre o que havia feito de sua vida. Disse, em resposta, que onze filhos saudáveis haviam sido retirados de seu ventre. Não mais se queixava das dores. Na noite anterior ao casamento, teve um



sonho que a deixara muito intrigada. Veio-lhe em sonhos um dos deuses de seu avô conversar com ela. Odin era seu nome. Era o dono de um cavalo, o mais veloz do mundo. Havia conquistado o animal graças às trapalhadas do deus Loki, que havia entregue sua filha a um homem. Este prometera dar mais segurança aos céus construindo um muro ao redor com o auxílio de um cavalo muito forte. Mal sabiam os deuses que o construtor da muralha tinha a intenção, não somente de tomar para si a filha de Loki, mas todas as macieiras, cujas maçãs garantiam a eterna juventude das divindades. O homem que prometera construir o muro acabaria de erguê-lo em tempo hábil. Teria a filha e as macieiras com tudo que ambas poderiam conceder. Loki, vendo o perigo de perto, transformou-se numa égua e por meio dela provocou o cavalo do homem. O animal, enlouquecido pela égua, acabou por deixá-lo na mão, mas mesmo assim o homem, que não era homem, mas um gigante disfarçado, estava a ponto de conseguir concluir a obra. Odin, o poderoso, aquele que podia quase tudo e, ao final, ficou dono do cavalinho, fruto da paixão da égua com o cavalo. Chamou seu filho Thor, que rebentasse a cabeça do gigante com seu martelo divino. Tudo podem os deuses. Acordou-se Ludi muito assustada, pois, mal acordada, ainda ouvia a gargalhada franca de seu avô, tendo à frente da boca um dente só e um enorme bigode. Ludi conversou madrugada adentro. Deixe teus fantasmas em paz, falou Godofredo, cheio de sono. Ela, entretanto, mesmo que ele estivesse sonolento, continuou a falar sobre sua antiga história. Será que tem a ver com o casamento do meu cunhado? O gigante metido a homem não queria demais ao querer casar com a filha de uma deusa? *Wass wil mein Grossvater mir lernen?* Será que meu avô quis dizer que cada um fique com sua própria muralha? Vou dizer pro Guilherme proteger sua casa com sua mulher. Que se cuide! Ou seriam o melhor da história a égua e o coiudo! Não seria o avô avaliando o casamento como a corrida de fogosos animais e



os dois terminando calmos com seus cavalinhos. Interesses calmos também podem se constituir em virtudes. *Nein! Nein! So darf ich nicht denken!* Levantou-se, não sem antes, molhada, querer de Godofredo um prazer! Mas o homem roncava. Ao ressoar do ronco, lá fora, o cachorro latia desesperado, entendendo que alguém o estivesse provocando. *Sei ruich!!* , chingou *frau Ludmila*, irritada com ambos. Foi até a cozinha onde sua mãe, dobrada sobre si, preparava o café. Ao ver a filha, brilharam seus olhos e a velha senhora querendo saber o jeito e o tamanho de cada um dos netos. Ludi, de um em um, ia desfiando as formas de caminharem, falarem e rezarem. Depois Ludi quis saber, de sua mãe, sobre a vida de seu do avô. Veio a história do velho senhor. Foi militar na alemanha, professor, mas houve desavença grave com um vizinho, o qual teve uma orelha arrancada. Para não morrer, pois os parentes do vizinho eram muitos, escondeu-se num navio e aí encontrou a tua avó. Não esqueceu jamais os seus livros fantásticos. Tua avó era louca por ele e ciumenta de quem quer que fosse.

O dia do casamento havia chegado. Guilherme levantou-se muito cedo, tomando, a seguir, café com *Wurst und Milie Brot* . Com o *Schessie* todo enfeitado foi com seus pais até à igreja. Nunca se vira um casamento tão alegre, pois conseguira até então ser a alegria de toda a comunidade no interior de Tannenwald. Algumas brincadeiras eram um pouco grosseiras e outras, muito bem servidas. Disse o vizinho para a nova esposa: *wer sein Schweinchen hungern läst, bekommt schlechte Schinken*. E acrescentava Guilherme, rindo para todos: este porquinho não vai passar fome e ela terá um bom presunto!

A senhora Taglieber olhava tudo ao seu redor, vendo o rosto, um por um, de seus vizinhos. A intempérie havia selado sua vontade em cada um deles. Nunca imaginara o quanto 25 anos seriam



capazes de envelhecer uma face humana. A festa, com ou sem as reflexões de Ludi, já ia adiantada e a cerveja caseira, esfriada na fonte do mato, ia para o fim. Todos pediram para que Guilherme falasse, pois sempre que falava havia uma surpresa agradável.

Cadê minha liberdade? Começou. Riram todos. Não estou casando para ficar prisioneiro e espero que nem ela. Não tenho mais a minha liberdade, tenho a liberdade dos dois. Não tenho mais o meu amor, mas o amor dos dois. Quando verei uma pequena árvore, verei também com os olhos dela. Não precisarei estar bêbado para ver duas árvores. Quem tocar tão bem o meu corpo, não será esquecida. Não vou perder a minha risada e espero que ela não perca o cuidado que sempre teve. Poderei dar a ela mais sorrisos e a mim ela dará mais atenção. Darei tudo o que dela eu receber. Cada qual, é claro, com suas coisas. As lágrimas dela vão ser as minhas. Os nossos dois ou três filhos não serão nossos. Apenas seremos ainda mais com eles. Mesmo quando forem crescidos, muito crescidos, tendo eles seus filhos e netos, ainda assim eu a Valesca vamos estar neles. Quando eu brincar, parte dela brincaré em mim. Continuarei cada vez mais o Wilhelm e, assim, cada dia mais alegrias. Saio de casa meio velho, mas aprendi o suficiente de meu pai e de minha mãe. *Und jetzt! Zu unsere hause!* Todos para minha casa, e lá se foi a turba vibrante. Os dedos brancos da lua guiavam a procissão.

Chegados à casa, um lampião iluminava a alegria de todos. Comeram do pão e tomaram uma sopa farta já preparada pela sogra. Cantaram o *Herr Schmidt* e depois saíram.

Somente depois de três dias, tendo partido todos os parentes, tomaram de suas enxadas e foram capinar, pois o milho já carecia de uma boa limpeza. Conversavam com a simplicidade das coisas e riam quase sem razão. Passaram na frente da igreja de seu casamento e rezaram. Valesca pediu ao Deus todo-poderoso que sua



vida não se tornasse amarga e que os filhos não fossem azedos. Que ela não fosse ciumenta, mas que Guilherme não se arriscasse a conversar com a vizinha Lauretina sem a companhia dela. Assim, por muito tempo, foram vivendo em ternura quase perfeita. Não tinha jeito: a Val, como ele a chamava, tinha dias de azedume. Ele, em outros, exagerava nas brincadeiras.

Passados quatro anos do casamento não apareceu filho algum. O reverendíssimo Pe veio visitar o casal e, de tanto falar do amor de Deus, depois de nove meses apareceu o Teófilo, chorão como só ele. Como o pai gostava de rir, o piá gostava de chorar. Pela primeira vez na vida viram Guilherme chateado. E ele dizia: quem é que pode com uma criança que chora o tempo todo? O homem lembrou-se das despedidas da cunhada Ludi, que falara: meu avô dizia que a vida é como uma grande floresta misteriosa: a gente não sabe todas as surpresas que ela reserva. Tenha calma, que se a gente olhar bem, o animal não é tão grande assim. E compenetrrou-se dizendo que animal que o surpreendia era ele mesmo. Não esperava que seria tão sem graça com seu filho chorão.

Valesca pegou pesado com ele quando disse: não foi você quem falou em nosso casamento que os filhos terão as nossas virtudes? Tenha paciência, *man!* Passados mais quatro anos o Pe, pela confissão da Páscoa, falou que já era tempo de outro, pois Deus amava seus filhos. Guilherme respondeu: contanto que recebesse de Deus uma carta firmada de que era Ele quem cuidaria da criança nas noites frias e a acalmaria quando abrisse o berro em diversas escalas. O Pe não achou graça nenhuma e no sermão desceu a lenha. Guilherme não gostou. Depois da missa perguntou ao Pe qual era a contribuição dele para com o rebanho? O senhor Pe disse que não ofendesse o sacrifício de seu celibato. Depois foram tomar uma cerveja: o Pe segurando seu eros e Guilherme soltando a natureza



com intenções de ser pai. A melhor confissão de que se teve notícia nos páramos coloniais foi a de Guilherme com seu vigário, ambos assistidos pelo espírito das sementes. *Damalsá, Herr Wilhelm, wo sind die Kinder rum?* Pois é Pe, o senhor me perguntando por onde andam minhas crianças? Confesso que me intrigo por duas coisas: não vejo razão de haver tanto filho neste mundo e me intrigo por me conhecer um sujeito que se irrita tanto por choro de criança. A resposta do Pe não se fez esperar: acho que você não cresceu o suficiente para ter nos filhos uma grande responsabilidade. Você quase ficou velho vivendo em casa de seus pais e se acostumou mal com a boa vida que sempre teve. Pois é, Pe, sei lá o que está me dando. Sei que devo deixar o mundo um pouco melhor, mas não tenho paciência. É bom saber que devo me preocupar menos comigo e que estou mal acostumado e disso a Valesca já me falou muito brava: desse jeito a única criança que temos vai ter um pai de pouca virtude enunca cresceu! Ela me xingou dizendo que a felicidade é um resultado da bondade da família, e que estou devendo muito. Com mais um gole de cerveja desceu mais esta verdade. Ao final de duas garrafas e da conversa incisiva do Pe, Guilherme prometeu examinar melhor sua conduta e levou como propósito ter mais um filho e mais paciência no cuidado de seu pequeno menino. E foi assim que a casa de Valesca conheceu um pai que, por repetição austera de cuidados, foi amenizando o medo de servir e aumentar o prazer que vem dos outros. Com mais cinco anos conseguiu encaminhar mais dois filhos, o que, para todos, era pouco, mas, para Guilherme, o suficiente para amar e aumentar a população. Dizia rindo, quando comentavam tais coisas: assim vou dar uma vida melhor. Eles ainda vão estudar em Porto Alegre.



Ludi e Godofredo voltam para casa

No tranco de cavalos e no bufar de um trem, cheios de paciência, ambos retornaram para a Linha Divisa. Godofredo mal se agüentava para saber como os filhos tinham se saído e a senhora Taglieber mal se agüentava de tanta saudade. Como presentes traziam três peças de tecido para roupas novas a serem usadas no Natal.

Godofredo, metodicamente foi interrogando seus filhos a respeito das tarefas e ficou satisfeito. Os porcos não passaram sede, o leite tirado, a coalhada feita, os ovos recolhidos, o milho plantado, as galinhas tratadas, as orações feitas. Nada ficara fora de lugar, cada qual demonstrando ao pai o quanto fora eficiente. Mais instigante, porém, fora a volta da senhora mãe, a Ludi, que fazia um ano retornara de sua distância e andava de uma ternura tão esfuziante que a todos causava prazer de tê-la de volta. Desde Edgar até o Fritz, todos estavam com saudades das histórias da Ludi, a mãe que regressara. E, de fato, retornara mais carregada de emoções e nenhum raio de sol perto dela perdia seu brilho, deixando de ser visto. A ida para as colônias velhas deixara-a ainda mais agradável e seu coração estava como uma ferradura sem seu cavalo e uma âncora sem o barco, na ausência dos filhos. Todavia, redescobrira o seu avô na visita a Tannenwald. Quando foi ao cemitério, retornaram à sua memória as lembranças, sem perder nenhuma. Estava aí como alguém batendo à porta. E em voo vieram as histórias de seu avô. Podia-se compreender o quanto o lugar vivo da memória, aí depositada na terra nua, estava fazendo com que se tornasse uma mulher inteira. Não era um fragmento humano, mas sua fortaleza se estendia da infância até Linha Divisa. Alguém poderia dizer que estava revigorada com todas as lendas da mitologia. Ficara inteira a Ludi. Não mais como



alucinações debaixo das árvores, mas como histórias que poderia repassar aos seus filhos e de cujas lições poderiam ressurgir virtudes e poesia. Quando pôs as flores no túmulo do velho Miguel é que sentiu quão suave podia ser a sua vida no meio de onze filhos e na companhia de um homem. Viu como poderia reunir seus fantasmas nórdicos às pequenas histórias dos pequenos seres da Divisa. As poéticas violências do passado e suas confidências amorosas não seriam perdidas, mesmo entre a simplicidade de bois e galinhas. Também estava trazendo, pela força das coisas, ainda vivas entre os escombros vistos, a vitalidade dos objetos que tinha agora dentro de sua casa. Estava admirada de como um pé de cama reforçara nela a afetividade infantil, que agora atravessava sua vida adulta e que recaía sobre seus filhos. Poderia dizer que estava bem disposta. Por conta de tudo isso, naquela noite, reunida toda a família, incluindo alguns vizinhos, narrou a primeira história das lembranças vivas que trouxera.

DO DEUS LOKI, O TRAPALHÃO

Meu avô dizia que em sua terra e, muito antigamente dos antigos tempos de nossos antepassados, na antiga Alemanha, havia deuses, anões, duendes, fadas, faunos e outros seres maiores e menores. Me lembro de uma história e de várias lições de meu avô.

E começou...*In iena Zeit sprach mein Grossvater* . Veio a primeira história das longas histórias nórdicas de Ludi, a contadora de histórias da Linha Divisa, não sem antes explicar, de modo especial, as propriedades divinas dos deuses, que não eram tão poderosas nem tão virtuosas. Por isso, podiam os homens e as mulheres falar



com eles com maior intimidade e com menor temor. Assim era... Um deus muito atrapalhado e um deus pequeno e sem muita importância desceram à terra para ver se as árvores estavam ainda bonitas e se os pássaros cantavam na primavera. Vieram também para ver como os homens se comportavam porque tinham uma pontinha de inveja do pensamento que ia de um para o outro, sem saber como isso era feito. Mais se admiravam os deuses de como uma mãe e um pai e um professor podiam mexer nas almas das crianças a ponto de elas ficarem conforme os desejos que a mãe, o pai e o professor gostariam que elas tivessem. Assim vieram Loki o trapalhão, e o menor deles, o Honir. De manhã sentiram fome. Ao passar por um rio, viram uma lontra com um peixe entre os dentes. Loki jogou uma pedra e acertou a cabeça da lontra, que morreu, deixando as carnes para matar a fome e a pele para dar de presente para a deusa Fraia, que ajudava os deuses todos para que fossem felizes no amor. De barriguinhas cheias foram adiante e deram na casa de um anão que era muito bravo e valente. Este, cheio de boa vontade, recebeu os deuses, mas viu que haviam matado seu filho. Enfurecido e pulando de raiva, disse: mataram meu filho que se disfarçava de lontra para poder pegar os peixes com mais facilidade. Vocês não vão sair vivos daqui. A minha raiva e a raiva de meus outros filhos vão acabar com vocês. Os deuses ficaram. O anão pai, louco por dinheiro, falou depois: mas para poderem sair com vida, por mais divina que seja a vida de vocês, vão ter que buscar ouro, tanto ouro que cubra a pele toda desta lontra que foi meu filho. Depois de longa discussão entre os deuses, acabaram por decidir que Honir ficaria como refém. Honir argumentou que a pedra fora jogada por Loki, e, por isso seria justo que fosse Locki atrás do ouro, mesmo porque era mais forte perto de seu tamanho. Como contra fatos não há argumentos, Loki baixou a cabeça e saiu em busca de ouro. Ao atravessar um rio – os deuses gostam de água e de peixes – foi pescar um peixe para matar



a fome. Ligeiro como só ele, pegou um lindo peixe prateado. Não é que o peixe deu para falar. Escuta, que atrevimento é este? Sou um duende, seu maldito deusinho! Ah é, é! falou, Loki, o trapalhão. Estou com fome e vou te comer, quem manda lontra não ser lontra e peixe não ser peixe. Que estranho lugar é esse onde as coisas parecem ser e não são! O duende disfarçado – assim fez porque nada é melhor para pegar peixe do que se fazer igual a um deles – vendo o perigo que passava, disse: não faça isso que te dou parte de minha riqueza em troca de minha vida. Loki não conseguiu disfarçar a alegria e logo aceitou não comê-lo. Pois que vire duende e vamos para tua casa. Foi grande a surpresa de Loki ao ver tanto ouro a ponto de brilhar a caverna toda do duende. Encheu um carrinho-de-mão, por onde caíam barrinhas de ouro. Ia levando um anel, mas o duende advertiu. Não faça isso, é um anel que traz muito azar. Que azar ele traz? No caso de agora, meu azar foi ter encontrado você no rio. O deus Loki riu do duende. Levou o anel também. E lá se foi Loki com seu carrinho-de-mão, de tão cheio, gemia e chiava. Enquanto isso, o duende via sua casa mais espaçosa e cheia de ar. As paredes tinham recuperado antigas pinturas. Os pássaros vinham cantar na janela, espiando a casa renovada. Enquanto cantavam na janela do pequeno ser da floresta, Loki chegou rápido à casa do anão e viu Honir branco de medo. Estavam ameaçando de jogá-lo num panelão de água fervendo. Está aqui o ouro! Agora livrem o meu amigo. Além do ouro, exigiram o anel reluzente na algibeira de deus. Dê logo! disse Honir, e vamos embora antes que nos matem. Loki não pensou muito, como era de seu costume, e foi saindo. Mal haviam dado alguns passos que a casa dos anões virou no que que é aquilo! Mataram o velho pai dos anõezinhos porque queriam tudo e um matou ao outro porque não estava contente com a metade do ouro que cobria o couro de lontra.

A conversa dos vizinhos, dos filhos e do marido adentrou na



noite. Muitas conclusões foram tiradas, de acordo com a capacidade de cada um. O pequeno Fritz não falou, mas imaginou sobre a forma dos deuses e a facilidade que tinham de arranjar ouro. Sentiu um grande prazer, só de pensar no ouro dentro da pele de lontra. Os mais velhos tiraram lições, indo além do que aparecia. O Godofredo afirmou: de pouco adianta ter os bolsos cheios de dinheiro sem uma casa feliz. Outro mais conspícuo avaliou que, de fato, os tempos são outros. O Pe Lassberg devia ser Pe, mas não parece um Pe. Do mesmo jeito que o duende não era um peixe e nem o anão era uma lontra. O filho mais velho, o Edgar, afirmou que os colonos deveriam ser como lontra ou peixe, isto é, parecendo brasileiros, e até falar como brasileiros, para terem uma sorte melhor e tirar vantagem nos negócios. Depois cada um foi ter com sua cama, sonhando com os deuses.

A herança cultural da senhora Taglieber não era pouca. A sensibilidade da menina ia além da escolaridade. Pela linguagem do avô, o universo folclórico atingiu um bom tamanho, a ponto de se tornar uma mulher estimada pelos seus talentos, embora rudimentar, mas o suficiente para encantar a quem dela ouvia as belas histórias. A fragrância da terra com seus seres deixava úmidos os olhos dos colonos, e a partir das lendas, fazia andar melhor o coração e a sensibilidade da gente da Divisa.

Um pouco de poesia não fazia mal aos olhos cansados de olhar a terra lavrada. Palavras diziam de novas constelações e novas estrelas. As fontes já não eram somente aquela das águas que corriam entre as árvores. Não lavavam apenas o dorso de seus cavalos cansados. O pensamento distendia-se para além da aparência das coisas. Havia laços na alma com toques diferentes e lá vinham ligações com lampejos mais claros sobre a vida feita em suas casas. Até os meninos da escola podiam dizer na pedra de grafite ao professor



Schäffer: ontem à tarde vi a Barrosa dando cria e depois lambia seu terneiro como se fosse um filho. De um dos filhos de Godofredo, melhores dizeres se faziam: árvores altas como o cedro, a grápia e a canjerana recebem os pássaros quando a tarde deixa de ser clara e o nhambu, entre eles, dá seu último canto. Minha mãe, então pede para fazer uma oração nesta hora em que a gente se sente tão diferente. Tenho, então, uma vontade de chorar. Será por quê?

Os colonos, depois de tantas histórias, iam administrando os corações com expressões mais livres. Podiam sentir a palavra amena e o gesto de ternura saindo com tanta facilidade que as mulheres se surpreendiam com tais vivacidades. Os colonos não sabiam se estavam deste jeito por causa das noites nas quais ouviam a história de seus antepassados ou se era porque o Pe Lassberg era capaz de ver a Deus até num buraco de tatu ou num ovo de uma galinha. Com a volta de Godofredo e de Ludi, a Divisa ficou ainda mais diferente. Sopravam, entre as paredes e nas casas, gestos mais insinuantes. Sonhos mais vibrantes atravessavam as noites. Por lembrar do Pe, não se pode esquecer de dizer que até ele se empolgou também com as histórias sagradas de seus antepassados. Até usou uma delas, ouvida na sacristia da pequena capela da Divisa, a qual trazia a lembrança dos enxaiméis da Alemanha. Com essa arquitetura, mostravam que o Deus deles podia se sentir à vontade na casa ao estilo de suas moradias.

A ESPADA DE FREIER

O senhor Godofredo, mesmo não tendo os ardis da linguagem de sua mulher, falou ao Pe de uma lenda que demonstrava a força das ações humanas: ontem à noite a Ludi foi falando que havia um pequeno deus lá nas florestas da Alemanha, o qual tinha o



dom de tornar férteis as mulheres. Era um deus de pouca caridade e gostava, portanto, de ser agradado custasse o que custasse. Ele tinha uma espada tão poderosa que podia lutar sozinha. Ela podia defender o dono, mesmo em sua ausência. Assim, o deus de pouca caridade podia dormir tranqüilo que a espada lutava sozinha por ele, protegendo-o de qualquer inimigo, ao jeito das pessoas muito boas: quando têm a virtude da bondade, ela vai na frente, ajudando a si e aos outros venceram as tempestades. Esse deus, porém, se engraçou numa jovem gigante ao vê-la do alto de seu reino. Mandou seu servidor que a trouxesse para ele, custasse o que custasse. Até emprestou a espada milagrosa. Lá se foi o servidor. Não conseguiu convencer a jovem a vir numa boa. Ameaçou-a, então, dizendo que, se não viesse com ele, ela teria desejos de muito prazer, mas todos eles seriam frustrados. A fome iria derreter seus ossos porque todo alimento teria o sabor das águas do mar. Ouvindo palavras tão cruéis, a jovem seguiu-o, entregando-se à crueldade de Freier, nome do deus do qual eu venho falando. Mas até hoje não se sabe por que o servidor havia perdido a espada. Procurou-a desesperado, mas nunca mais a encontrou. Possuído de medo e, ameaçado por todos os lados, não teve mais descanso e até não conseguiu, pelo desespero que o possuía, estar bem com sua jovem. Sua espada não funcionava mais.

Pe Lassberg agradou-se do exemplo. Poderia demonstrar que a bondade e a prudência valem a pena. Para firmar seus fiéis na vida cristã, começou a fazer uso da história de Freier, um pequeno deus que tinha o poder da fertilidade, mas não fazia uso da caridade. O sermão foi mais em torno dos deuses da floresta que do homem de Nazaré, o que lhe valeu uma crítica de um dos líderes da comunidade: Pe, dizia o homem, nós já sabemos todas as histórias dos pequenos deuses que se comportam pior que nós, e o senhor vem trazer essas histórias como exemplo?! Jesus é que é o poderoso e o puro.



Vê, Pe, se não mistura as coisas! O que é de Deus é de Deus e o que é dos deuses é dos deuses! Num dos sermões posteriores, Lassberg, enfatizou que Jesus não era tudo aquilo que dele imaginavam. Também ele tinha raiva e muito medo, e que Maria Madalena cuidava muito bem dele e ele gostava dos carinhos dela. Disse também que Deus sentiu muita angústia e não sabia o que estava acontecendo quando gritou: *pai, meu pai, por que me abandonaste!* Mostrava que não tivessem vergonha de se sentirem mal, porque Deus também havia passado um mau bocado em Jerusalém. Também o filho do homem ficava de coração batendo de emoção diante de uma montanha de peixes, colhida numa redada só.

Depois da missa, Pe Lassberg, que não se esquecia de nada, lembrou ao Godofredo que o sino já havia chegado e que, durante a semana, seria erguida a pequena torre de madeira. A senhora Taglieber estava sendo convidada para madrinha.

Em novembro, domingo sereno e de sol puro, antes da missa, houve uma festa e festa anunciadora de horas. Urgia que cada colono soubesse de suas obrigações. Não foi esquecido o galo que encimava a torre do sino, símbolo, também, do tempo e de cuidados. A alegria era grande por ouvir, pela primeira vez, o som que marcaria a Linha Divisa. Era um pequeno sino, bem menor dos sinos das catedrais, mas todos glorificavam sua grandeza. Eis que se anuncia a madrinha que tem o direito de fazer soar as notas musicais do lugar! A senhora Taglieber estava comovida com tal honra. Não havia quem não se comovesse com o som festivo dentro da manhã. Ainda naquela tarde de domingo caiu chuva abundante levando a dizerem: Deus fora agradado, e como agradecimento, derramava as fontes dos céus sobre os milharais. Segunda-feira, todos prestavam atenção, conferindo o som e as horas do descanso e da oração. Os bois, quietos e submissos, recebiam ainda as últimas chuvas, curvados



sob as pesadas cangas, emparelhando-os para o mesmo serviço. Era o momento de recolhimento pelo qual os colonos, sabedores de seu último destino, lembravam de suas almas, rezando para que Deus as tomasse como boas e perdoasse alguma inconformidade com as suas leis, mesmo que delas não tivessem muita noção. Ele, com seu sino abençoado, deveria saber.

Os aplausos ainda soavam aos ouvidos da Ludi; era quarta-feira e não se cansava de falar sobre sua emoção de ser madrinha de um sino de som tão belo. Comentava orgulhosa que seu sino se adaptava aos momentos que anunciava. Todos conferiram essa verdade quando faleceram diversas crianças, em razão de uma doença que levou para um destino desconhecido os pequenos esvaídos em sangue. Ao anunciar a tragédia coletiva o sino da Divisa tinha um som soturno e acabrunhador. Aquele som fúnebre fazia lembrar a cada colono sua fragilidade, pois não sabiam o que fazer para que suas crianças pudessem ter longa vida. Eram apenas esforçados e pequenos seres que davam tudo de si para serem bons. Tinham, porém, um som tradutor de suas emoções. Havia uma fala de bronze que compartilhava de suas dores. O seu Übing chegou a dizer ao Knorst Matz que os mortos se aproveitavam dos sons para dizerem suas despedidas. Acreditavam haver, pelo sino, um diálogo entre os vivos e os mortos. Quando, anos mais tarde, veio a falecer uma neta de onze anos da senhora Taglieber, nunca o sino soou tão triste. Lágrimas e mais lágrimas foram derramadas ao lado da igreja, debaixo dos ciprestes, dos coqueiros e das marias-moles. Uma agulhada de escorpião fora brutal para a pequena. Estava tão triste aquele dia que a senhora Taglieber lembrou-se de uma história de seu avô quando o deus cego, Hoder, conseguira, por mediação maldosa do deus Loki, matar seu irmão Balder, o deus da alegria. Ninguém mais, nem gigantes, deuses, anões, elfos, faunos, fadas e os inexpressivos homens conseguiam rir de suas gorduras e magrezas,



de seus erros e acertos, de seus tombos e conquistas. Assim estava a população da pobre gente sem a pequena filha de Hermeto. A senhora Taglieber, a quase-velha Ludi, sofreu tanto, por não ouvir mais a voz de sua pequena Ester, que chorou a ponto de todos temerem que retornasse a andar pelas já reduzidas matas da Divisa. Ao anoitecer de um dia solicitou ao Godofredo que a levasse até o Pe, para ver se poderia haver perdão para ela, que estava duvidando de sua crença. Dizia em seu coração que Deus não precisa tomar para si as crianças. Bastava, para ele, os velhos. Lá se foram com a pequena carruagem, a Schessie, em velocidade, porque grande era a necessidade de ver se punha paz no coração. O maior consolo obtido do Pe foi que, também ele, estava muito triste com as lágrimas da mãe Julita e do pai Hermeto. Quando o Pe disse-lhe que não sabia como Deus podia deixar as crianças morrerem daquele jeito, ela se consolou um pouco. Explicou que Deus parece apenas deixar que a vontade da natureza se cumpra e, como a vontade da natureza era deixar os escorpiões picarem, assim foi que, tendo a pequena Ester um coração fraco, não resistiu à lei do veneno. E que ela não levasse tanto em conta a morte por que é coisa prevista. E que perdoasse a seu Deus pela distração. Ludi não precisou de mais nada para perdoar a Deus e ao escorpião. Chorou abraçada ao pescoço de um dos cavalos, para ver se daí pudesse retirar um pouco mais de forças e, depois, pediu para ir para casa. Apenas disse, naquela noite, que seu marido fosse rezar sozinho. Ela nada tinha a dizer a Deus. Se Deus deixa um escorpião picar uma criança, quem seria ela para estar sempre atenta? Maior era a tristeza: a casa já andava meio vazia, uma vez que os filhos, quase todos, já haviam saído de casa.

Retornemos aos dias de casa cheia, com alegrias e deveres dos filhos, tentando existir sobre pés descalços e cobertos com roupas de brim riscado.



Ludi narra outras histórias

Quando alguns dos filhos já alcançavam sua vida adulta e o pequeno Fritz finalizava sua infância, voltou Ludi a empregar seus melhores esforços para mostrar que se pode ver boas coisas de pequenos eventos e que nada é pequeno, até mesmo um ramo, quase seco, pode verdecer.

Era noite e o lampião estava sem querosene: a lata Jacaré havia secado bem antes que Ludi imaginara. Sobravam, então, histórias e mais histórias até que o sono completasse a jornada de descanso. Somente a lua e seu tecido branco iluminavam a sala de tábuas grossas. Soava a história solitária.

DO MENINO MEDROSO

O menino João era medroso e, quanto mais escuro se fazia, mais o medo entrava em seu coração. Chorava encolhido sobre o colchão de palhas e se escondia debaixo das coberta de penas de ganso. Até as calças e as camisas penduradas em pregos na parede ganhavam vida. Os ruídos das madeiras da casa, para ele, soavam como pancadas de fantasmas que se aproximavam. Chorava quieto, muito quieto. A mãe dele, em muitas noites, vinha sentar-se ao seu lado até ele dormir, mas sem encontrar maneira de o menino João tomar coragem para dormir tranquilo quando sozinho. Uma noite o menino teve certeza de que os fantasmas queriam tomar conta dele e levá-lo para um lugar onde não poderia mais ter sua mãe, seu pai e seus irmãos. Estaria completamente abandonado. Ouviu um longo suspiro debaixo de sua cama e, logo após, o fantasma bu-



fava. É agora que estes diabos vão me levar!, pensava João. Tinha vergonha de gritar, e quando tomou força para evitar seu grito que anunciava a chegada dos fantasmas horríveis e feios, viu pela janela de madeira uma luz enorme que ia entrando. *MeinGott!!* Eles vêm por cima e por baixo! *Dass is zuviel!* Jamais alguém ouviu um grito de menino tão alto e tão feio. A alma de Joãozinho estava cheia, muito cheia de todos medos horríveis. Vieram a mãe, o pai e os irmãos de outros quartos, correndo. Sons silenciosos de pés descalços acudiam de todos os lados. Mal cabiam todos no pequeno quarto de João, todo molhado. Quando explicava, chorando com toda a força, que os fantasmas estavam debaixo da cama e entrando pela janela, o boi Malhado bufou debaixo da casa alta onde descansava e pela grande fresta entrava uma lua quase inteira. Riam todos e ele, a partir daquela noite, perdeu o medo, e perdeu tanto o medo que, daí em diante, não mais tinha medo, mesmo quando era preciso ter. Podia fazer uma noite escura, cheia de trovões que Joãozinho dormia *wie ein Engel!*

Depois da história, Fritz e a Victória ficaram quietos, enquanto os outros conversavam. Ambos carregavam muito medo do escuro. Fritz aventou: e se não fossem os bois, não poderiam ser os fantasmas? Fantasmas não existem!, falaram os outros ao mesmo tempo. E Victória, encabulada, disse: e eles sabem disso? Fritz completou: como vai se saber que não existem? Mas pode ser um diabo maluco querendo entrar pelas frestas do chão e da janela, completou a pequena Wiki. A mãe foi enfática. Na Divisa não tem diabo, só anjo!, só dá anjo!! E todos acreditaram e foram dormir com eles. Ludi ainda chamou os dois medrosos em particula. Falou no ouvido de cada um: a mãe está dentro de vocês!

Passados que foram mais uns dias e outros ainda, Ludi, naquele início de primavera de 37, narrou uma história de solidarieda-



de, tentando provar de forma definitiva que na Divisa só moravam anjos.

DA SOLIDARIEDADE

Narrava assim: é uma história de um tempo em que rolavam gritos, prantos e sussurros de todos lugares. A história se passou pouco além da baixada da Divisa, lá onde o Stteffen tem a venda. Morava aí uma família de um senhor chamado Jacob Eich. Morriam-lhe os filhos da doença chamada *Blutroat*. Seus intestinos vertiam sangue e assim faleciam. Desesperado, foi pedir socorro ao senhor Teichmann, que, também, tinha muitos filhos, que se dirigiu ao senhor Poersch, ao qual também sobravam filhos. Todos eles temiam que a doença fosse transmissível, pegativa como diziam. O temor era tanto que estavam lívidos de medo, só de pensar em socorrer os filhos de Eich, mas foram pela noite adentro. Tiraram suas roupas junto ao riacho, trocando-as por outras. Os corações de todos pulavam até a boca porque estavam pondo em risco a vida de seus filhos. Serviram uma pasta de uma erva, a qual tinha o poder de coagular o sangue. A tocha acesa para iluminar o caminho fazia brilhar os rostos e, na volta, podia se ver a coragem e a bondade, porque os olhos brilhavam mais ainda e as faces estavam serenas. Mudaram novamente as roupas, que imaginavam contaminadas e, ao chegarem em casa, foram fervidas para evitar qualquer contato com os seus. Pelo socorro prestado curaram-se os filhos de Eich.

Cecília e Alberto olharam-se com lágrimas. Todos estavam comovidos. Edgar, que, quase estava em tempo de ter sua família e já olhara em dois bailes para a mesma moça da linha Salto, afirmou



que não teria toda a coragem e bondade dos Teichmann nem dos Poersch. A mãe Ludi retrucou: nunca se sabe o quanto os outros podem comover a gente. Tenho certeza de que você teria a mesma bondade. E como estavam cansados e ao cansaço somara-se um pouco de comoção, foram dormir. Fritz, pela manhã do outro dia, jurou ter visto uma das meninas falecidas e dizia ser muito triste uma menina morta.

Depois dessa história, comentada na escola, surgiu um boato sobre um fantasma no cemitério. À noite tocava uma gaitinha de boca. As crianças diziam que era para as almas dos pequenos falecidos ficarem em paz. Que o silêncio não fosse tão longo.

A tristeza da morte daqueles dias da Divisa e o medo não afastaram a mesquinhez do coração humano, expressa na boca de um menino de nove anos.

O MENINO INVEJOSO

A senhora Taglieber narrava assim a seus filhos. Dias ruins são aqueles cercados pela morte. Por mais que seja a afabilidade dos pais, sempre sobram o olhar invejoso e o ciúme impenitente. Falava com tal clareza que os filhos a olhavam com admiração

O pequeno filho dos Reibert havia falecido eurgia enterrá-lo. Havia muito medo de que a doença matadora fosse vitimar outras crianças. Mal haviam se cumprido os ruídos surdos da terra cobrindo as tábuas do pequeno falecido – mal os cantos tristes tinham se esgotado, as bocas murchas pela tristeza e as faces ainda molhadas – quando o irmão mais velho do pequeno falecido, revelou como



pode ser inconveniente o ser humano, mesmo na voz de uma criança: mãe, agora eu posso ficar com o chapeuzinho verde do Michel? Meu Deus!, assim não se fala, disse a mãe toda envergonhada. *Mein Got, jung, so sach mal net!*

Sucederam-se os comentários: Que feio!, Hermeto falou. Ele devia ficar quieto, mesmo que pensasse no chapeuzinho verde, comentou o Frederico. Cecília, de voz suave, disse que o irmão vivo se dava mal com irmão morto. O Antônio, distraído, afirmou, que o chapeuzinho devia ser muito bonito.

Fritz, depois desta feia história, pediu que a mãe voltasse a contar histórias dos deuses, dos faunos, das fadas, dos elfos, dos anões, dos gigantes e toda sorte de espíritos que habitavam debaixo de grandes árvores. Cecília, por amar lendas, percebia o quanto a mãe melhorava sua fala, escolhendo as palavras como se escolhesse as melhores sementes. A garota tinha de herança uma linguagem refinada, parecendo ter um talento a mais para selecionar palavras e com elas elevar o brilho das pequenas histórias que escrevia sobre sua lousa de pedra. Era sensível como Helga, quando as lendas se adentravam na casa da ternura. Ambas, quando os dias se iam na modorra das horas, ficavam sem grande expressão e seus olhos ficavam parados como se fossem de pessoas que não sabem o que fazer da vida. A ternura de ambas, todavia, se diferenciava muito: a primeira se inclinava sobre todas as coisas com grande compreensão e explicação, ao passo que a segunda tirava, de todas as coisas, tão-somente a proteção; a primeira com apelos de independência, e a segunda, de misericórdia; a primeira nascera, embora com sofrimentos, mas veloz, e a segunda, sufocada e com muito esforço respirara. Ambas tinham o zelo pelo encanto e a ternura, embora em diferentes condições de afeto e entendimento.

Cecília, por amar e pensar, solicitou, dentro de sua sensibili-



dade, que a mãe retornasse às histórias do bisavô. Não foi necessário esperar muito tempo.

DO AMOR DE ANÕES COM FREYA, A DEUSA DO AMOR

Certas noites contribuía, mais que outras, para a magia das histórias da mãe Ludi. A lenda de Freya merecia uma noite muito especial, tanto por sua beleza como pela delicadeza necessária para narrá-la. Para Ludi parecia muito delicado o momento por causa de Helga e Fritz, a primeira pela ingenuidade do espírito e o segundo porque apenas tinha 13 anos, mas já se adiantava em todas as coisas, pensando em boas vantagens em tudo que fazia.

Em razão de Ludi ter se encantado quando seu avô narrou-lhe as ternuras fortes entre Freya e os anões, não poderia proibir os mesmos sentimentos àqueles seus filhos, que, quase perdidos na mata, tinham tão poucas possibilidades de ampliar a alma em imaginações encantadoras. E começou: Freya era uma deusa muito linda, mais linda que as laranjeiras com flores e mais entusiasmada que os passarinhos quando namoram na primavera. Assim como o deus da Alegria, também ela, era superamada. As deusas e os deuses sempre a buscavam para ajeitar os casamentos e, muito mais, para que fossem muito interessantes depois de muitos anos de casados. Os deuses não gostavam de viver de qualquer jeito em seus palácios. Quando acendiam as lenhas em seus grandes fogões era para ter os quartos bem aquecidos, podendo amar de verdade e sem os incômodos do frio. Assim que os deuses menores e maiores pediam para ela ajudá-los, ela vinha em seu socorro e todos podiam ter certeza de que o casamento, mesmo aqueles mais de mil anos,



sempre seria maravilhoso. Os deuses casados sempre falavam: meu bem daqui e meu bem dali. E quando vinham os pequenos deuses, seus filhos, estes quando os pais estivessem um pouco indiferentes, mandavam o casal de deuses passear, para ver como os gigantes e os seres humanos namoravam. Os filhos dos deuses suportavam muita coisa, mas não suportavam viver sem amor. Freya, como todas as mulheres, gostava de usar as melhores roupas e as melhores jóias. Ela sempre andava espiando as grutas dos anões, que eram muito bons em fazer pulseiras, colares e anéis. Criavam cada jóia que fazia arregalar os olhos das deusas e até dar água na boca de Freya. Ela, ao passar pela entrada da linda gruta cheia de pedras, ouviu muitas exclamações dos quatro anões, conhecidos como os melhores ourives. Ficou espiando com muita curiosidade e admirou-se da beleza de um colar de pedras preciosas presas em arranjos de puro ouro. Meu Odin, que coisa linda!, exclamou alto a deusa. Os anões saltaram para trás e seus narizes ficaram mais escarlates. Eles assim tinham seus narizes de tanto queimá-los com pingos de cera que caíam das velas. Eles as levavam sobre a cabeça para iluminar o fundo, muito fundo das cavernas, à procura das mais preciosas pedras e as mais bonitas. Aí veio uma conversa muito doce da deusa. E quando fazia aquela voz provocante, não tinha deus que não se enchesse de tentação. Só não namoravam com Freya porque amavam muito suas deusas. Os anões, só de ouvi-la, já estavam derretidos. Vocês não vão negar para a deusa, que ama tanto vocês, este presente tão lindo!? Mais se derretiam. Vão? Quando ela suspirou, foi a gota d'água! Os anões foram até o fundo da gruta, toda iluminada, e, mais brilhava por causa do fogo da forja. O entusiasmo já tinha tomado conta deles. Começaram a alterar – Bzbriu...hum..ziubim..bem.. bom... ui... uii....ma.. ma.. mi...zzz... hi.. .hi.. Rs.. Rs... –, voltaram com a proposta. Queremos que case, por uma noite, com cada um de nós! Freya quase caiu sobre a forja, de tão admirada. Vocês



anões querem isso? Os anões se chatearam e responderam, quase juntos: acaso não somos também filhos de Odin!? Os anões e ela ficaram durante quatro noites. Depois disso, nunca mais se viu os anões tristes. Até inventaram uma canção, uma canção tão bonita que só em sonhos se canta e, por ser em sonhos, esquece-se. Quem ouviu a canção dos anões dizia que é bom casar e amar muito. E não ficar apenas um pouquinho como fizeram os anões. É bom casar e amar muito, muito. E casar por amar, não como fez a Freya, que amou os anões por causa apenas do colar.

Odin, quando soube, pelo linguarudo Loki, que a deusa do amor andara com os anões ficou incomodado, admirado, cheio de curiosidade e mandou que ela lhe entregasse a joia tão preciosa. Foi ter com os anões, perguntando se aquilo que foi feito é coisa que se faça! Mesmo que os anões dissessem que fora bom e que estavam muito contentes, levaram um pito divino e receberam em dinheiro o que valia o colar. Odin deu de presente para sua deusa Frigga, que andava chateada porque seu marido fora conversar com a deusa Freya, o que de fato era um perigo. Só se acalmou quando teve em seu pescoço o colar de Freya. Passados alguns anos e o efeito do pito divino, os anões mandaram dizer para Freya: um novo colar está pronto!

Houve um silêncio que punha Ludi preocupada. Edgar, com certo pudor, afirmou que Nossa Senhora e Jesus Cristo não eram daquele jeito. Eram perfeitos e não eram pecadores como os anões e os deuses das histórias da mãe. Cecília foi condescendente com Ludi:

– Não vê que são histórias, não vê que tudo que a mãe contou faz bem para nós? Até eu fiquei mais entusiasmada de me casar!

Aí o Adolfo começou a brincar com ela:



– É claro, você se animou só porque teu anão Helmuth quer se casar contigo! Ele é só um palmo maior que os quatro anões que casaram com Freya, – ria sem dó!

– Helmuth não é como os anões, seu feio, ele me ama de verdade, – retrucou Cecília.

Fritz, o mais quieto, falou para todos:

– É uma história que enche o coração. *Mein Gott, das is schön!*, concluiu.

– Que fofoqueiro é o Loki, disse Hermeto.

Ludi, por ficar em dúvida sobre a oportunidade desta história, falou com Godofredo. Este alertou-a sobre a provocação que estava fazendo nos corações dos filhos e dos vizinhos.

– A natureza já provoca o suficiente, disse ele.

– E daí, disse ela, uma boa comida e uma boa bebida não requerem uma taça e um prato bonitos? Além do mais, as histórias de amor fazem o corpo amar melhor. O que seria de mim se não tivesse meu avô a me fazer pulsar o coração com suas histórias. Eu ainda fico toda acesa para você por causa das histórias dele. E garanto que você não acha ruim.

– *Das ist wirklich*, concordou.



O tempo não senta pra descansar

Havia uma verdade tornando-se absoluta, já batia à porta e penetrava toda casa, revelando, de modo insofismável, aquilo que Ludi queria negar. A casa já estava quase vazia. Somente Helga ficara. Ela não conseguira arranjar um homem, pois sua inteligência era frágil: nem Ludi estimulara que fosse ver alguém. E como em todos os lugares, também aí os males andam em rápidos corcéis. Por mais bonita que fosse, sua palavra denunciava, em dois toques, sua incapacidade de resolver qualquer problema. Por mais que o professor Schaeffer se esforçara, a sua cabeça não ligava as palavras, quer na escrita, quer na leitura. Assim, quase sozinha, estava Ludi e, quase sozinho, o Godofredo. Rapidamente partiram aqueles que eram motivos de histórias e agora as noites eram silenciosas. As histórias se repetiam e, Ludi se cansava de repeti-las para Helga. O tempo silencioso das noites mostrava que a vida é curta. O grande relógio da sala anunciava as horas que passavam. O marcante som ultimamente estava implacável, e pelo silêncio, se expressava incisivo. Até as frestas deixavam testemunhos indeléveis de um passado carregado de lembranças. Ludi se ocupava delas com muita frequência, ora chorava, ora ria sentada, diante da enorme mesa, com três pratos. Noite dessas, não sabia de onde nem porque, foi possuída de algumas palavras nunca dantes pronunciadas.

*Rompeu-se o elo benfazejo
Das palavras rutilantes e das ordinárias preocupações.
Agora estou sem ninho e, em minha toca,
A raposa não repousa mais.
E pergunto, então, o que faço com minhas provisões?*



Para seu consolo, Godofredo, que se adiantava em gestos bons, fazia alguma poesia provisória, mas de pouco tempero. Consolava-se falando ao seu próprio coração. Erga a cabeça, mulher, que dia virá que nem isto te assistirá. *Freue dich Frau!*

Fazia cinco anos que seu pequeno Fritz, agora com 24 anos, havia partido para Santa Rosa, onde estudava e trabalhava. Tinha ambições que não compreendia. Aquele menino gentil só falava em dinheiro.

Para suportar os dias aziagos havia decorado um dos sermões do Pe. Lassberg, há pouco falecido. Páscoa de 1955. Manhã de luz, de pura luz, tão claro que as sombras eram fracas. Alguns netos já apareciam no horizonte familiar. Os casados, postos em casas, afastavam a pobreza com trabalhos da lavoura e de comércio. Godofredo havia se transformado num homem de muito sofrimento em razão de ter abusado de seu organismo. A coluna havia se dobrado e inclinava-se sobre a terra e, entre suspiros, continuava a dar de si para a sobrevivência da casa. O homem subjugava-se ao dever, mas havia um certo conforto, porque em tudo tinha a medida de certas virtudes que preenchiam sua alma. Afastava qualquer tipo de desespero. Rezava piedosamente, trabalhava honestamente, zelava pela economia familiar, falava com sua esposa a toda hora e suas conversas giravam em torno dos compromissos da casa. Todas as coisas se simplificavam sem muita graça. Dividia a sua preocupação de bem-estar com a dos outros. Concordava em construir uma igreja maior; assim, o sino se ergueria mais e o som chegaria melhor até eles. E ninguém podia dizer que não praticava o exercício de seu pensamento, embora, dentro dos limites da fé e do lugar. Tinha a prudência de avaliar com certo cuidado as irregularidades, como no caso da Helga. Por tudo isso, em Godofredo, não havia graves queixas em Ludi, mas necessitava retornar para buscar forças nas virtu-



des da lembrança, e a lembrança da ressurreição inventada pelo Pe fazia muito bem para sua alma que, por vezes, se tornava pequena.

O fragor dos mitos não mais a perseguiram, mas tinha saudade de si mesma. Onde antes passeavam faunos e fadas agora se estendiam lavouras e nenhum mistério havia mais. A palavra estava pouca e, por isso, seus sentimentos, por vezes, não mais se expandiam de acordo com seus desejos. Amava, entretanto, quando Cecília vinha visitá-la. Os dois netos e uma neta eram, entretanto, um atrapalho em qualquer conversa sobre leituras que ambas gostavam.

A quase velha senhora, retomava seguidamente aquele domingo de sol e as palavras do Pe refluíam serenas como as flores e o tempo de outono, no qual as cores, embora não exuberantes, eram agradáveis em razão da suavidade. Um convite à reflexão. E vinha o Pe, em sua memória, com ternura e suas palavras: Jesus antes de morrer andava triste como uma abóbora porque amava também tudo que possuía. Doía dentro dele porque não mais ouviria o rio Jordão murmurar. Não mais pescaria nem ouviria a voz daquela gente sem instrução. Mais que tudo perderia o amor de Maria Madalena e de Maria sua mãe. *Liebe Leute*, não é fácil morrer quando se é jovem e a cabeça cheia de sonhos. Ele amava as figueiras junto das estradas. Por essa razão, quando morreu até pensou que seu pai o havia abandonado. Com a morte ele sabia muito bem o que estaria perdendo. Então, o que fez com que agisse enfrentando a cruz? Parece que foi mostrar que não podia renunciar ao que de mais divino havia nele. Foi o que mais pregou: que não levássemos uma vida qualquer: que fôssemos extraordinários. Extraordinários, fora do comum, é o que devemos ser, principalmente quando temos nos outros um cuidado todo especial Também queria que houvesse mais fé e menos dúvidas. Mas foi no domingo em que se levantou das pedras, onde fora enterrado, que veio a boa notícia. Falou para Maria Madalena e,



ao se mostrar, veio como se fosse um simples jardineiro do horto. Sejamos pessoas boas e pratiquemos constantemente atenção em relação aos outros e não fiquemos por aí nos queixando. E vivam também as pedras que guardaram Jesus durante três dias. Sempre que temos diante dos olhos as pedras, lembremos que elas não desaparecem facilmente. Assim, Deus não pode desaparecer de nossas vidas nem nós da vida de nossas casas e da vida de quem precisa de nós. E prestem atenção que Jesus se disfarçava de muitas maneiras. Ora era um jardineiro, ora um pescador. Nos lagos pescava e nos jardins cuidava das oliveiras, que era um costume dos judeus. Hoje poderia lavrar as nossas terras. Logo em seguida veio também Deus se disfarçando em forma de vento, ora de uma pomba. Quem há de entender os costumes de Deus e as formas de se disfarçar? Aqui em Santo Cristo ele se disfarça de morador da Linha Cascata, num outro momento vai morar na costa do Uruguai. Mas geralmente, pelo que conheço dele, ele se disfarça em nossos filhos e no amor de um homem e de uma mulher. E não fiquem se perguntando muito que Jesus facilmente vai dizer: a quem procurais? E se olharmos bem, vamos ver o seu disfarce em gente que não esperávamos. Amém.

Ludi, por causa de suas lembranças, amava as pedras-ferro e mesmo a tabatinga, pela memória do Senhor. Muitas vezes olhava para Helga com seus pensamentos breves e via Deus também na incerteza de suas leis. Via Deus nas mulheres e agradecia-lhe, mesmo que deixasse a elas a responsabilidade de se rebentarem dando vida com muito sangue. Se o pulmão de Jesus parara de respirar antes que lhe quebrassem as pernas para que morresse de uma vez, pensava que não se necessitaria de tanto sofrimento para ressuscitar, diminuindo seu agradecimento por sua morte e morte de cruz. Sabia que Deus não carecia da morte de seu Filho para estar feliz. Mais que tudo, amava o disfarce de Deus nas chuvas, no fogo, no vento e na terra lavrada, pronta para as sementes.



Nas noites lembrava também como seria bom se não necessitasse envelhecer tão rapidamente. O seu viço se ia precipitadamente lembrando uma das lendas de seu avô e de outras histórias. Quase solitárias eram suas histórias, tendo um sentido quase triste.

IDUN

Idun, a deusa das maçãs, responsável pela longevidade dos deuses, havia sido raptada pelo gigante Thiassi. Idun era aquela que fora prometida por Loki, em troca da construção dos muros em torno do reino dos deuses. Pela falta de maçãs, os seres divinos envelheciam rapidamente. A mulher de Odin, reclamona em tudo, dizia que uma parte divina dela já estava deteriorada, causando constantes atritos entre o casal. Thor arrastava seu martelo e manquitolava de um canto para o outro. Já sofria da doença do esquecimento e pedia: minhas machãs, minhas *machãs*, assim falando porque seus dentes começavam a cair. Não havia sequer um deus que se fizesse respeitar. Até o deus Niord, responsável pelos mares, já não conseguia controlar as ventanias. Ninguém conseguia navegar. Somente Loki andava inteiro, porque, com malandragem, negociava algumas maçãs com os gigantes. Quando descobriram sua esperteza, fizeram com que trouxesse de volta Idun com todas as maçãs. Todos recuperaram sua juventude. Foi uma alegria celestial.

Ludi ria de seu avô e dela porque suas maçãs não lhe concediam nem um ano sequer, seus cabelos continuavam a branquear e seus dentes, a cair.

Outras vezes lembrava de histórias menos religiosas e mais patéticas, todas revelando a contradição ou a ambigüidade dos seres humanos, ora revelando o sopro divino, ora a irracionalidade. Apre-



ciava lembrar também a face tragicômica da condição humana.

A SENHORA RENHA

Quando Ludi lembrava do enterro da velha Renha, não sabia se ria ou se chorava, uma vez que, no enterro dela aconteceram fatos desagradáveis. A falecida senhora era tão obesa que, em vida, mal passava pela porta de madeira. Ao falecer havia motivo de preocupação, pois como passaria pela porta, uma vez que o recipiente era maior que o conteúdo? A pobre mulher nunca fora de qualquer expressão no pequeno lugar. Os pequenos pescadores viam sua casa enegrecida pelo tempo e de uma simplicidade vulgar. Por mais que se lhe comprimissem o corpo, era maior que as medidas da porta. Romperam, então, com uma das janelas, retirando-se as folhas da janela e parte da parede. Um vão exótico foi necessário para que aquele corpo estúrdio pudesse passar. Entre lágrimas, vergonha, ordens e risos ocultos, fizeram passar a senhora Renha. Nunca se havia falado de uma morta passar pela janela. Ao chegar o corpo à pequena capela, orações foram ditas. As alças do caixão até então haviam suportado o peso daquela que nada mais sabia sobre sua própria direção. Feitas as exéquias e preparados os cantores para expressar o quanto dói morrer, os jovens mais robustos se dispuseram a tomar nas mãos as alças do robusto caixão. Mas que barbaridade! las se romperam sem respeito nenhum! Ergueram, com muita ginástica, o caixão sobre os ombros da rapaziada. E lá iam para o cemitério não mais que cinquenta metros de distância. Os olhares dos seis carregadores se cruzavam e o riso incontido começou a superar o respeito devido a quem levavam sobre os ombros. Para ludibriar os próprios sentimentos, fingiam que choravam, e assim enterra-



ram a pobre mulher que se avolumara despropositadamente. Não menos estupefatos ficaram todos pelo som da terra sobre a enorme caixa, parecendo roncoss cavernosos. Em tudo se compunha uma realidade de rir e de chorar.

Mais que a história da velha Renha, Ludi lembrava dos comentários dos filhos. Quando Alberto, o mais forte e menos penetrante dos filhos homens, perguntou para a mãe sobre a forma da Renha entrar no céu, Ludi ficou devendo, pois não sabia o tamanho do espírito em que a velha senhora se compusera. Arriscou somente: Deus em tudo dá um jeito, meu filho. Dará jeito de fazê-la entrar. Possivelmente a alma seja mais dócil que um corpo gordo. Deus, meu filho, que é bom e justo, não duvidará, se for necessário, em arrancar alguma janela pela qual ela possa passar.

Quando um acontecimento se revelava com muita dificuldade, Ludi lembrava do passado tragicômico da senhora Renha e dizia para seu consolo: pior não poderá ser. Ria em seu senso de humor, associando também a ideia de ter deitado com faunos e anões e aí estava com seus filhos, tendo alguns princípios razoáveis e prudentes, apesar das loucuras da mãe. Pronunciava no seu interior: tudo pode ser posto em seu devido lugar.



Ludi lembra o padre

Saudades tinha, e muitas, era do Pe Lassberg. Aquilo, sim, que era um respeitável homem. Ele via em Ludi a alma mais esclarecida e as melhores confissões dele eram dadas ao seu ouvido e ao seu coração. Em dois momentos, ela ouviu-o com sua autoridade e amizade feminina. Pe Lassberg, num dos casamentos que abençoara, exagerou um pouco na interpretação do evento. Falou de algumas virtudes exigidas para que um homem e uma mulher pudessem se amar, ao menos por 55 anos, e de outras questões voltadas para o prazer que um homem e uma mulher podem oferecer um ao outro. Avisou a todos os presentes que a carícia e o orgasmo são tão desejáveis diante da vontade do Senhor quanto os filhos. Cada casal deveria aprender a tirar tanta alegria da união que compensasse o choro das crianças e o cuidado com a educação. Disse mais: que pecado era não sentir prazer e que, se o homem não esperar primeiro a mulher ter a face em transe, entre gemidos de alegria, que fosse se confessar e que, se isso se repetisse, ele, Pe Lassberg, mandaria que o homem se confessasse com Dom Newton de Almeida Batista. Alguns agricultores entenderam que o Pe havia bebido antes de abençoar as núpcias. Os cavalos do mal andam ligeiro e rapidamente chegaram até Uruguaiana. O bispo mandou chamá-lo para esclarecer sobre o escândalo que causava na população. E foi ameaçador: venha logo antes que me obrigue a lhe retirar o múnus sacerdotal *et ad bonum animae*. Ao voltar do encontro episcopal, Pe Lassberg solicitou a Ludi que o ouvisse.

– *Wass is dan loss?* Agora era a vez de Ludi de tais palavras dizer



– O que está acontecendo? Tornou a perguntar o Pe. Não sei se é Deus ou o Diabo que andam soltos. Senhora Tachlieber, estou quase excomungado.

– O que aconteceu de tão feio assim para que sua voz, seu rosto e suas palavras estejam tão pesadas?, interrogou Ludi.

– Vou me confessar e veja se pode não me condenar, e continuou: você sabe que me denunciaram ao bispo por falar sobre as alegrias necessárias do casamento. E quando estive diante do bispo, ele me disse que eu estava equivocado. Disse-lhe: quem está errado é vossa excelência, porque o que havia dito eu confirmaria tudo novamente. Repito que o prazer faz parte da natureza do casamento e que, se não houver muito disso, não se está respeitando a vontade de Deus que fala também pelo corpo. E se assim não fosse, o casal estaria traindo a potência da natureza, que apela para o prazer. O bispo, então, ficou vermelho de raiva e me xingou, afirmando o que a natureza quer, é filhos. Essa é a vontade de Deus. Respondi mais austero: em nenhum lugar está escrito que somente o número de filhos indica a vontade do Senhor. Assim, ficamos disputando saberes, um mais ignorante que o outro. Aí foi que o bispo me perguntou o que é que estava fazendo para não dar conta de meus desejos, já que eu os julgava tão importantes. Quando disse que nem eu sabia a razão de Deus me haver imposto tal decisão e, menos ainda, sabia porque devia suportar uma autoridade tão severa e prepotente quanto a dele, ele se ergueu muito solene, como para causar uma grave impressão, e me impôs um castigo para que me arrependesse de tê-lo enfrentado com tamanha ousadia. Me obrigou, então, a que o acompanhasse por dois meses em suas missões pela campanha. Me arrepiei todo, pois detesto as cerimônias longas num latim com ar de falecimento.

– *Mein Gott*, falou assustada Taglieber. *Du woss kans farriük!*



– Não estive louco, não. Está na hora de a Igreja não ser tão perversa assim com seus fiéis. Quando não tira o prazer na terra, enfia sua gente no inferno. Que Deus é esse que só sabe sufocar os seres humanos?

– Mas não devia responder assim para Dom Newton, altercou Ludi.

– E não foi só esse o nosso desentendimento.

– Vai dizer que se bateram como dois meninos cabeçudos?, interrompeu Ludi.

– Foi pior. Vou por partes... Nos últimos dias em que estive com o bispo, ele estendia as cerimônias mais que o necessário, só para intrigar-se comigo. Ele via todo desagrado no meu rosto. Quando lhe disse que nem Deus estava na igreja de São Borja debaixo de um sol de 40 graus, ele me disse que domingo faria uma missa solene em Uruguaiana e que eu o acompanhasse de perto. Senhora Taglieber, o que eu desejava era comprar umas Nortenhas para aliviar a minha sede. Queria ir até a Argentina e lá buscar quantas delas eu quisesse. Mas não, deveria mais uma vez acompanhá-lo naquela lenga-lenga de um tedeum sem fim. Estava arrasado, triste como um cão sem dono. Enfrentei a cerimônia muito contrariado. Aí foi que a corda rebentou. Acompanhava, com paciência, todos os movimentos do bispo. Mas, me distraí, por pensar na minha cerveja do outro lado do rio Uruguai. Me demorei um pouco, no momento de tomar a tiara da cabeça dele. Ele, com um movimento brusco, lançou o santo e cumprido chapéu no chão. Nem bem havia caído, dei um pontapé em sua tiara, que se levantou como um teco-teco, indo parar sobre o altar. Mal havia eu abaixado o pé desobediente, senti que fora além da paciência do bispo. Ele acelerou a cerimônia e num zaz-traz estávamos na sacristia. O povo foi saindo, rindo da



minha destreza com o objeto sagrado. Me expulsou de sua catedral e disse-me que fosse para o inferno. Disse-lhe que iria ser capuchinho e que não mais se preocupasse comigo. Seria um filho de São Francisco, amante da natureza. Agora, senhora Taglieber, estou aguardando a resposta do provincial daquela congregação.

Duas semanas depois foi a despedida do Pe Lassberg. Entrou no convento. Disso tudo Ludi se lembrava e ria do santo e exagerado Lassberg. Lembrava-se do homem de Deus e de seu cachimbo, não sabendo o que fora mais extraordinário, se seu Pe com ideias fora de seu tempo ou se seus passeios com os faunos e da compreensão que deles tivera o santo homem.

Lembrou-se, também, de outro momento, dois dias antes da despedida. Que loucura fora aquela de o Pe dizer-lhe, com uma ternura carregada de eroticidade, o quanto ela era linda como mulher e que, se ele um dia estivesse cansado de servir a Deus como franciscano, gostaria de ter em seus braços uma mulher de sua beleza. Mas completou:

– Não se assuste comigo Ludi, quando deixar de ser capuchinho, estarei velho, muito velho, e, com certeza, meus sentimentos serão outros. Por certo, terei desejos fortes dentro de um corpo de poucas respostas.

Ela o abraçou e, ao estreitá-lo em seu peito, escapou uma pergunta que sempre estava na ponta da língua:

– Pe, foi o amor a Deus que o levou a esta vocação?

A resposta foi inesperada como a maioria de suas palavras:

– Deus é suficiente para si mesmo. Não precisaria de uma pobre mortal a servi-lo. Sempre me encantaram as pessoas. Como



Pe havia um jeito de amar melhor. Ter uma casa só para mim me deixaria preso. Assim como servi a tua casa, servi a tantas casas em Santo Cristo. O que mais se tem a amar são as pessoas em suas angústias e suas difíceis relações. Fiz isso o tempo todo. Não depreciei nem um sentimento. Sempre compreendi e fiz compreender quando as paixões andavam soltas e machucando os corações. Andei muito atrapalhado diante de minha Igreja, que vai sempre tão rígida diante dos homens que daqui a pouco não haverá quem queira seguir seu caminho. Faz da vida uma cruz. Vou com os capuchinhos porque de agora em diante aqui serei vigiado como um criminoso. Espero que os filhos de São Francisco sejam tão livres quanto ele o foi. Agora mande um abraço para o Godofredo e não canse de abraçar teus filhos.

Lá se foi a Ludi em sua carrocinha de luxo. A parrelha de cavalos puxava um veículo de muitas cores. E Ludi, ao volver seus olhos, tentava compreender o que se passava pela cabeça do Pe que a olhava parado. O santo homem via desaparecer no horizonte o mesmo de tantas coisas que dele desapareciam. Passava por elas com grande devoção, nelas imprimindo sua virtude. Não era tão prudente o quanto se podia esperar, mas a virtude da bondade era nele a mais desejável. Nunca vira, em um momento sequer, o Pe condenar alguém ou magoar quem quer que fosse por causa de seus pecados. Ninguém perto dele se sentia mal por se sentir pecador. Assim, todos se espelhavam nele, sem sentir vergonha de si mesmos. Ludi percebeu o quanto valia, pois fora importante para que ele pudesse dizer de seus conflitos e de sua inconformidade. Ele sabia qual o caminho a percorrer porque acreditava que a verdade anda entre as pessoas, não dentro delas. Ninguém melhor que Ludi para saber disso. Sentira o quanto o santo de Santo Cristo sabia ouvi-la e conversar com ela sobre o que deveria ser feito. Era tempo de, agora em diante, cuidar sozinha do amor e da conduta em torno de seus filhos



e do Godofredo.

Como uma fonte acorriam outros tempos. Anos cinquenta, tempo dos filhos tomarem cada um o seu jeito. Estava absorta na demolição da velha casa de madeira e cada tábuia trazia sua contribuição para seu espírito. Pensava a senhora Ludi: as minhas lembranças parecem silenciosas, entretanto, quando os testemunhos das tábuas e dos espaços denunciam o passado, dói muito saber que nada retorna e o caminho do feito já vai longe. Maior dor foi a de saber que dois de seus filhos disputavam o poder, cada qual gerando indisposições rancorosas que ela, já fazia tempo, vinha observando. Sentia muito saber que o ódio não poupava nem a intimidade de sua casa. Na mudança da casa velha para a nova, evidenciou-se maior o rancor entre ambos. Frederico era um adolescente voltado para as coisas práticas. Media tudo em razão de um lucro. As suas medidas zelavam por vantagem; a sensibilidade ficava em segundo plano. Observava que, com muita luta, deixava um espaço para as árvores próximas do riozinho. Disse um dia que se danassem os peixes. Os ingazeiros e as taquaras não entravam em negócio algum, altercava. Por outro lado tinha um senso prático, parecendo ver muito longe sobre os resultados das atividades da roça. Seu pai repetia: este guri ainda vai ficar rico. Ludi se entristecia por vê-lo tão frio. O contrário era Aléxis, que não media nada pelo viés da economia. Avaliava mais a estética das ações e das coisas do que o lucro que delas pudessem vir. Frederico era impulsivo, não poupando o irmão por vê-lo sonhador. Quando Aléxis era surpreendido com os comentários mordazes do irmão, enrubescia, com um sentimento de raiva contida. A indisposição de ambos agravou-se na construção da casa nova. Largo seria o jardim e grande o pomar, na opinião de Aléxis. A revolta de Frederico não se fez esperar. O pai e, principalmente a mãe, entenderam o que se passava. Moderaram a extensão do jardim e do pomar com Aléxis e buscaram convencer Frederico



sobre a importância do jardim e do pomar. Este, aparentemente, se convencera na redução da roça, entretanto, não perdoara ao irmão pelo espaço conquistado. Ao ver Aléxis, em dia de chuva, plantando as mudas e avançando pouco mais de um metro sobre os espaços combinados, Frederico se jogou sobre o irmão como se ele tivesse cometido grave ultraje. Os movimentos incontidos, porém, se aceleraram. As ofensas se precipitavam. Aléxis, ao acertar um muro no nariz do irmão, reduziu a raiva ao ver sangue que jorrava. Frederico, alcançando um porrete, jogou-o sobre o peito do irmão, que, não suportando o impacto, caiu desmaiado sobre o barro. Foi neste momento que a mãe viu de perto todo o desatino. Acordado Aléxis, e, Frederico coberto de sangue, estavam um horror, jamais pensado naquela casa. Ludi fez que ambos se abraçassem e os levou até ao riacho. Nada disse de ofensivo, apenas externou seu sentimento de dor, dizendo: não quero mais saber da raiva de vocês. Ambos vão se confessar com o Pe. Lavou os contendores. Trouxe roupas limpas e vestiu-os como se fossem crianças, escondendo a violência dos outros irmãos. Após o ocorrido, Ludi estava atenta, induzindo a que ambos sistematicamente prestassem atenção um no outro. Responsabilizou Frederico pelo plantio das flores e Aléxis pelos porcos. Assim se passaram duas semanas. Ludi via que ambos estavam de olho no serviços trocados. Ela cada vez mais se surpreendia com o coração de sua gente, principalmente quando notou um razoável e recíproco interesse. Percebeu que o ódio havia se arrefecido, ao menos por um período.

Lembrou-se também de Edek, um polonês robusto que ninguém sabia donde viera. Parecia um ser mitológico. Olhava-o com satisfação porque, em sua imaginação, aproximava-o das histórias de seu avô. Godofredo falava dele como um homem forte e exímio caçador. Corria de pés descalços entre a ramagens, taquaras e espinhos sem se ferir. Quando erguia sua espingarda era certo que o



animal tombava. A senhora Taglieber olhava-o com fascínio. Aquele portento humano fazia desprender-se dela um encanto. Quando se fazia noite na Divisa, os urus ainda saudavam a noite, invadiam-lhe uma saudade sem objeto nítido por referência. Em sonhos, era infalível, um portentoso homem conversava com ela amenidades e sentia um prazer que, quando acordada, se comprovava em seu corpo. Quando se confessou, com transparência para Lassberg, ouviu, não sem adivinhar que por trás das grades de madeira o Pe ria: vai em paz! Não existe pecado, enquanto ele caminhar nos teus sonhos. Quando, dentro de sua casa nova, olhava as tábuas grossas e os troncos falqueados das colunas, vinha-lhe a natureza inteira ditar-lhe segredos. Animais e caçadores descansavam, encostados nas madeiras mortas.



Memórias de Godofredo a respeito de Ludi

Ao lembrar de sua mulher não tinha somente ela em conta, mas era como lembrasse de si mesmo. Ambos se possuíam de maneira tão radical que poderia dizer que, se fossem árvores, seriam a mesma, não sabendo quem fosse raiz ou tronco. Sequer um olhar para o corpo de outra mulher, por maior atração que exercesse, afastaria o seu pensamento de Ludi. Alguém poderia pensar que sua exímia fidelidade não se devesse tanto a sua vontade, mas a uma robusta tradição que detinha em Deus o princípio da união. Nem ao menos a imaginação levava-o a desejar qualquer outra mulher. A união era tão absoluta que as diferenças de sentimentos e pensamentos não eram sinal de ambivalência. Eram quase duas humanidades numa só. Se as lágrimas viessem aos olhos por quaisquer ofensas, nada seriam por mais profundas que fossem tais agressões. Era como se a própria alma se debatesse em seus litígios. Mas Godofredo não a tinha por estas forças extorsivas da própria vontade. Tinha sua mulher por conta da luz que dela se fazia e da extensão dos filhos nascidos de seu ventre sofrido. A medida de todas as coisas era Deus, mas enquanto perpassada, também, pelos apelos de Ludi e os dele.

A cachoeira, assim que se casaram, era o lugar preferido dos dois. As águas deixavam aos dois uma graça que transparecia em cada gesto. Por certo, se não fosse a bendita obrigação de ter filhos, jamais os teriam tão cedo assim. A maternidade de Ludi inaugurou o temor. Ela não podia se libertar inteiramente dele. E cada um que nascia ampliava-o. Foi somente com o Pe que se iniciou um novo tempo de vivacidades desejadas.

Godofredo tornou-se satisfeito, embora desassossegado, de-

pois que somente Helga havia ficado em casa. Ludi afastou dele todo temor da velhice. Aos sessenta ela se tornara tão ardorosa que julgou haver algo extraordinário. Ela era a própria história da eroticidade tardia. Entretanto, ele ficara na mesma e, por isso, havia queixas da parte dela. Para ver se poderia compensar seu baixo desempenho, foi até o vigário. Pe Lassberg começou brincando ao falar que para ele seria uma árdua tarefa explicar a forma de agradar uma mulher que dormira com elfos, anões e faunos.

- Ora, ora, senhor Godofredo, não sou eu o melhor conselheiro, não que me falte boa vontade, mas mulher para mim é quase como a Santíssima Trindade: um mistério a ser amado, não compreendido. Como não posso amar nem compreender, fica difícil orientar, mas acredito que com um pouco de poesia a Ludi possa se sentir agradada. Ao menos o ouvido dela pode sentir um agradável prazer.

- Que assim seja, Pe Lassberg!

O Pe, então, mostrou a Godofredo a arte da poesia, dizendo que metáforas entre a mãe natureza e Ludi poderiam render uma razoável compensação. Ao perceber que Godofredo se sentia constrangido por não entender o que o vigário dizia, explicou que a metáfora é uma comparação para deixar a conversa mais bonita. Tomou de sua pequena biblioteca um livro de poesias alemãs. E extraiu para Godofredo um pequeno excerto de Goethe: *Der Schatzgräber*.

*Ao chegar a meia-noite
Vi surgir do bojo da treva imensa
Uma luz resplandecente
Vindo em minha direção,
Qual estrela luminosa
Rasgando a escuridão.*



O Pe explicou-lhe que a mesma frase podia ser aplicada à Ludi. Tanto as trevas podiam significar o tempo de vida de Godofredo antes de conhecê-la. A luz da estrela seria a própria Ludi. Godofredo, mesmo tendo fraco letramento, entendeu o que poderia dizer para sua esposa. O Pe brincou dizendo: se ela está podendo mais com seu corpo, ele poderia dar-lhe sentimentos mais agradáveis. Godofredo voltou para casa ensaiando comparações. Ao final de diversos ensaios descolou tímidas metáforas:

*Quando anoitece na Divisa
Em minha casa desperta uma estrela.
Fico contente, muito contente porque ela
Se chama Ludi: a luz da meia-noite.*

Riu de uma alegria como um frango no ensaio de seu primeiro canto. E avançou ainda mais em sua pobre poesia.

*Quando o inverno chega triste e frio,
Chego em casa e tenho uma chama quente
Ela vem e me acolhe e por mais que eu tente
O meu calor é uma chama bem pequena.*

Muitas noites se passaram e a senhora Tachlieber desconfiou de tantas metáforas. Pediu de onde tirava tanta palavra doce. Ele explicou que fora confessar de seu sentimento de fracasso perto dos desejos dela. Ela se comoveu ao dizer que a natureza também tem mistérios como a Santíssima Trindade. O bom mesmo é conviver com brisa ou tempestade. Consolou-se o homem com seu ritmo e agradados. Passados alguns anos depois que Godofredo usara todas



as inspirações poéticas, Ludi convidou-o a ir até a cachoeira e lá se banharam e se amaram como velhos amantes. Para completar o quadro, Ludi ouviu de um claro alemão: o sol está no meu coração.

Olhando melhor, três eram os tempos das diferentes lembranças de Godofredo.

1o – O tempo da geração de filhos e o que lhes havia precedido. A iniciação para o casamento fora-lhe tosca, uma vez que de amor e ternura pouco sabia; pouco mais havia aprendido que ter desejos e uma prática sexual tão simples como a dos animais para terem suas crias. Ludi fora a inventora de gestos propícios a tirar o que de melhor a natureza e a cultura podiam-lhe conferir. Sentia nela a Fraia jovial feita de gestos que escalavam o corpo masculino. Nenhum dos primeiros filhos viera de uma relação ao acaso. Somente após o quarto deles começou a sentir o receio da gravidez. A invenção de povoar a terra de filhos de Deus fazia a alegria se submeter à obrigação. As dores dos partos deixavam marcas em Ludi e, a partir do nono filho, cada intimidade se fazia com sustos e extremas dores. A escada que ia se fazendo de meninos e meninas trazia conflitos, principalmente, quando Godofredo lhe dizia que a escada não se completara. Por meses, Ludi se irritava com a idéia da construção de uma escada. Certo dia disse-lhe, muito zangada, que não era uma pedreira com a qual se erquem casas. Mas logo ela vinha servir a seus filhos e a ele, como se não houvesse outra alternativa. Esta conformação aos apelos de Godofredo, para armazenar filhos e mais filhos, fora o único grande entrave na vida do casamento.

2o -Tempo terrível foi aquele em que ela perdera a noção da própria identidade, entregando-se a sonhos nebulosos. Somente a noite podia ser efetivamente contada para a alegria dos filhos. As crianças esperavam o anoitecer para serem felizes. Batia o desespero em Godofredo quando ela pegava a direção das matas.



30 -Ternas foram as lembranças após a grande vigília dos anos calados. Era o tempo de uma presença de sol. Havia um ritual de atenções. Ela se animava como um pescador, ao menor sinal de peixe. Em qualquer transtorno, ela estava lá, controlando aquilo que fugisse aos princípios da solidariedade e da ternura. Quando desanimada de tanto lidar, nas noites de calor, convidava-o a ir até à cascata e lá afastar o cansaço e as preocupações. Quando a casa transtornava e juntos estavam em dúvidas nos procedimentos, ela ia até o Pe Lassberg, não sem uma ponta de ciúmes dele, para trazer uma resposta mais acertada. Dizia Godofredo a seus botões, principalmente quando se lhe dobravam as costas: Santo Deus, que faço, que se precipita a velhice e o meu corpo não corresponde ao meu querer? E, ao voltar de um dia em que fora avaliar essa situação, se conformava: de fato, ainda vou explicar a Santíssima Trindade, mas não a minha Ludi.

Os sessenta anos dela vieram dentro de uma fornalha. Nela, ao contrário, as forças se consumiam. Aos setenta seu peito arfava e, num dos invernos, veio a falecer. Cumprira seu destino de colono e de pai. Morreu tranquilo. Dia antes de seu falecimento olhou para Ludi e disse: querida mulher, se não te falei o quanto te amo, fique sabendo agora. Não fica com essa cara triste. É a lei de Deus. Se no veneno dos escorpiões se esconde a lei divina, também é lei que se morra quando se fica gasto. Deixo a minha vida, mas deixo outras. O peito de Godofredo roncou fundo. Logo esmoreceu, feito um motor que se apaga. O que falaram de sua vida alegrava seus filhos. Ludi ficou com saudades, mas não esmoreceu. Na pedra apenas: *Hier ruht Godofredo Taglieber*. Descansa, meu poeta!, murmurava Ludi sobre o granito.



Pequena Memória de Ludi a respeito de Godofredo

Lembrando o sino, lembrou-se das batidas no dia em que Godofredo se foi. Era um dia qualquer: apenas se fez um pouco mais de silêncio na Divisa. Um homem deixou de falar e trabalhar. Mais de 15 anos que os dias se sucediam sem ele. Ludi vivia nenhum deles sem lembrá-lo. E se perguntava ainda, quem era aquele homem? Não poderia dizê-lo totalmente. Sabia, porém, o quanto ele havia permitido que ela existisse. No único exagero de sua vontade, houve um pedido de perdão. Jamais, mulher alguma, poderia esquecer. Caíam sobre a cabeça de seu homem as douradas flores dos pendões debaixo do sol intenso. Não haveria mulher no mundo que não perdoaria. Seus olhos pediam sua volta. Ali um homem suado e com lágrimas.

Retirou do baú uma lousa e escreveu: *de suas mãos fortes e cansadas, desenhou poesias. Não interferiu momento algum nas minhas decisões de ser o que me era bom. Teve paciência em minha loucura e encaminhou os dias difíceis, fazendo meus filhos me amarem na minha perdição. Nos dias de meu pensamento distante, estava mais próximo. Sorria de um riso cansado quando, no lusco-fusco das tardes, retornava meu pensamento para os meus filhos e para as coisas da casa. Temia as madrugadas. Percebia que retornavam meus seres imaginários. Duvido haver quem possa avaliar, por melhores medidas que tenha, a sua grandeza. Agora, sobre o vazio da casa, apenas a minha imaginação. Sei que poucos anos me restam, mas cada dia deles se soma a gratidão pelas palavras e ações de meu Godofredo. Queria ter novamente o som grave de sua voz, o silêncio preocupado e seu corpo pesado. Completei com ele a alegria de ser mulher. Superou meus sonhos. Se aos sessenta, tirou mais prazer poético que extrair de*



seu corpo os movimentos bons que na juventude nos envoliam, foi que se arrefeceu a força pelo esforço e pelas dores de carregar raízes, sementes e animais. Sustentou uma casa cheia de gente. Fica sua verdade a me animar: eu era a Ludi, sua luz da meia noite.

Relidas as palavras, voltou à lousa para o outro lado, pendindo a Deus: *se acaso, na outra vida, é dado fazer alguma coisa, Senhor, dê-lhe um pedaço de terra. Nos dias de chuva, alguma coisa para arrumar: as cercas que dividem os campos divinos, ou anzóis para uma pescaria. Não o deixe inquieto. Tenho certeza que cansará, ouvindo os coros dos anjos, por melhores que sejam. A serenidade ou a contemplação não fazem seu espírito. A eternidade é muito tempo para ele ficar sem fazer nada. Por favor, ajude meu Godofredo a ser feliz. Devolva-lhe seus braços. Quando eu chegar, quero sentir seu corpo. A tua Ludi.*



DO SENHOR FRITZ E DA MÃE LUDI

Os agricultores, com alguns anos de experiência, podiam ler nos céus o advento de tempo pesado ou ameno, antes que fossem construídos os artefatos que indicam quando vai chover. Ludi e Godofredo, olhando para o céu, sorriam ou faziam um cenho carregado, pois as amenidades ou ameaças do tempo faziam parte da sorte que se lançava sobre todos da Divisa. Mas não eram somente tais leituras que Ludi possuía. Lia sobre a alma dos seus pelo rosto e pelos gestos.

O difícil diálogo

Já passada dos noventa, mesmo que a memória estivesse, às vezes, traindo sobre os anos dos acontecimentos passados e dos momentos presentes, não se equivocava a respeito do que se passava na alma de seus filhos. Fritz, que a fizera sofrer a ponto de a enlouquecer, era aquele que mais facilmente mostrava as intempéries. Ultimamente olhava seu filho e o seu coração dava pulos de preocupação. A riqueza de Fritz Sigmund Taglieber se acumulava e ela percebia que suas visitas rareavam. Quando perguntava sobre seus irmãos, dizia nada saber sobre eles. E para não ter de enfrentar o olhar inquisidor da mãe, fazia um ano que não a via. Um telefonema, avisando que ela tivera uma crise severa, é que o levou até a Divisa. Ela, já recobrada da ameaça, viu que o filho saía, dizendo que seus compromissos na rede de empresas o esperavam. Driblando sua consciência, e, demonstrando para sua mãe o quanto restava de bom, foi falando que muitos empregados dependiam dele. Todas as famílias estavam vivendo em razão de suas empresas. Ela, sentindo o quanto se afastava dela, olhou-o fixamente, não deixando para outro dia, o que tinha a dizer neste momento.

– Filho, fica comigo antes que eu morra de tristeza.

– Não tenha preocupação, minha mãe, estou bem e vejo que a senhora também está inteira.

– Sinto muito em te dizer, filho, mas posso garantir que o caminho da tua riqueza não está sendo bom e nem você está bem.

– Já lhe disse, minha mãe, que tanta gente depende de mim. Afirmo: estou bem!



– Não se trata da produção dos bens que você está gerando, nem do quanto produz coisas necessárias à vida e ao conforto das pessoas. Sei de tua habilidade e destreza, esperteza e planejamento. Sou uma velha senhora que aprendeu a pensar. Falo de tua alma e da comunicação com os teus.

– Os tempos são outros, Ludi, minha mãe, a senhora viveu no tempo da agricultura, eu vivo no tempo da indústria e do comércio. Me agradam os lucros e o negócio. Gosto de inventar novas formas de vender e atrair os clientes.

– Não entendo de como se vende nem de como se faz o que você vende. Acredito que tudo seja de ótima qualidade. Você é como os anões das lendas de teu bisavô. Eram exímios em anéis e outras coisas do mesmo riscado. Os deuses todos invejavam suas jóias. Os gigantes que eram de outros países também queriam ter de suas preciosidades. Havia intriga entre todos para cada um ter seus ouros trabalhados. Sei de como Albricht, um deles, possuiu o ouro e tinha tantos escravos que trabalhavam para ele, mas perdeu o amor que ele devia ter.

– Mas, mãe, esquece as loucas histórias de outrora, eu não estou perdendo o amor por causa de minhas empresas.

– Aí é que você está enganado. Não pense que não sei que você está distante de teus irmãos. Sei que mais está na Europa, que é a terra dos gigantes, do que na tua casa. Mesmo na Divisa você vem tão pouco a ponto de ver você cada vez mais velho e, é claro, você também se assusta por me ver envelhecer com mais nitidez por causa do tempo que nos separa. Não me venha com esta de amar sem ver. Você está enterrado até o pescoço nos negócios. Sei que não canta mais e que chega em casa sempre que tua mulher está dormindo. Teus filhos estão vendo apenas o teu poder e não sabem,



também, o que é amar. Vejo-os, quando, às vezes, chegam aqui na Divisa, cada vez mais rabugentos e brigando por ninharias, quando não estão lidando com aquelas máquinas cheias de jogos. Eles são impacientes e pouco agradáveis, mesmo quando parece tudo calmo. Eu, que sempre tive tanto desejo de amar, tenho dificuldades em ter a atenção deles e minhas histórias estão longe de agradá-los.

– Mãe, o jeito de a gente ser é outro. Amamos de outro jeito.

– É certo, mas não sei se faz bem o jeito de amar. Você ama tantas coisas e perde o principal. Quando, da última vez, a tua mulher Érica esteve aqui, senti que andava pesarosa e enfadada com tudo, mesmo tendo um carro bonito. O Pe Lassberg dizia que a felicidade se mede pela alegria quase constante. Vejo como está triste tua família, e isso me faz tanto mal. Não sei por que os ricos, geralmente, andam tristes.

– A vida de hoje é uma corrida.

– Só que não sabem mais para onde vão.

– Senhora Ludi, para onde a senhora e o pai pensavam que iam?

– Não íamos, filho, ficávamos em torno e entre vocês, e a alma de vocês ia se formando com nossas conversas e nosso exemplo. Íamos até Deus e ao Pe Lassberg para ter mais certeza do que fazíamos. Você acha que as máquinas e o dinheiro educam, tornado teus filhos melhores? Isso, filho, não dá felicidade!

– Não dá para esquecer que a qualidade do trabalho e onde trabalhamos exige que estejamos longe de nossas casas. Ficamos tão bons em nosso trabalho que cada um dos trabalhadores não precisa passar por tantas dificuldades como a senhora e o pai passaram.



Como a senhora sofreu para nos ter! Até enlouqueceu de tanta dor. Agora as mulheres têm assistência médica e nenhuma precisa chorar quando vai ter um filho.

– É verdade, e você quase me matou. Mas vê, filho, vocês sempre nos tiveram, a mim e a teu pai. Fico grata porque tive meu Fritz. A dor já passou, mas não me foge do que eu quero te dizer. Te conto mais um pouco das histórias de teu bisavô. E não me venha com essa... de serem histórias de outrora!

Quando o maior dos deuses construiu um império tão poderoso em troca da deusa do amor, tudo se tornou triste, apesar de todo luxo. As intrigas eram tantas que mesmo a deusa Terra perdeu o jeito de aconselhar. O respeito e a alegria haviam desaparecido e até as fontes murmuravam tristes. Mesmo Idun, a deusa da juventude, perdera seu prestígio e suas maçãs de pouco adiantavam porque todos se perguntavam: mas por que viver tanto assim, se tudo podemos e nada nos agrada? Meu filho, te vejo mais ou menos como no reino de Valhalla. Vejo teus filhos jogando e jogando, tendo suas máquinas cada vez mais velozes, mas não os vejo alegres. Vejo também você produzindo cada vez mais e melhor, porque teus produtos estão em toda a parte. Estou velha, mas não estou cega.

– Por aí a senhora vê o quanto eu providencio de alimento para muitos e, além do mais, as rendas não ficam para mim. Com elas mais trabalhadores podem trabalhar e mais casas terão alimento e mais agricultores terão vantagens. As mãos de meus trabalhadores não ficam com a pele cheia de rugas e as mãos calejadas. Eles não sofrem tanto assim. Isso também é uma forma de amar.

– A divisão de teu tempo é que não está boa. Fritz, tu estás preso pelo prazer de produzir e o ouro escorre por entre tuas mãos. Sei que também ajuda a outras pessoas. Mas podes ficar certo que



de nada adianta se tu perdes a ti mesmo. As pessoas que tu ajudas não sabem de tua existência, nem tu a delas. O amor deve nos atravessar através dos olhos e do coração. Não se pode amar as pessoas nem as coisas muito distantes, senhor Fritz Sigmund Taglieber! Não fique pensando que as mãos são úteis apenas porque trabalham. São mais úteis quando abraçam. Sei que teu trabalho põe em movimento outros braços, mas isso não é suficiente. Sei também que tu estás superando o trabalho bruto e que as indústrias trazem mais valor do que as batatas, os feijões e o gado do campo. Não condeno a tua competência. É que tu ficas como aquele rei que metia a mão e tudo se transformava em ouro. O pobre homem acabou morrendo de fome. Lembra do Pe Lassberg, como falava bem de a gente estar junto e que as melhores conversas são aquelas que não rendem muita coisa.

– Escuta, ó mãe, não é só o poder do dinheiro e do que eu invisto em minhas empresas que me dão satisfação. Tenho amor também por criar outros trabalhos, bem-feitos. Não sei somente fazer coisas que vêm do leite. Estou me aplicando em transformar outros produtos em benefício da região e, até, do Brasil. O trabalho cada vez mais será diferente e os movimentos serão diferentes sobre os grãos que são produzidos. Tenho a alegria de criar.

– Isso é bom, mas aqueles que estão contigo não recebem todo o benefício de tua criação nem te reconhecem. Tu vais ter muitos e não vais ter ninguém.

– Mãe, a senhora está pegando pesado comigo!

– Nem tanto quanto o jeito de tu lebares a tua casa.

– Concordo que minha casa esteja meio bagunçada, mas minhas empresas estão bem.



– Deixe-me ver, filho querido! No ano retrasado, quando tu me levaste para ver o trabalho dos teus empregados, eu tive vontade de chorar quando saí de lá. Quando ia passando por eles, não tinham tempo para dar um sorriso e um bom-dia. Estavam presos nas caixinhas de leite ou nos embrulhos dos queijos ou nos potinhos de iogurte, parecendo que eram máquinas.

– Mãe, mas é assim que funciona. Mais de trezentos anos as empresas lidam desse jeito com seus empregados. É uma maneira de a gente controlar as máquinas para que elas não deixem nenhum erro. Os gigantes da Ásia e da Europa são muito exigentes!

– Meu Deus, seria preferível morrer na cruz que viver trinta anos controlando as máquinas e as caixinhas. Pobre filho de uma mulher que deve enfrentar este destino de apenas fazer isso e voltar muito cansado para casa. Olha, filho, juro que tomaria uma garrafa de canha para aguentar um trabalho assim. Iria dormir todo fim de semana e nunca mais iria querer trabalhar ou sair de casa, só de medo de me convidarem para trabalhar depois da aposentadoria.

– Assim os trabalhadores ficam mais destros em observar e não se perde tempo com distrações.

– Não acredito no que ouço falar!!!

– Mãe, eles ficam contentes.

– De que jeito?

– Eles atingem as metas e recebem um prêmio a mais em dinheiro.

– E como fica a alma deles?

– Oh!, mãe, sou empresário, não vigário.



- Eles são máquinas?
- Não, mas gostam de produzir e consumir.
- Não, filho, não! E quando ficarem velhos e se aposentarem?
- Vão para casa!
- E o que fazem?
- Nada! Alguns pedem para continuar a trabalhar!
- Vai embora meu Fritz, antes que eu morra na tua frente.
- Desculpe, mãe, mas assim é que é!
- Posso te pedir alguma coisa!
- Pode, mãe!
- Tudo é assim na cidade?
- Veja, mãe, até na universidade onde estudei cada um se dedica a pesquisar uma só coisa sempre mais, sempre mais. E sempre tem o que achar! Cada um fica querendo ser melhor que o outro numa coisa só! E parece, ó mãe, que alguém há quase 400 anos falou: cada sujeito torna-se cada vez mais hábil num só ramo e cresce seu volume e o conhecimento se amplia cada vez mais. Outros indivíduos fazem a mesma coisa, e, só, às vezes, se reúnem para dividir o conhecimento e se sentem importantes porque estão avançando muito em sua ciência!
- Cada um olhando sua própria caixinha! Pode parar que minha cabeça já não suporta mais!

Ambos se despediram, mas a mãe voltou-se para ele e, em tom acre:



– Vê, meu filho, se não vira besta! Acho que o professor Schaeffer ensinou muito sobre cálculos e fez poucos exercícios sobre como amar a Deus, ao próximo e a si mesmo. Se cuida, piá! *Schikt dich gut!*

– Mãe, vou me cuidar!

– Com muita dor nasceu de mim um homem, não uma máquina, querido! Hoje vou plantar flores para que da próxima vez estejam todas floridas!

Logo a seguir roncou sua Hillux, jogando pedras, e Ludi foi cuidar de lírios e begônias, muito intrigada com tudo.

Passaram-se muitos dias, quase todos de angústia, porque Ludi não sabia se suas questões haviam aproximado ou afastado seu filho. Aquele que mais lhe rompera o ventre, agora fazia que se lhe rompessem os sentimentos. Uma verdadeira dor afligia o seu peito: a dor de não saber o efeito de suas palavras e a dor da distância. Culpa, dúvida e irritação moviam suas idéias e deixavam intranqüilos seus 92 anos. Ela se perguntava: o que têm as mães de nunca caminhar em liberdade?



O empresário Fritz Sigmund Taglieber

Muito antes de Fritz andar em diálogos austeros com sua mãe, dos quais outros viriam, buscou por conta própria acertar suas decisões na direção do que seus impulsos o orientavam. Tinha dentro de si uma espécie de adoração por invenções, a ponto de pensar que Deus precisava muito dele para levar adiante seus empreendimentos divinos. Fluíam suas idéias e, ainda em casa, se distanciava dos irmãos nas pretensões de ser alguém, muito além dos sonhos de sua mãe. Não sabia se era o sofrimento do parto sufocante que o havia levado a sempre querer sair de onde estava, ou se as histórias de sua mãe em torno de anões inventores e de deuses poderosos haviam feito com que desejasse sempre mais; ou, talvez, sua alma inquieta era portador de uma perturbação que o levava a decifrar o mundo para longe das expressões simples de seu lugar. Não se entendia competente, mas se envolvia precocemente com temas que apontavam para grandes riquezas. Estava marcado em suas paletas que um demônio o possuía, entretanto, todos os gestos de bondade inscritos na infância ainda estavam intactos. As ações da Divisa eram-lhe inarredáveis.

Ainda menino, fora estudar em Santo Cristo, pois via no Pe Lassberg um ser quase mitológico e, em seus pensamentos, atribuía ao estudo a diferença dele em relação aos outros homens. Ludi, certo dia, induziu-o a pensar que poderia ser Pe também. Suas palavras afastaram qualquer hipótese sacerdotal: mãe, gosto do Pe como um santo, mas o meu corpo não foi feito para um voo tão alto. Ludi admirou-se de sua resposta. Era verdade que ainda piá lera a maioria dos livros de seu avô, mas não esperava essas palavras quando tinha apenas 15 anos. Ela, porém, insistiu em saber qual seria o destino



que ele estava querendo imprimir à sua vida. De alguma forma queria ter controle sobre ele. Ouviu o inesperado, mas perfeitamente justificável: minha mãe, sei o quanto a senhora gostaria de ter todos por perto, mas me assusta tudo que eu vi. A roça tem sua beleza, mas me cansa só de ver meu pai trabalhar. Quando o vejo sujo e suado, carregando feixes e sacos, lavrando entre as raízes que lhe batem nas pernas, isso me arrepia. Quando capino entre as fileiras de milho, já alto, e me caem sobre o pescoço as pequenas formigas, me vem uma irritação tão grande que tenho vontade de quebrar o cabo da enxada. Quando, no inverno, cai a garoa fria, e a mim cabe buscar o pasto molhado, eu penso que merecia outra vida que não esta tão pesada. Mais ainda admiro, então, meu pai que com tanto esforço retira o nosso sustento, mas não quero isso para mim. Com tais palavras a mãe Ludi se convenceu que aí não era seu lugar.

Foi, primeiro, parar na casa das tias em Santo Cristo e aprendeu o gosto de uma pequena indústria de bolachas. Concluído o ensino fundamental, foi para Santa Rosa, onde completou o ensino médio. Começou a trabalhar numa fábrica de queijos, mas sempre pensava como transformaria os produtos da terra, agregando mais valor para obter um dinheiro mais fácil do que aquele que seu pai retirava da roça. Suas roupas estariam sempre secas e seus pés, sempre quentes. Nas manhãs frias, não teria necessidade de pisar no barro. Mal havia terminado o ensino médio, passou a cursar a faculdade de administração à noite, mas de olho em como formar um capital e dar início a um trabalho que lhe pudesse render um farto rendimento.

Começou a dominar o exercício de uma lógica em torno do capital, da tecnologia de processamento do leite, do trabalho, do salário, do planejamento, dos empréstimos e de outros meios de instrumentação industrial. Sempre sonhava com um capital inicial,



que seriam aquelas coisas que se aplicam na produção de bens que não sejam de consumo. Queria organizar um espaço produtivo que rendesse sempre mais e, dessa maneira, crescendo o capital, aumentaria os bens econômicos. Namorava tudo que pudesse fazê-lo chegar a inventar e a formar um meio de aproveitar, inicialmente, os derivados do leite, melhorando tudo que pudesse ampliar sua produção. Como não tinha grande poupança foi à poupança do banco e tomou empréstimo, o que foi necessário para ensacar o leite de sua pequena indústria.

Assim que pagou o banco, ampliou de forma larga seu capital e novos investimentos foram feitos para a produção de novas mercadorias. Ria de si mesmo por ter tirado de Aristóteles as principais idéias de como chegar próximo da natureza e dela retirar os recursos para seu enriquecimento. Observou com atenção o potencial existente em torno de Santa Rosa. Viu que havia leite em abundância. Observou as possibilidades da lei econômica, que dizia aí existir a matéria da produção, o produtor e o trabalhador adulto que vinha das colônias e se instalava na cidade. Desde cedo, muito cedo, sofreu o mal-estar do Estado com seus impostos abusivos. Dizia Fritz: ter aqui um empreendimento é como dar à luz a um bebê maior do que aquele que a mãe poderia parir: é entre lágrimas e dores que nasce uma empresa. Bem como eu nasci.

Os sonhos de Fritz

Onde pôr a salvação? onde buscar um pouco de segurança para fazer com que não tenhamos tanto medo? e, ou, ao menos, poder dizer aos nossos filhos: é por aqui! Foi sobre isso que um dia o professor de filosofia falou aos seus alunos na aula de seu curso superior. Foi o que despertou em Fritz o desejo de explicar o seu espírito empreendedor. Queria muito mais que apenas sobreviver. Não sou salvador de ninguém, mas não gostaria de morrer sem melhorar a minha cidade. Ao falar com Ludi sobre sua proposta de juntar seu pequeno capital, o trabalho e as condições naturais que se apresentavam, sua mãe disse-lhe que ele estava sendo positivamente ambicioso, mas fez entrever em suas palavras que tivesse atenção sobre a criação original dos Nibelunge: havia sempre um grande perigo que espreitava os deuses, os gigantes e os anões quando detinham a posse de um anel, permitindo que acumulassem riquezas. Entretanto, sempre se abatia, nos três reinos, uma grande infelicidade. Não fique preocupada, mamãe, aprendi a lidar com honestidade em tudo e espero que sua deusa Freia não me abandone e não seja eu louco como Loki. Filho, uma coisa é certa: o poder apaixona de tal forma que as pessoas se tornam cegas, achando que estão vendo tudo. O poder é envolvente, isso se aprende das histórias de teu bisavô. Mesmo Jesus ficou muito tentado do alto do morro quando os diabos lhe mostravam que poderia dominar uma cidade. Isso que a cidade que o diabo mostrava era menor que Santa Rosa. É verdade, mãe, suas histórias me atraíam e sempre sentia cócegas em minhas mãos quando entravam em cena as histórias dos ouros do Reno, o anel poderoso e o castelo de Valhalla. Por outra parte, mãe, acredito que meu tamanho só fica melhor quando estendido na proporção dos outros.



Passados mais alguns meses, o seu desenho mental se delineava quase inteiro. Queria dominar o mercado do leite e seus derivados. E, não sabia por quê, queria inventar um alimento que contivesse o poder da nutrição, sem, entretanto, causar possíveis consequências à saúde. Ainda descobriria o alimento perfeito e que fosse comprado tanto por conta de remédio como por conta de sabor e alimentação.

Ao mesmo tempo que imprimia velocidade e cuidado, dedicava-se a estudos de humanidades. Dizia um professor seu de economia, dentro de sua grande competência e grande generosidade, que obter lucro jamais deixou alguém melhor, a menos que tivesse uma alma maior que pudesse usufruir de conhecimentos, de fraternidade e de beleza. Aí, possivelmente, poderia estar orgulhoso de estar próximo de ser um ser humano perfeito. Se conseguisse aproximar estes quatro elementos: riqueza, beleza, entendimento e bondade aí, talvez, haveria uma razoável expressão humana. Não somente sabia das idéias de Adam Smith e do brasileiro Carlos Galves sobre as leis da economia, mas se estendia sobre os compromissos éticos e do conseqüente estilo de vida que teria para si e para seu sonho empresarial. Martelava em sua cabeça a fala do Pe Lassberg: os hábitos tornam o homem bom, o resto pode ser meio eficaz. E aqueles da caridade são os únicos que garantem a felicidade. Fritz lidava cotidianamente de buscar o termo médio entre o poder e a bondade. Avançava em suas convicções sobre a busca constante dos seres humanos em terem para si a segurança de não andarem perdidos.

A começar por Godofredo, seu nome de origem germânica revelava onde seus pais sustentavam um pouco de segurança. Quase um século havia se passado e ainda falavam a língua das terras de origem, exaltando o nome, a fala e a terra de onde vieram. Pouco importava se a Alemanha tivesse sido pouco generosa para com



eles. Ainda assim, ventilavam em sua alma os ares alemães. O trabalho sem medida e a crença absoluta em Deus rendiam a garantia de que não morreriam. Os filhos, a imortalidade dada pelo batismo e tantas orações concediam um poder pelo qual a morte perdia a severidade. Agora ele, Fritz, o ambicioso, também queria demonstrar, à sua maneira, que a morte não infligia receio. O seu empreendimento daria-lhe a fugaz certeza de que seria como um imortal. A começar por sua tese inicial, pela qual amava seu próprio ser: seria um empreendedor de cujo pensamento instruído e organizado fariam fluir posições que lhe garantiriam que sua idéia inicial não era apenas um sonho. Sua empresa teria vulto e consistência. Enquanto assim agisse, crendo em si, não necessitava abandonar-se aos mitos de seu pai e de sua mãe. Estava como o gigante Ciclope. Seu poder jogaria para longe toda a fragilidade. Sentia-se o próprio Siegfried da lenda dos Nibelunge: com sua espada, partiria ao meio a bigorna que a forjara e o dragão lhe parecia pouco mais que uma lagartixa. Perseguia seu anel, símbolo do poder, o qual cabia em qualquer dedo desde que fossem usados os artifícios necessários. Fritz sentia-se quase onipotente diante de sua criação, sem outra necessidade que não a do poder. Por mais que avaliasse a história humana dada pelo professor de economia, mal percebia a trajetória frágil dos esforços para que os filhos do poder tivessem certas garantias de que não eram errantes sem destino. Avaliava o poder dos navegadores fenícios e vikings, do exército de Xerxes, e assim numerando todas as potestades de que tinha conhecimento. Mais que tudo, admirava o poderio romano atravessando os lugares e os tempos, partindo de Londres até o mais ermo Oriente. Todos eles crentes de que sua força e entendimento não cairiam por terra e, agora, de tudo, sobraram apenas alguns testemunhos e vagas lembranças. Sabia que os mitos e as representações das divindades consolavam os humanos, mesmo que não se sustentassem em face de qualquer lógica. Todas



as crenças e religiões desfilavam sua trajetória diante de Fritz. E avaliava que, quase em todas, havia tanta fé e pouca caridade. Era isso que também pensava Pe Lassberg que um dia, irritado com a má língua de algumas beatas senhoras, chegou a dizer: se em vez da fé tivessem caridade, Santo Cristo seria melhor. E quando se mostraram escandalizadas, pegou mais pesado dizendo-lhes que Deus só se apresenta quando boas obras são feitas entre quem elas conhecem. Ele é suficientemente poderoso, não precisava delas na Igreja, assim falou. Fritz, entretanto, via, nas expressões de fé, o quanto os fiéis buscavam o poder que não detinham. A proteção imaginada tornava-os também imortais. Assentou seu pensamento sobre o poder da razão e encantou-se com o milagre dos gregos, que passaram a ver o mundo como uma bela arquitetura, avaliando as leis que o governavam, sua matéria, forma, potências e atos, essências e acidentes. Avaliou, com encanto, quando o homem começou a ter para si que os fenômenos são todos naturais, com suas causas naturais. O homem, então, soube com orgulho o tamanho de seu poder. Não somente como os gregos o faziam, mas engendrando meios de transformar as leis em tudo que pudessem conformá-las ao seus desejos. Em tudo pôs seu domínio, mas exacerbou seus desejos, usando sua força a ponto de perder o sentido da ética entre os povos. Mais morreram pela ciência da guerra que pela peste negra, apesar das orações. Em todas estas coisas, Fritz media a dificuldade humana de encontrar um razoável poder. Pensava sobre os homens e as mulheres: com as divindades ou com a própria razão, mal conseguiam navegar com seus filhos. Com muita fé ou muita ciência, sempre faltou a devida caridade. Pois, teria uma empresa com poder e caridade!

Quando o perfil de sua empresa já se expressava financeiramente bem e as articulações com os produtores de leite iniciavam uma boa parceria, sentiu efetivamente um forte desejo de ir além.



Para ele constituía-se um grande desafio reunir o cuidado para equilibrar os recursos físicos, humanos e materiais. Temia, porém, que não pudesse dar conta de seus sonhos. Teria uma árdua tarefa para equilibrar sua humanidade. Infelizmente, pensava, não se detêm todas as circunstâncias de uma promessa. Estaria, entretanto, atento, mas poderiam vir realidades, sentimentos e idéias que pudessem, aos poucos, jogar águas abaixo seus propósitos. Quem diria que sua mãe, cercada por anjos, santos e o próprio Deus, viria a se perder entre faunos, elfos, anões e deuses antigos! O pedido de perdão, aceito por sua mãe, devolvera-lhe a paz necessária. Poderia ele também se perder, mas que tivesse a boa vontade de se perdoar e corrigir a trajetória. O que não poderia deixar de fazer, agora, era não corresponder aos seus próprios anseios. Imprimiria em sua agenda os passos e os meios necessários. Mal havia erguido a construção para duas máquinas de ensacar leite e já construía o seu horizonte maior. Leites diferenciados, incluindo de cabra, com alto teor de cálcio, queijos, achocolatados, creme de leite, doce de leite, iogurtes, requeijões e todos os demais laticínios perecíveis e não perecíveis com utilização de fermentos e coalhos especiais, que tiverem demanda. Queijos, então, seriam o seu xodó: queijo frescal, ricota, mussarela, minas padrão, provolone, prato, queijo ralado, requeijão, coboco, parmesão e mais os queijos recheados com lingüiça defumada, tomates secos sem pele, azeitona com picles e cenoura e tudo o mais que se possa derivar das vacas de linhagem dos seus agricultores. Ria de suas fantasias, esfregando as mãos de tanta alegria. E quando os sonhos lhe vinham enlouquecidos, assoberbavam-se as vacas de diversas raças com seus leites de propriedades diferentes. Vinham-lhe à imaginação as raças européias e as asiáticas, de leite e de dupla aptidão, tanto de leite como de carne. Dividia-as em lotes e, juntando-as, multiplicava e vinham mais as mestiças. Como ficariam a Holandesa, a Jersey e a Ayshire misturadas com sangue



da Simental? Como ficariam as genéticas associadas às orientais Gir, Guzerá e Sindi? E o plantel das mestiças agregadas às outras? Buscaria os melhores técnicos na transferência de embriões e revolucionaria as vacarias. Ria de sua loucura cheia de leite. Faria, assim, até a vaca zebu dar um leite em quantidade e excelência. Seu peito se estufava de satisfação de ver os agricultores cheios de dinheiro e agradecendo ao sonhador de vacas. Ainda mais sonhava com a grandeza humana e financeira que teria em escala nacional e multinacional. E vinham-lhe, em jorros, seus sonhos empresariais. A sua empresa teria uma configuração de flores num vaso. De diferentes famílias, mas associadas por uma estética administrativa e social. Seria comercial, industrial, rural e de produtos tão bons que poderia se imaginar que sua empresa fosse artesanal. Seria uma empresa privada com forte cunho comunitário. Sua empresa estaria como mediadora de comunicação entre todos os agentes de produção e recebedores de suas rendas. Os agricultores, com seu leite, saberiam dos trabalhadores da produção; os produtores, dos consumidores. Haveria aproximação do setor privado ao público. Todos os participantes viveriam o bem-estar do sucesso e o mal-estar das incertezas. Deveria haver condutas justas entre os fatores de produção. A natureza, o trabalho, o capital e seu lucro não poderiam rivalizar entre si. Os agricultores teriam uma extrema preocupação com os cuidados das águas e no trato da terra. Não haveria um riozinho sequer sem seus cílios exuberantes. Eles saberiam de cor e salteado as necessidades da natureza. O trabalho não teria somente o fito da produção, mas também da alegria de conviver e aprender. Buscaria afastar-se das ideias de Smith, nas quais se apresenta o operário de alfinetes: cada qual fazendo uma só coisa a vida toda. Seria castigo demais olhar durante oito horas diárias as mesmas caixinhas de leite ou fixar as embalagens no queijo. Os filhos dos agricultores e dos trabalhadores das fábricas saberiam que seus pais estariam



aprendendo algum ofício de lazer. Seriam oferecidas diversas oficinas em convênio com as prefeituras. Afinal, pensava Fritz: ninguém é de ferro e, ao envelhecer, tenha-se uma tarefa interessante por fazer. Longe de mim o pensamento do lendário gigante Fafner que se transformou num dragão pronto para devorar quem se aproximasse de seu anel. Não poderia perder o foco que é a vida: ela é a merecedora dos maiores cuidados. Tais foram as bases sonhadoras de sua empresa e de sua vida.

Dos sonhos à realidade

As coisas propostas por Fritz estavam cheias de boas intenções, mas as circunstâncias as desmanchavam, propondo outras coisas. Tudo ocorria da seguinte forma: o que fora já não era. Fritz e as dificuldades eram a medida de suas empresas. Podia-se brincar com o tema de Protágoras: de fato, o homem é a medida de tudo, principalmente, se a ele se associarem circunstâncias que podem fazer esquecer os bons princípios. As rendas, as quais Fritz propunha serem para um projeto solidário, sustentável e promotor de diversas estéticas, iam, aos poucos, sendo absorvidas pelo capital, e assim ampliava o reino dos laticínios e prometia avançar em outros terrenos, como o dos insumos. O planejamento, as viagens e as negociações, aos poucos, esgotavam seus interesses e o seu tempo. As relações interpessoais eram substituídas pelas formais, cada um entregando as suas formas para o bem da empresa. O torvelinho que, aos poucos, tomava conta de seus dias estava para um tornado que se precipitava. A lógica da colonização do mundo de sua vida foi enaltecendo sua personalidade e o reconhecimento público fomentava sua agilidade e competência. Estava encantado com sua própria velocidade. Érica estava orgulhosa, pois acompanhava seu marido nas comendas e outras festas de reconhecimento da personalidade de seu marido. Aos poucos, porém, foram criados dois universos: o dela e o de seus filhos e, o dele. As conversas do casal eram pouco interessantes porque Fritz estava metido em linguagem que não a de sua casa.

No primeiro diálogo de Fritz com sua mãe, houve um tom inquisitorial, carregado de preocupações. Ludi queria saber por onde seu filho havia se metido. Mal haviam se passado os primeiros



dias de setembro, as brumas ainda não haviam se dissipado, quando a velha senhora sentiu-se responsável e temerosa ao ver seu filho tenso como um arame esticado. Mal aparecia, mal conversava, mal abraçava, mal beijava. Tinha seus olhos distantes, pousados sempre na próxima deliberação, nos recebimentos e pagamentos. Isso se iniciara pouco tempo depois que havia mostrado seus sonhos para sua mãe. Nem os galos tinham cantado muitas vezes na Divisa, que já havia traído os sonhos prometidos. Quando falou com tanto entusiasmo em reunir os céus e a terra, já sua mãe desconfiara ao lhe dizer que de muita promessa até os santos desconfiam. No momento em que Fritz começou a tomar o gosto por sua produção, a primeira circunstância se interpôs, a saber: gostou de ver suas iniciativas renderem tanto. Brilhava o ouro no fundo de seu rio e os aplausos eram tantos que nada mais via ou ouvia que não o próprio sucesso. Avisou a uma porção de gente que as coisas em torno das humanidades eram arroubos de um aprendiz sonhador. Ficara exatamente como o dragão de Fafner, vendo seu anel maravilhoso. Os aplausos eram constantes e seus empregados mais graduados, ou por receio de receberem uma crítica cáustica, ou com medo de ver em seus lábios um sorriso debochado, julgavam que o chefe estava certo. Sua mãe, porém, não lhe devia nada e não precisava de seu aplauso. Queria apenas que seu filho estivesse bem. Ela, como mãe, não sabia de verdades econômicas; sentia apenas que a vida reserva aos seres humanos coisa melhor que aquilo. Andar daquele jeito, correndo de cima para baixo e vice-versa, como um doido, ora de carro, ora de avião, conversando com o diabo e todo o mundo, menos com quem devia conversar, já era demais. Cinco vezes pediu para que ele comparecesse até sua casa na Divisa, mas ele apenas sabia da Divisa que as vacas de lá, como as de toda a região, davam um excelente leite, o qual se transformava em produtos para consumidores que pagavam um ótimo preço. Como ninguém, seu filhote



desenvolvera um faro para seus negócios e como ninguém sugeria propagandas que prometiam longevidade e beleza física, como se fossem as maçãs de Idun. Ele ria satisfeito, batendo em sua barriga, quando tinha um pouco de tempo. Para ele havia descoberta a salvação em suas iniciativas. Foi exatamente neste período, no mais alto grau de satisfação, que ouviu escritas as primeiras palavras de sua mãe, chamando para uma revisão de vida. Ao terminar, apenas disse: a velha pegou pesado! Assim se expressou Ludi numa carta.

Filho, dia destes tive uma conversa com o Diabo! Não se assuste que não retornei aos velhos tempos em que andava perdida no meio da floresta. Não ando perdida porque minha cabeça nunca funcionou tão bem e não ando perdida porque já não existe mato para se perder.

Nem ao menos sei se tens tempo para ler o que te escrevo. Mas, de fato, o Diabo me apareceu em sonhos e tive um pesadelo no qual lutei para afastar o demo de dentro de minha casa. Embora estejas distante e ausente, tenho a ti como ainda o menino que corria por todos os lugares e deitava a tua cabeça no meu colo antes de dormir. O sonho aconteceu como escrevo: via o Diabo te cercando por todos os lados como um leão faminto. Com um porrete me esforçava muito para que não te devorasse. E, por incrível que pareça, começou a conversar comigo dizendo: senhora Ludi, já é tarde teu esforço, porque tenho o teu filho preso faz uns dois anos. Em razão de minha longa idade, brincava o Diabo, dois ou três anos fazem pouca diferença. Respondi a ele que não se entusiasmasse porque, enquanto uma mãe, mesmo velha, muito velha, brigar pela salvação, nenhum filho se perde. Riu do jeito que só um Diabo sabe rir, e ria tão alto que temia que a igreja da Divisa e a nossa casa fosse cair por terra. Ele ria de minha cara e falava que de nada adiantara eu ter me rebentado toda e de nada adiantara eu te amar do jeito que te amei. Porque sofri tanto, acho que te amei ainda mais. Ele continuou ainda mais danado: eu



era uma bobalhona em querer me meter nos teus negócios tão complicados. Eu estava muito irritada e mandei ele à merda, jogando uma pedra que apenas atingiu o rabo dele. Falei enquanto me esforçava atirando a pedra: posso não entender de muita economia, mas da vida entendo eu. Sei do que é necessário e meu filho também sabe. Se ele hoje está agitado no meio dos negócios, amanhã ele vai pôr a cabeça no lugar e retornará aos velhos propósitos de não se afastar dos cuidados com a natureza, com a vida dos empregados depois da aposentadoria e com os irmãos. Você vai ver, Diabo sem-vergonha, se ele está sendo tentado por você, infeliz, serei mais forte que todo o inferno. E tu sabes, filho meu, que ele foi mais debochado ainda: veja os riozinhos quase secos, veja os empregados se esfalfando a não mais poder. Veja os filhos deles se têm qualquer tipo de apoio! Continuou: olhe para a casa de teu filho! A tua nora e os teus netos para um lado e ele para outro. Veja a cara da Érica, se aquilo tem cara de mulher feliz! Os filhos já experimentaram de tudo, só por detalhes não experimentaram a droga. Mas ainda vou pegá-los de jeito! Daqui a alguns meses vai ter uma festa, aí quero ver se eles vão resistir aos meus apelos. Você sabe como sou danado! Eles não têm um Pe como você teve em seu caminho. Filho, pelo amor a tuas criaturas e pelo amor que eu tenho a elas que são meus netos e minha nora, fique do lado deles e não do outro lado! Sei, o tempo de teus negócios é importante, mas não menos importante que o tempo dos que te amam.

A conversa com o Diabo ainda não terminou. Ele percebeu que me atingiu em cheio. Ele sabia que o meu fraco é a vida de meus filhos e netos. Não sei que força é que me ata a vocês todos. Você ainda era pequeno quando enterramos a tua sobrinha, a filha do Hermeto e da Julita, lembra? Quase enlouqueci e, se não fosse o Pe esclarecer de como as leis da natureza fazem também a gente morrer e, no caso, escondidas no veneno de um escorpião, eu teria desaparecido de tanta dor. Até abraçar um cavalo eu abracei querendo dele tirar um pouco



de força. Por isso o Diabo se empertigou todo para me atingir em cheio e foi falando: não pense que você, velha Taglieber, será capaz de convencer o Fritz Sigmund a se comportar diferente. O sucesso dele está tão em alta e não vai ser uma mulher velha, que é apenas um toco de gente, que fará com que mude de jeito. A tua conversa, Ludi, já passou! E quem vai dar pelotas para uma mulher ingênua com uma fala que mal dá para ouvir? Desta vez, filho, tirei forças de toda a minha alma e pedi, também, que teu falecido pai me ajudasse. Joguei uma pedra que atingiu em cheio, adivinha filho, onde? Os bagos do leão! Ele saiu em disparada. E disse entre roncos: essa doeu! Ainda deu para ouvir: mais ainda vou me esforçar para acabar com tua raça!

Acordei toda suada e você sabe como estou magra. Então pensei: é hoje que vou desaparecer.

Te escrevo, filho, sobre este sonho, para ver se te ajudo.

Tua mãe, Ludi.

N.B. Te aviso, caso o Diabo aparecer de novo.

Ludi quase venceu o diabo

Por muitos dias lutou Fritz com a carta de sua mãe. Suas reflexões iam desde bobagem da velha, até... será que ela não tem razão em usar do Diabo para me atingir? Amava em sua mãe as histórias extraordinárias. Amava até sua loucura por causa dele. A sua natural inclinação e competência em dominar as dificuldades não seriam resultados das histórias de sua mãe? Era quase uma feiticeira. Assim como ela ficava enfeitiçada pelos personagens míticos, assim ele se enfeitiçara pelo poder de organizar pessoas e a natureza em torno de seu propósito de empresário. Aí estavam as vacas e seus empregados rendendo geometricamente. Sabia também que estava longe de agregar a dignidade e a grandeza da vida humana às condições de trabalho. O que um dos irmãos o fez notar era o fato de contaminar a todos com esta fome por rendas e lucros. Todos estavam engalfinhados, de manhã à noite, no trabalho, tendo o máximo de orgulho de poder produzir tanto e tão bem. Pouco importava se os riozinhos secassem e se os empregados não soubessem o que fazer depois da aposentadoria. Pouco importava se consumia o tempo em horas extras, enquanto os filhos tivessem apenas a escola como lugar para aprender. Julgava que assim devia ser: as vítimas estavam contentes.

O Diabo da carta da mãe, mais que tudo, atingira-o, por mais que quisesse negar. Reservou um lugar de seus pensamentos para implementar a vontade de fazer o que mãe solicitava. A bem da verdade, não tinha vontade nenhuma de seguir o que ela propunha. Riu dentro de si falando a seus botões: vou ajudá-la a vencer o Diabo, mas cadê o diabo da vontade! Lembrou-se de seu professor de Psicologia do Trabalho. O seu mestre lembrava de uma pequena



pergunta que um discípulo de William James fizera a seu mestre. Qual seria a maior descoberta em psicologia? James respondeu: *até bem pouco tempo atrás se pensava que, para agir, você tinha antes que sentir. Hoje nós sabemos que o contrário também é verdadeiro: você começa a agir e a vontade aparece.*

Meio contrariado, começou a ir para casa um pouco mais cedo. Durante o dia telefonava só para dizer que se lembrara de Érica. Foi até à casa de alguns irmãos só para jogar conversa fora. Foi tomando, então, um pouco de gosto pela simplicidade de suas ações, coisa, dizia ele, que qualquer um podia fazer. Mas se autoconvença de que também ele era qualquer um. Passava-lhe pela cabeça de fazer um telefonema, o que na empresa não era comum e, em seguida, inadvertidamente, discava para sua gente.

Se fosse ver sua mãe e prolongar a conversa dela com o Diabo? Resistiu dizendo: se isto era coisa para um dono de empresa: sair do expediente para conversar sobre o demo, ainda mais que era fim de ano e o tumulto aumentava. Ao entardecer, porém, convidou Érica e ambos foram até a Divisa. Sentia um formigamento em seu peito e para, resolver melhor o tumulto interior, foi ver de perto a ela e a história do Diabo

Foi grande a surpresa de Ludi quando, numa sexta-feira de advento, ao acender a primeira vela e, enquanto cantava sob o olhar encantado de Helga:

*Um anjo à virgem santa,
Embaixador de Deus,
Mensagem traz que espanta
O inferno a terra e os céus!*



ouviu o ronco da Hillux e dela saltaram seu filho e Érica. Quando Fritz abraçou-a com ternura, percebeu pelo abraço que havia novidades em seu coração. Ela beijou suas mãos como se devesse gratidão. Érica, após abraçar a sogra, foi ter com Helga. Percebia oportuna a hora de deixar o marido se haver com a mãe. Ela era uma exímia professora e, em razão de possuir uma inteligência social altamente desenvolvida e sentimentos de bondade incomuns, apreciava deixar bem quem dela necessitasse. Ouviu, à distância, o diálogo que se iniciara.

- Que bom que você voltou!

- O bom filho...

- Como vão os meus netos?

- Acho que agora melhor.

- Por que agora?

- Depois da surra que a senhora Tachlieber me deu, comecei a pensar e a agir um pouco diferente.

- Sabe que eu também comecei a pensar melhor sobre tuas empresas. Mas gostaria de aprender ainda mais para saber em que mundo meu filho anda metido. Sabe que assisto, na televisão, à propaganda dos teus produtos. Senti que você, além dos produtos que vêm do leite, está dando atenção ao cuidado. Gostei de uma que diz: *fique forte não só com este iogurte, mas agradecido com a bondade de quem te oferece.*

- Sabe, mãe, estou fazendo academia com o Henrique e o Augusto?

- Estava na hora, antes que voassem para longe de você. A alegria que você me dá é maior que se dissesse que havia comprado



o céu para mim. Meu filho, você se importa de explicar um pouco mais sobre como funciona o teu trabalho. A tua mãe é muito bronca, por isso gostaria de aprender mais. Escuta, as empresas dão muito lucro?

– Tenho ultimamente muito lucro. Tenho levado o nosso alimento para outros países. Aqui a propaganda está convencendo a comprarem cada vez mais.

– Posso saber o que você faz com tanto dinheiro?

– Vou dizendo já. Pagamento de funcionários, propaganda, investimento na empresas, apoio aos agricultores, transporte, embalagens e apoio aos políticos. Sabe que a gente deve pagar para que os políticos consigam alguns incentivos fiscais, senão os impostos comem a gente pelas pernas. Também é necessário uma reserva de capital. Já imaginou, mãe, vir granizo ou uma ventania e caírem os galpões sobre as vacas dos agricultores? Estou agora buscando criar uma empresa alternativa que lida com aves. De repente o rio não dá mais peixe; tenho, então, um açude de reserva. Mas, mãe, por que esta pergunta?

– E o que fazem aqueles que se aposentam?

– Vão descansar. Poucos retornam. Mesmo velhos, trabalham.

– Isso é ruim, meu filho. Ninguém consegue ter a cabeça boa fazendo nada.

– Mas assim é que é, minha mãe.

– Não pode ser diferente?

– Não sei!



– É que pensei comigo: se eu não soubesse ler, se eu não tivesse todos os netos com que me ocupar e aconselhar. Se não tivesse a minha horta e o meu jardim. Se não tivesse a Igreja. Se não tivesse minha cozinha, não sei o que seria de mim. Será que não sobriaria um pouco de dinheiro para aprender alguma coisa, além de ter destreza, como você disse, no próprio trabalho? Onde vão aplicar a vida deles quando saírem de tuas empresas?

– Mas qual a minha responsabilidade sobre a vida deles fora do trabalho?

– Eu penso: já que trabalham durante uma vida para você, poderia dar uma ajuda para que não fiquem à toa depois. E eles têm plano de saúde para depois da aposentadoria? Com que vão se ocupar depois?

– Mas de onde a senhora está tirando tudo isso?

– Estou estudando junto a um grupo de idosas, entre uma conversa e outra, vamos pensando estas coisas. Não quer me contratar? Vou me formar no fim do ano!

– Posso não contratar, mas bem que a senhora poderia puxar uma conversa com um grupo de aposentados da empresa.

– Pagando bem que mal que tem?!

– Então, também minha mãe tem, no sangue, o diabinho do capitalismo! E sabe, mãe, que vou transferir uma de minhas empresas para o Nordeste?

– É bom ajudar os pobres!

– Não é bem isso, mãe. É que o trabalho lá tem um menor custo e os incentivos são melhores.



– Já estava pensando que meu filho fosse um santo!

– Não cheguei a tanto. Além disso, aqui muitos estão metidos no mesmo negócio e isso aumenta o salário. Então, a disputa do produto é grande e o lucro é pequeno.

– De fato, os filhos do dinheiro são mais espertos que os filhos do amor.

– Estou aprendendo com a senhora sobre o amor extraviado. Vou pensar neste programa social de oferecer cursos e algumas práticas melhores para que todos possam sair melhor do trabalho.

– Vai ver o quanto serão gratos.

– Mãe, vamos passar este Natal aqui com a senhora.

– Não acredito! Se soubesse que um puxão de orelhas fizesse tanto bem, teria feito isso muito antes. Nunca um Diabo me ajudou tanto.



Ludi fala aos filhos sobre Godofredo

Aos 94 anos, Ludi convocou seus filhos a passarem o Natal com ela. Sentia, como uma índia ouve o crescer das gramas, que o seu tempo se esgotara. Desde muito, tinha culpa por não ter dado a devida importância ao pai de seus filhos. Depois do jantar, mandou que as crianças e os jovens se retirassem. Que seus filhos a ouvissem: muitos de vocês já envelhecem e Helga já se foi. Perdemos também o Edgar. É a lei de Deus. Vamo-nos todos no caminho de meu marido, vosso pai. É dele que tenho obrigação de falar. Quero que tenham uma grande gratidão. Tenham gratidão, principalmente, por causa do tempo em que estive mal durante cinco anos. Ele teve paciência e, naqueles dias difíceis, foi ele quem não deixou a nossa casa passar mal. Peço também perdão por não ter dado a atenção quando mais vocês precisaram. Muitos de vocês sofreram, durante a vida toda, a distância daqueles dias em que estive em minha loucura. Agradeço por nunca terem me culpado. O sofrimento não foi maior dentro de casa porque o vosso pai teve paciência e sempre teve esperança que tudo passaria. Lembram o quanto trabalhou para que todos tivessem condições para dar início ao caminho de cada um. Se ele não falava quanto eu, não significava que não estivesse presente. Quando pequenos deliberávamos sobre o que tinha de ser feito. Era ele quem tinha prudência. Sempre fui uma mulher apaixonada por tudo, por isso nem sempre tinha a melhor decisão. Ele me fazia pensar.

Cecília se pôs a falar: mãe, sabemos de nosso pai. Sabemos todos que nossa casa foi boa como um ninho para os pássaros. Não há motivo para pedir desculpas. A senhora sofreu muitos dias, mas o resultado daqueles dias não foram ruins. Ouvimos as histórias que



não ouviríamos se estivesse sempre com seu pensamento normal. A noite compensava o dia. Dormíamos em paz e seus netos continuam a dormir alegres por causa de suas histórias. Sabemos que nosso pai era mais silencioso, entretanto, todos tinham certeza que seu pensamento sempre estava voltado para nosso bem. O galpão estava sempre cheio de produtos e os porcos rendiam o suficiente para nosso sustento. Adoramos a casa que ele ergueu. Mais parece ter sido desenhada por um arquiteto e erguida por um engenheiro. Sua beleza ainda nos encanta.

Ludi interrompeu a fala de Ceccília: obrigado Cecília pelo reconhecimento e gratidão. Sempre tive receios que houvesse ficado algum descontentamento no corpo e na alma de vocês. É Natal e quero alegria e mais alegria. O vosso pai nunca gostou de saudades. Dizia que se deve olhar para frente. Sempre foi essa sua atitude, mesmo quando as dificuldades estavam dentro de casa.

Os outros falaram rapidamente, alguns lembrando pequenos fatos, mostrando o quanto os Taglieber estavam bem, graças ao passado sem grandes reparos. Cantaram e rezaram, quando a piaçada já não controlava a algazarra.



Depois do Natal

Houve uma razoável fraternidade naquele Natal. Hermeto e Edgar vieram, entretanto, ressentidos com Fritz. Tantas vezes haviam ido até ele, mas nunca estava para um dedo de prosa. Fizeram com que os sobrinhos passassem pelo departamento de pessoal, obrigando-os a se submeterem, como todos, aos caminhos dos funcionários. Alguns não atendiam ao perfil desejado, assim era-lhes dito. Mais uma vez ficou exposto o conflito entre o desejo particular e as exigências institucionais.

Fritz, a esposa e os filhos ficaram para a noite de Natal. Ele se sentia um tanto estranho, pois as distâncias culturais e de interesses se somavam, porém, conseguiu retirar da infância o menino para poder conversar sobre lembranças e, aos poucos, todos estavam atados no mesmo nó. Causou surpresa o modo de Érica estar entre eles, não demonstrando qualquer dificuldade em apreciar os antigos jeitos de ser. Havia, entretanto, uma nuvem no ar. Ludi percebia algo que todos queriam ocultar. Sentiu a falta de Augusto. Por que Augusto não veio?, insistia a velha senhora. Por mais que Érica quisesse esconder havia uma tristeza debaixo dos sorrisos. Em seu interior perguntava-se: como estará ele em seu tratamento na Fazenda Esperança. Consolava-se, pois que o padre diretor do centro de recuperação lhe garantia que o seu menino não estava mentalmente comprometido. Senhora Érica, dizia o padre, deixa ele aqui, mas depois vejam se podem estar mais perto dele. Agora ela rezava pra que o tempo fosse breve. Ela e Fritz não deixariam mais o mal acontecer. Todavia o padre alertara ao Fritz: veja senhor, o diabo é safado. Esse garoto precisará por muito tempo da presença constante do pai. Aquela noite Érica estava agradecida pelo pai que



Fritz começava a ser. Amou-o ainda mais, por saber de suas raízes tão cheias de seiva. Ludi fazia de tudo para aproximar os primos e alguns dos bisnetos que já cresciam, alguns entre a pobreza.

Durante a noite Fritz sonhou, mas não conseguiu decifrar seu sonho. Em algum lugar de sua memória ficaram antigas lições de economia, nas quais havia uma menção a que se fizera uma lei diminuir a animosidade entre Holanda e a Gran-Bretanha, em razão da disputa em torno do mando sobre os mares. A lei rezava que a Holanda enfraquecesse seu poderio naval, e, assim se fez, e a Grã-bretanha dominou os mares, apesar do sofrimento holandês. Acorudou em sobressalto e suado, perguntando-se quem seria um e quem seria o outro em sua vida?

Ludi, ao amanher chuvoso daquele Natal, chegou-se em Fritz: te falei do diabo. Sei que o Augusto foi pego por ele. Agora vamos ver o que dá para fazer. Tenha menos poder, meu rapaz! As horas do amor exigem companhia.

Depois do Natal, a proximidade viabilizou-se ainda mais e Fritz, movido por sentimentos de intimidade, prometeu mediar os rigores da empresa com algum outro mecanismo, mas disse que não se afastaria da excelência necessária.

Depois as coisas andaram desta maneira: a administração de suas empresas continuava a render bons frutos, isso é, muito dinheiro, vivendo Fritz em constante conflito, dúvidas e decisões, mas já se anunciavam linha escura no horizonte da economia. O diabo do poder rializava com sua casa. As dificuldades eram sobranceiras. O Estado avançava com seus impostos, enfraquecendo a economia, invadindo os esforços, a ponto de ele apoiar as candidaturas de políticos que prometiam maiores incentivos. Aprendia, cada vez mais, que a amizade política, bem alimentada, valia mais que prudentes



medidas, obediente a uma antiética nacional: aqui mais vale uma amizade que a obediência às leis. Mais que tudo, causava-lhe engulho a centralização de poderes, fazendo com que tivesse de participar além da justa medida, com seus esforços, nas injustiças locais. Dizia: pobre Rio Grande do Sul, pobres municípios, pobres empresas, pobre gente!

Quando cansado de buscar crescer e remediar a vida de seus trabalhadores para que, após a aposentadoria, tivessem opções de ocupar o tempo livre com projetos de comunicação social, ia até sua mãe. Confessava-lhe seus constantes limites e a velha senhora Taglieber tinha sempre uma palavra para encaminhar a verdade, ou, ao menos, iluminar um pouco suas decisões. Não poucas vezes, entretanto, ficava à mercê de seus antigos costumes. O esquecimento do meio-termo entre o poder e a bondade era inevitável. Mais ria o Diabo do que Deus. De outras vezes parecia que, enfim, se converteria e seria o maior arauto da encíclica *Rerum Novarum*.

Numa das visitas que se tornaram mais constantes, Fritz ouviu da velhora senhora que se definhava: que bom que tu estás bem, Fritz! Pelos olhos dá pra ver que tua casa está melhor.

Das despedidas

Certa tarde, Fritz, cansado de seu trabalho, telefonou para Érica, a sua Valquíria reconquistada, convidando-a a pegar sua mãe na Divisa e irem até às colônias velhas.

– Ué, o que deu em ti de sair do trabalho?, inquiriu a mulher.

– Minha mãe andou sugerindo sobre a possibilidade de um dia se despedir de seu lugar. Brincou ainda, do seu jeito, dizendo que, assim, iria direto ao encontro de Godofredo sem perder tempo em rever as velhas estradas de seu lugar, que não lhe saem da cabeça.

– Então, vamos. Levaremos os meninos ou deixaremos que se cuidem?

– Vão junto sim, respondeu Fritz, – afinal eles têm grande admiração pela vó, apesar de ela pegar no pé deles.

– E quando pega tem razão, finalizou Érica.

A surpresa de Érica não era sem razão. As dificuldades da empresa se multiplicavam. Augusto e Fritz estavam metidos até o pescoço em arranjar meios de equilibrar todas as coisas. No meio de tudo estava o Fritz, assustado ainda com o Augusto e com as decisões sempre urgentes de trabalho. O piá andava sempre em dificuldades. Parecia que, de fato, um demônio interior o incomodava. A avó seria mais uma força para ele. E lá se foram a rever as antigas colônias.

A viagem reservou surpresas pelos regimes da paisagem, do clima, dos costumes e das diferentes idades, o que era um convite para alargar e suavizar a alma. Nunca viram Ludi falar tanto, prin-



principalmente na volta. Na ida, consumir dois de seus grandes desejos: ver seu Fritz com sua família reunida e voltar para os testemunhos de suas grandes lembranças. Motivo de muita alegria foi o de poder olhar nos olhos de Augusto, tendo, ao lado, o sereno Henrique. Meu Deus, se alegrava, como deu bom esse meu piá Henrique. Entre cardos cresceu e de uma alma sublime. Com seus olhos velhos, mas penetrantes, poderia passar um pouco mais de luz e, se fosse necessário, olhar de frente o diabo que se avizinhara de seu neto. Já bastara que o mau destino levara sua neta Ester, o maldito não levaria vantagem nessa peleia direta com o mal. Sabia, também, que lá a esperavam as imagens que inspiraram sua vida. Teriam seus netos também a ventura de retirar daquela antiga geografia um motivo bom para caminhar com maior virtude. Nada estaria distante, pois sua imortalidade aí estava e que eles dela também usufruíssem. Desconfiava, faz tempo, que, ao menos, a vida, quase-eterna, se dá pelas trocas que ficam. A imortalidade de seu avô daria continuidade nos seus netos, sendo ela a mediadora. Dessa maneira, as almas iam se constituindo através dos tempos. Todavia, para garantir possíveis recompensas celestiais não duvidava que, além dos feitos ficantes, transportaria o que havia infundido de bem em sua própria alma. Não lhe fugiam, certos dias, pensamentos estranhos, como aqueles que, sendo sua alma uma mula, levaria na garupa todos gestos, palavras e dores. Entraria solene eternidade adentro. Depositaria nos pés do Senhor o que colhera, retomando sua forma humana. Reprendia-se por tais devaneios. Sobre a eternidade nada foi lhe dito, o melhor a fazer é esperar, dizia-lhe Pe Lassberg.

No caminho da volta às origens, via a transformação de tudo, principalmente a dela. Saíra de Tannenwald ainda menina e voltava uma velha, mal cabendo em seu no corpo diminuído. Quando viera trazia sonhos e preocupações e, quando voltava, pouco mais que o silêncio carregado de lembranças. Agora estava aí em seu corpo



tomado pelo tempo, contudo espicaçava-a, constante, a sorte de todos os netos. Estava de uma face austera, carregada de sinais. Seus lábios que eram carnudos e seus seios fartos e fortes agora vinham sem vigor. Os lábios, parecia que tinham se estendido para o queixo e os seios firmes agora estavam voltados sobre o ventre. Nada, porém, que pudesse comprometer sua felicidade. Seus filhos, com casa própria, não tinham se afastado muito do poder e do amor tão bem delineados nas histórias de seu avô.

Levaria a tarefa de sua vida para o velho avô avaliar do que foi feito desde que havia saído da casa de sua origem. Não havia comido das maçãs de Idun, mas tivera o suficiente dos amores de Freia. Do deus da alegria trazia bagos saborosos colhidos das vinhas de Balder, o deus dos largos sorrisos que jamais, depois de morto, conseguira voltar à casa dos deuses. Na casa de Ludi, porém, as coisas haviam se passado melhor do que acontecera com Balder, deixando as oscilações de suas empresas. Ô tempo, para matar a quem trabalha, filosofava. Não faltara, somando-se os auteros controles, a alegria e, agora, seu filho Fritz a trazia de volta cheia desta virtude. É verdade, passara pela loucura, pelo suor, por lágrimas das perdas de neta e do marido, e mesmo sua filha Helga fazia pouco falecera. Nada disso fizera ruir a casa da alegria, o maior sinal da felicidade. Atravessara o lago da vida sem extremas angústias, pois tivera, como Dante a Virgílio, ela a seu bendito Pe. Aprendera dele: nada pode ser estranho aos seres humanos. Estivera como Dante com seu Virgílio, atravessando céus e infernos. Até ela consolara o Pe diante da raiva de ser afastado de Santo Cristo porque chutara o chapéu do bispo. Assim sendo considerava-se também poderosa, embora não tendo o anel de Albricht. Não carecia dele, pois seu poder não residia nos bens dos anões. Sua riqueza estava em algumas virtudes associadas ao bem-estar. Vinha confessar ao seu avô que, se não fora possuidora do martelo de Thor, fora madrinha do sino da Divisa,



que, se não fazia repercutir seu som por toda a terra, ao menos os habitantes do pequeno lugar sabiam que ela tinha sido madrinha do sino. O som, ora triste, ora festivo, se produzia por causa de seu apoio fundamental. Voltava pequena e sem forças, mas seus netos gostavam agora de ouvi-la. Poderia marcá-los com o sinete de sua palavra, como havia sido marcada por seu avô. Ria, por vezes, de presenças antigas e os netos diziam: conta vó, do que a senhora está rindo. Contava sobre seres reais e imaginários. Os netos foram os que mais se admiraram do comportamento de Ludi, durante a sua estada em Tannenwald e de seu regresso à linha Divisa.

A tarde em que fora até a pedra de seu avô marcou a todos. Silenciosa, como os dias em que estivera louca pelas matas da Divisa, foi o dia em que voltou às memórias de seu avô. Temiam que voltassem seus elfos e outras figuras que se aninhavam em seu coração. Rompeu o silêncio no dia seguinte. Suas palavras eram uma tempestade. Mais parecia que dialogava com ele. Uma a uma se repetiam as histórias antigas. As lições dos anões e dos gigantes, dos deuses e dos apóstolos se confundiam. Repetia, mais que anteriormente, sobre a vilania das riquezas e sobre a pobreza dos deuses sem a deusa Freia. Indo ao local de sua antiga casa, ficou desolada por ver uma tapera. Ouviu-se apenas como um gemido: tudo se foi. Os ventos sopraram a alma de minha mãe e de meu pai. Agradeço-vos por conceder-me a intensa vontade e os desejos loucos. Agradeço por meus olhos e ouvidos e tudo o mais que fez brilhar a minha vida. Expressava-se como se declamasse uma poesia. Minha casa, cadê minha casa? Tudo é silêncio dentro dela. Os passos eram leves e brandos. Onde meu avô, que vinha pela estrada e o quintal, cadê? O coqueiro quem cortou? Cadê a água limpa dos baldes de meu pai. Cadê os peixes pescados à noite? Cadê a mão de minha mãe, dividindo, orgulhosa, o pão? Cadê a atafona e a roda gigante?



A ausência, entretanto, era apenas material, uma vez que Ludi trazia tudo em seu peito. Nada havia se perdido, e as questões levantadas deixavam penetrar uma saudade sem estremecimentos. Falou longamente com Valesca. Ela estava triste. A minha alegria ficou pela metade, depois que Guilherme se foi, dizia. Dois filhos estão em Porto Alegre e eu aqui esperando o fim de semana chegar para abraçar meus netos. Para consolar a cunhada, Ludi mostrou o quanto ela havia se mostrado solícita e alegre depois do casamento. Valesca repetia: com um homem como o meu, não era possível passar uma hora sem alegria. Ainda bem que rápidos foram os dias em que as crianças choravam. Ainda bem que ficou o Godofredo Sobrinho, o nosso rapa de tacho, que tem na terra um amor como o tio dele. É pra ver como a mão dele se dá bem com as plantas!

Na volta para a Divisa é que as palavras foram alentadoras para o espírito da velha senhora. Avaliava, passo a passo, incluindo a trajetória do cunhado Guilherme. Um dia vou mostrar as cartas que mandava para o Godofredo. Os comentários sobre Valesca e os filhos eram motivo de muitas risadas. Quando falava de suas dificuldades no casamento, não tinha ninguém que não risse de si mesmo e de sua gente. Não esqueço de uma delas onde escrevia: o amor também é uma grande brincadeira, parece, Godofredo, que ninguém vence. Me sinto capaz de alegrar Valesca, de modo especial, quando levanta azeda. Não é que quase me bateu um dia quando chamei ela de coalhada! Os filhos deles, aqueles nascidos pelas convicções da santa madre Igreja, tinham uma bondade natural, mas pena não terem o humor alegre do pai. A mãe temia que eles tivessem a jocosidade do Guilherme, mas não queria que fossem duros como ela. Ela o percebia como exagerado na forma de provocar risos em tudo. Somente após seu falecimento, percebeu que o riso é o rimão da alegria. Ele dizia que assim agia porque a vida nem sempre fora generosa. Nos velórios era ele quem conseguia fazer da



morte momentos de esquecer o silêncio. Nem ele sabia ao certo que desejo o habitava quando alguém falecia. Não importava se a morte fosse trágica ou suave como o ciciar de uma palmeira. Havia nele uma compulsão como uma lei: onde houvesse qualquer sofrimento punha uma brincadeira. Somente não se acostumou ao choro de seus filhos. E deste jeito foi pelo resto de sua vida. Quando um de seus filhos estivesse em situação difícil e suas vozes ficassem tensas, se precipitava sobre Guilherme um desespero tal, como se o corpo estivesse sendo esmagado numa prensa de fazer garapa ou banha.

Ludi repetiu, também, as falas de Pe Lassberg, parecendo mais uma oração de despedidas. Era de ver como ele sabia dizer palavras que iam além do que estivesse acontecendo. Nunca pensei que estivesse mais para ajudar os agricultores que ajudar a Deus, dizia a velha senhora. Falava que Deus é forte e sabia se virar, bem diferente dos homens e das mulheres, que mal se seguravam de pé. Para ele, Deus não mora muito mais longe do que cem metros de nossas casas e, se, aí, a gente não sabe o que fazer, muito menos saberá depois de duzentos metros. Cada paisagem era notada por Ludi. As árvores altas e as montanhas azuis à distância eram seus espaços preferidos. As árvores cresceram assim para não se sufocarem no meio da mata. Respeito as árvores altas porque lutaram. E perguntava: quem é que sabe o que se esconde numa montanha?

Mais que todas as conversas foram os conselhos de Ludi. O tema da conversa surgiu espontânea, quando Ludi lembrou uma história do Pe Lassberg em torno de um peixe: dizia o marido para sua esposa: por que você tira a cabeça do peixe quando faz o enso-pado. A mulher respondeu: é que a minha mãe sempre fazia assim. O marido foi saber da sogra a razão de tal conduta. É que minha mãe sempre fazia deste jeito, respondeu a mulher. Ao perguntar para a avó de sua esposa por que assim era feito, esta lhe disse: é que



a panela era pequena. Ditas essas palavras, Ludi refletiu: pois é, as coisas mudam, mas para mudar deve haver uma panela um pouco maior. Se o costume é apenas produzir e produzir, quem sabe pode haver uma razão maior do que apenas ver o trabalhador como um fabricante. Fritz logo saltou na frente: se minha panela fosse muito pequena, nem estaríamos viajando para as colônias velhas. Mas, a mãe, sempre preocupada com as ambivalências da alma, foi dizendo: é verdade, mas o Evangelho diz o seguinte: quando se expulsa um Diabo, dez outros tentam entrar pelas janelas. Mais uma vez Ludi usou parábolas para se fazer entender: duas rãzinhas estavam diante de duas bacias de águas limpas; uma saltou para dentro tentando se refrescar e, imediatamente, saltou para fora, ao sentir que a água quase fervia. A outra, banhou-se numa água tépida e gostosa, mas que, aos poucos, foi esquentando e a rãzinha se acostumando com o aquecimento. Outro dia a sua companheira encontrou-a morta dentro da água quase fervente. O que eu quero dizer, Érica e Fritz, é que a gente se acostuma dentro de um ritmo de vida e nem percebe o quanto se está afastando do que é melhor. Por isso, o melhor de tudo é sempre examinar com atenção e ver se a gente está usando a melhor panela. E depois disso avançou mais e buscando firmar mais os viajantes dentro de alguns princípios que aprendera com seu Pe. E, ao citá-lo pela enésima vez, Érica brincou: minha sogra, a senhora não era apaixonada por ele? Ela mais que rapidamente: acho que sim, mas eu tinha um compromisso que me era suficiente, o Godofredo. Além do mais, Érica, não seríamos felizes, por que meu pequeno amor tiraria o seu maior amor. Ele devia ficar com sua panela grande. E já pensou como ficariam meus filhos e o Godofredo? Érica, existem amores que não têm nada a ver com a realidade e servem apenas para mostrar como é bom o que temos. O poder e o amor são semelhantes. Não dá para exagerar. Ambos podem deixar a gente muito doente. Mas a história do Pe que eu



quero contar é a seguinte.

ANTÍGONA

Havia, em terras pagãs, uma mulher chamada Antígona. Queria enterrar seu irmão, apesar da proibição do rei. O interesse da mulher era pessoal e a ordem do rei era superior ao interesse dela. A ordem do rei, de acordo com a própria população, ia além do bom senso. Antígona deu sepultura ao irmão, sem respeitar o rei. Lembro, como se fosse hoje, o Pe Lassberg lendo naquele livro: de todas as coisas a mais bonita é o homem e a mulher. Eles são capazes de andar sobre as ondas rebeldes, são capazes de tirar da terra um alimento abundante. Domaram as feras violentas e até fizeram com que as aves deixassem de voar, para alimentá-lo. Fizeram leis muito certas e retiraram das assembleias o que têm de melhor para não conceder vantagem a ninguém. Foram capazes de não serem atingidos pela agressão do frio e da tempestade, que é capaz de levar para longe um pobre vivente. Os homens e as mulheres são capazes de buscar recursos inesperados, ora para o bem, ora para o mal. Volto à história: mas, como em tudo tem um mas, quando se trata de gente ninguém está livre de fazer grandes pecados. O rei de cujo nome não lembro, não quis ouvir ninguém. Não agia com bom pensamento, mas carregado de ódio. Ele era tão orgulhoso que até dizia: ninguém pode contestar o que eu digo. Entendia que a pobre mulher era escrava de sua vontade. Pensava que a lei que impusera devia ser obedecida, não importando os fatos. Ela, porém, enfrentou o rei, chegando a dizer para ele: pode haver uma lei maior do que aquela que agrada aos deuses e à natureza, que é dar sepultura ao meu irmão? Ninguém diz estas coisas, senhor rei, mas sabem que ages com erro. Mordem a língua porque tem medo de ti. O rei chegou a dizer: era só o que me faltava permitir que uma mulher me



governe! O filho do rei também veio falar com ele.

Os filhos começaram a reparar a paisagem e, meio cansados, perguntaram:

– Vó, aonde a senhora quer chegar com esta história?

– Deixe que termine para saber onde eu quero chegar, emendou. E me deixem que vá até o final, porque meu tempo é curto e se não conversar agora, vou conversar quando? Posso continuar *Heinrich und August*?

– Pode, vó, vamos ficar quietos até saber de toda história.

– *Das ist eine schöne Geschichte!* – falava com muita propriedade e inspiração sobre o destino final de Antígona – , o filho do rei foi o mais avisado e falou muito acertadamente: meu pai, toda a população lamenta a sorte desta mulher e comentam que não existe lei que possa proibir uma pessoa livre de enterrar seu ente querido. Quero que tu, meu pai, brilhe, e a maior ventura de um filho é ver a grandeza dos pais. Por isso, o que falo é para ajudar a que não erres no teu procedimento. Grande erro comete quem não é capaz de voltar atrás de sua decisão, precipitando uma ação injusta. Tu não podes morar numa só verdade, e esta lei não tem como fonte a razão. Quem não se abre à voz dos outros fica com seu saber incompleto. Aprender continuamente e ser flexível não é vergonhoso.

– Vó! Que coisa mais complicada essas palavras!

– Comecem a pensar! É um pouco mais difícil, mas não dá para perder uma alegria maior! E a velha senhora continuou: um dia vocês vão lembrar dessa história. Pois é isso: a gente não só aprende para agora. É bom ter no saco de viagem um pão para depois. Crianças!, vejam como é bonito o que falou o filho do rei falou



ao seu pai. Disse ele: observa que, nos ventos do inverno, as árvores que cedem, salvam os ramos. Se o navegador não respeitar as ondas, o barco vira e a viagem termina com o casco ao vento. Modera-te, meu pai! Mas o rei não moderou e condenou a que a mulher, que era a namorada do filho, fosse enterrada por ter enterrado o seu irmão. O filho do rei que amava Antígona, tirou a própria vida de tanto desespero o que acabou fazendo com que a mulher do rei fizesse o mesmo ao ver o filho morto. Tudo isso porque o pai não foi cuidadoso em sua decisão. Assim parece: quem não põe toda atenção, sem medir tudo que faz, age mal. Quem se acha o bom, vai se dar mal.

Depois desta história Ludi dormiu, ao embalo do automóvel. Chegados à Divisa, foram dormir. Ludi foi incisiva em pedir que ficassem mais um dia com ela. Muito antes de todos acordarem, ela pôs a mesa do café, tendo providenciado o pão e as misturas ainda no dia anterior. Dizia sempre que no pão existe amor. E desse amor seus filhos não poderiam ter nenhuma queixa. Durante o café da manhã ela estava em silêncio até o momento que Henrique procedeu a uma pergunta:

– Vó, o que a senhora quis dizer mesmo com a história da mulher que o rei mandou enterrar?

– Ó, guri, vou te contar outra mais fácil, mas com o mesmo sentido. Existiam, na Rússia antiga dois irmãos, um bom como um anjo e um mau como um demônio. O rapaz mau era muito sem-vergonha e metido em confusão. Não queria estudar e vivia bebendo todos os dias. E até queria matar seu pai. Ele tinha inveja de seu irmão que se chamava Ilia. Este era bom, muito bom. Um dia o irmão mau contou, só para provocar o irmão, a seguinte história: havia um senhor podre de rico lá na antiga Rússia. Foi caçar com seus servos, que era uma gente quase escrava. Irritado por não ter



a sorte de caçar nenhum veado ou javali, ao chegar perto da casa de um dos pobres servos, atirou sua cachorrada a que atacassem um menino. Os cães mataram o menino a dentadas. De repente o irmão mau perguntou ao irmão bom: o que você faria ao homem mau, Ilia? Respondeu Ilia: eu o mataria! Então, você também tem um diabo dentro de você! – falou Ivan, o irmão mau.

– Mas o que tem a ver com a história de ontem, questionou Augusto?

– Fritz falou: o rei da história grega tinha um baita diabo dentro dele, por que não ouvia ninguém e o homem mau das estepes da Rússia tinha outro Diabo perverso, porque cometera um crime apenas obedecendo aos próprios desejos e porque não ouviu nem os gritos do piá. Agiu pior que o rei, que, ao menos, entendia que havia uma lei para ser obedecida. Mesmo Ilia tinha um diabinho. Ele também se achava no direito de fazer justiça com as próprias mãos.

– Mas , então – disse Henrique –, é tão difícil evitar os diabos!

As conversas foram adiante naquela manhã de sábado na Divisa.

– E disse Ludi, brincando, – de fato tem diabo de tudo que é jeito. Tem aqueles que se matam trabalhando e aí vem o diabinho da soberba, dizendo para eles que são os tais. Aí eles se enchem de razão e não medem nada que não seja pelo valor do dinheiro. Conheço uns meninos que acham, só porque o pai é rico, que não precisam estudar. Pois é: tem Diabo de todos os tamanhos. E cada um de nós carrega uma porção deles. Eles se divertem muito com a espécie humana.

– Mas a senhora acredita que eles existem, vó?



– Se não existem tais figuras, o coração humano é tão complicado que, se aos olhos os diabos não se dão a conhecer, parece, entretanto, existirem. O importante é tomar conta deles antes que tomem conta da gente.

Depois Fritz foi para casa, dando continuidade a seus negócios, cada qual seguindo suas vidas.

Com seus 95, Ludi enchia-se de presenças, apesar de andar sozinha pela casa grande. Todos os filhos queriam tê-la consigo, mas a nenhum deles ela concedeu esta sorte. Alguns vizinhos confessaram que a viam conversando, não sabendo com quem. Quando Érica chegou naquela manhã de sábado, desesperou-se ao vê-la sem sentidos. Ludi ainda sussurrou: o coração está ficando quieto. Não mais de duas horas depois a maioria dos irmãos estava dentro de casa. Não mais que um fio havia sobrado daquele corpo de mulher.

Não se conformavam de vê-la tombada. Fritz tomou-a no colo e levou-a até a cama, e lá estava a dama absolutamente só. Em pouco tempo puseram-na em sua cama derradeira, coberta das flores que plantara. Jamais se diria que aí havia repousado uma mulher forte.

Foram avisar um menino para que movesse o sino: sua madrinha havia falecido. Apenas o primeiro sinal fúnebre havia sido dado, quando se desprende o badalo e o sino, caindo-lhe a lágrima sonora, silenciou. Quando Fritz e seus irmãos souberam da notícia, mais se comoveram. Fritz baixou seus olhos avaliando que o deus Thor fizera silenciar o sino e, por certo, também silenciara seu martelo Miöllnir. Por diversos dias ninguém na Divisa ouviu trovão algum. A chuva que veio chegou silenciosa. Poucos lembravam o dia em que fora madrinha, dia no qual a Divisa começou a ter sua voz própria. Quando um dos filhos da Divisa subiu para ver onde ficara



o badalo, viu-o bem posto sobre tábuas, como se também falecera. Dias depois foi posto no seu devido lugar e o som novamente foi dado. Cecília, a mais poética das filhas, comentou com certo exagero, que se ao sino retornara o som, também sua mãe tomaria sua palavra, faltando apenas sua boca para pronunciá-las com vigor.

O silêncio inquieto de Ludi

No dia em que Fritz fez sessenta e cinco anos, cinco após o falecimento de Ludi, retomou a sua vida a ver se estava em consonância com os preceitos de sua mãe. A bem da verdade, Érica com 60, novamente andava triste como o voo silencioso da semente de uma paineira. Andava ao sabor do vento, mas sem destino. Vazia de si, diferentemente da semente da paineira. Fritz bateu-se com sua alma por todo um fim de semana e via que estava longe dos conselhos da velha senhora. Vinham-lhe abundantes as lembranças daquela viagem às colônias velhas ao falar da história do Pe: *tu não podes morar numa só verdade, uma vez que não obedece à razão. Quem não se abre à voz dos outros fica com seu saber incompleto. Aprender continuamente a ser flexível não é vergonhoso. Crianças!, vejam como é bonito o que falou o filho ao seu pai: observa que, nos ventos do inverno, as árvores que cedem, salvam os ramos. Se o navegador não respeitar as ondas, o barco vira e a viagem termina com o casco ao vento. Modera-te, meu pai. Mas o rei não moderou e condenou a que a mulher fosse condenada por ter enterrado a seu irmão.* As tempestades das circunstâncias administrativas andavam semelhantes aos furacões. Por mais que promettesse a si mesmo seguir o que dissera sua mãe sobre o amor e o poder, mal conseguia oferecer uma presença generosa aos seus. Mesmo que quisesse estar com Érica e os seus filhos, que agora já começaram a sentir os solavancos da administração, não conseguia senão falar nos termos próprios de quem dirige rendas e perigos. O baque da crise internacional fez-se sentir em Santa Rosa: os compradores da Europa diminuía suas compras. As vacas emagreciam.

Num certo dia estafante e de dissabores, lembrou-se da rãzinha que falecera na água fervente. Não menos ilustrativa veio-lhe a



nítida impressão de estar despertando cada vez mais nele o dragão. Sentia-se um Siegfried impotente diante da fera que nele ressurgia. Não mais, porém, infligia-se nele a necessidade do poder, mas a necessidade de avaliar, hora por hora, o que fazer. Sabia que a velhice não estava trazendo a prudência e a sabedoria, pois as circunstâncias eram tão severas que não conseguia encontrar o meio termo. Doeu-lhe muito reduzir o seu pequeno império. As rotas eram traçadas por seu conselho administrativo e, ultimamente, cercara-se de uma secretária que se insinuava. O diabo, conseguia pensar, sabe da melhor hora. Meu Deus, será que estou no tempo dos cisnes envelhecidos que cantam no final da vida? Ou será que vesti o terno da economia de tal forma que me sinto tão bem nele que não consigo desvestir-me dos hábitos que se impõem a quem produz? O caráter no qual pratico esta ética de costumes financeiros poderá ser menos autoritário? Ou será, no fundo de tudo, a natureza que busca fartar-se para que haja vida em abundância? Não será meu orgulho ferido de ver que tudo se diminui? Irrequieta andava a sua alma, isso dava para perceber de longe. Quem o visse à distância, via um homem que estava insatisfeito. Um dos psicanalistas disse-lhe que buscava o ar que lhe faltara. Outro ainda: que o afastamento sistemático em relação aos seus reproduzia o desejo antigo de vingança, resultante da dor infligida no parto. Contrapunha a eles que o prazer era mesmo ter domínio sobre as pessoas, as coisas e os artifícios de uma boa empresa. Dizia, com penetração, que sua mãe o havia modulado e o conflito poderia estar entre quatro contendores: os apelos do poder, os sentimentos obscuros de suas raízes, a dor de ver que tudo andava como num vendaval e os discursos exemplares de sua mãe. Resumia afirmando que o mais viável era entender que o poder e o amor nele lutavam bravamente. Dizia, brincando: a justa medida também cansa.

De uma coisa sua mãe não poderia incriminá-lo fazia tempo:



o cuidado que depositava em relação aos seus irmãos e sobrinhos. Mesmo aqueles que moravam mais longe eram beneficiados em suas vacarias. Vacas leiteiras eram oferecidas em condições muito vantajosas e muitos deles trabalhavam em suas empresas. Se, de um lado, sua preocupação excedia em relação aos seus empreendimentos, deixando a desejar no trato familiar, sobrava-lhe alguns esforços para que não faltassem recursos financeiros a seus irmãos. O que estava de seu lado era a boa vontade dos fornecedores de leite. Fora fiel na maioria do prometido, agora tinham deles um pouco de paciência. Por outro lado, os filhos estavam com ele. Fora uma conquista de Ludi.

A vida girava dessa maneira até o dia anterior ao aniversário de seus 70 anos. Impusera-se durante a vida que esta seria a idade em que estaria velho. Por mais que lhe dissessem: você labora em erro com estes pensamentos, ele insistia em se retirar para seus aposentos. Justificava: fragilizam-se meus sentimentos e eu quero ir para casa.

Todos admiravam que aquele homem incansável começasse a não mais corresponder às expectativas de todos. Surpreendia-se a si mesmo que a contração se fechava, todavia tinha uma certeza: não morrerei sem deixar para meus filhos uma empresa, embora mais pobre, mas saudável. Quero ir para casa, insistia. Vi crescer meus empreendimentos e deles tive honra suficiente. Quero amar a minha esposa e vou mostrar a minha face caseira. Crescerão flores em meu pátio e olharei demoradamente para as palmeiras. Pescarei no rio Uruguai. Tomarei algumas canhas com os castelhanos. Mais que tudo ouvirei o sino nítido da Divisa enquanto caminhar em suas estradas, mesmo que não a cerquem mais as árvores altas. Seria exigir muito tê-las de volta? Sentia-se como Odin tendo sua lança partida e uma das deusas do destino lastimando: ó poderosa



lança, quantos tratados e leis foram impressos em teu imenso cabo! Havia, entretanto, em Fritz, uma espécie de silêncio prazeroso. O som nítido do sino foi tocado. Entardecia no pequeno lugar. Mal se anunciava a Divisa: fazia poucos anos, cheia de crianças e, agora, quase vazia. Em passos rápidos na caminhada, Érica, com palavras entrecortadas, completou seu pensamento: se em tudo que houver pode-se tirar um pouco de sorte, então que se retire o necessário. Mas não é fácil saber-se do necessário, completou Fritz.

Toca o celular: eram os filhos chamando.

O que fazer, pai?





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

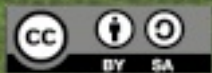
tempos mítológicos, surgem outros mitos mais severos que se interpõem na caminhada humana. O autor mergulha na terra onde nasceu e de lá retira sonhos ocultos e verdades nunca superadas. Os livros do autor, *Linha Divisa*, *Pedagogia seminarística e a Criação da Universidade de Passo Fundo*, entre outros, dão conta de elementos suficientes para expandir seu pensamento para além das fronteiras do tangível. Em tudo, porém, preside a grandeza humana, reforçando-se o grande Sófocles: “de todas as coisas, a mais bonita é o homem e a mulher”. E, principalmente, os dois, quando andam de mãos dadas arrostando tempestades, rindo e chorando no mister de viver.

“**E**stamos diante de um livro, na verdade estamos dentro de pequenas impressões, finas como um cabelo e que, uma vez desfeitas na nossa mente, não sabemos aonde elas nos podem conduzir. E num belo dia - nada mais, nada menos -, saltam para fora da memória, como se acabassem de ser recebidas. Só que, por efeito desse período de gestação profunda, alimentada ao calor do sangue e das aquisições da experiência temperada com cálcio, ferro e nitratos, elas aparecem já no estado adulto e prontas a procriar. Porque as memórias procriam como se fossem pessoas vivas. No livro, Agostinho Both fornece vida, energia, às pequenas comunidades de origem alemã, com suas sagas, crenças, culturas e tradições. Na nossa frente, descortina a resistência de uma mulher que tem fé, família e um fiapo de vida no qual se agarrar.”

Prof. Dr. Mauro Gaglietti
Coordenador da EDITORA IMED

PEQUENOS SERES DA TERRA

COLEÇÃO
SONHOS E RESISTÊNCIA



Domínio Público
Biblioteca digital: desinvento toda em cultura livre

